

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E TECNOLOGIA  
DEPARTAMENTO DE DESENHO E TECNOLOGIA  
CURSO DE DESIGN

**DANIEL DE QUEIROZ DOS SANTOS ABREU FIGUEIREDO**

**REDESIGN DE PÁGINAS DA BÍBLIA ALMEIDA SÉCULO 21**

São Luís - MA

2017

**DANIEL DE QUEIROZ DOS SANTOS ABREU FIGUEIREDO**

**REDESIGN DE PÁGINAS DA BÍBLIA ALMEIDA SÉCULO 21**

Monografia apresentada ao Curso  
de Design da Universidade Federal  
do Maranhão, para obtenção do  
grau de Bacharel em Design.  
Orientador: João Rocha Raposo.

São Luís - MA

2017

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

de Queiroz dos Santos Abreu Figueiredo, Daniel.  
REDESIGN DE PÁGINAS DA BÍBLIA ALMEIDA SÉCULO 21 /  
Daniel de Queiroz dos Santos Abreu Figueiredo. - 2017.  
84 p.

Orientador(a): João Rocha Raposo.  
Monografia (Graduação) - Curso de Design, Universidade  
Federal do Maranhão, São Luís, 2017.

1. Bíblia. 2. Design Editorial. 3. Diagramação. I.  
Rocha Raposo, João. II. Título.

**DANIEL DE QUEIROZ DOS SANTOS ABREU FIGUEIREDO**

**REDESIGN DE PÁGINAS DA BÍBLIA ALMEIDA SÉCULO 21**

Monografia apresentada ao Curso  
de Design da Universidade Federal  
do Maranhão, para obtenção do  
grau de Bacharel em Design.  
Orientador: João Rocha Raposo.

Aprovada em: 12/07/2017

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. João Rocha Raposo (Orientador)

Mestre em Design

---

Prof. Márcio James Soares Guimarães

Mestre em Design

---

Prof. André Leonardo Demaison Medeiros Maia

Mestre em Design

Dedico este trabalho aos meus queridos avós: João Damasceno, Maria da Paz, Juracy dos Santos e Jayr dos Santos (*in memoriam*).

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, que é a fonte toda a beleza e significado que experimentamos, e de quem procede a criatividade e inteligência humana que nos possibilita estudar e produzir algo de bom. Agradeço aos meus pais, Ivan e Jacira Figueiredo, e à minha irmã, Andréia Figueiredo, por sua generosidade, cuidado e paciência comigo desde que eu cheguei nesse mundo. Agradeço à minha namorada Kely Dos Reis, por me encorajar e me encher de alegria todos os dias. Agradeço também aos meus professores, em especial meu orientador João Raposo, pelo apoio e incentivo, e os professores Márcio Guimarães, André Demaison e Raquel Noronha pelas dicas e recomendações para que este trabalho pudesse ser concluído.

*“Todos nós desejamos o progresso, mas se você está na estrada errada, progresso significa fazer o retorno e voltar para a estrada certa; nesse caso, o homem que volta atrás primeiro é o mais progressista”. (C.S. Lewis)*

## RESUMO

Este trabalho consiste em uma proposta de redesign de páginas da Bíblia Almeida Século 21 (2013), com base nas diretrizes apresentadas por cinco autores: Robert Bringhurst (2005), Ellen Lupton (2006), David Jury (2007), Jan Tschichold (2007) e Timothy Samara (2010) e utilizando a metodologia de Munari (2008). A partir de uma revisão de literatura, foram coletados princípios de diagramação, que posteriormente resultaram em uma lista de requisitos. Essa lista serviu como parâmetro para a avaliação da Bíblia Almeida Século 21 e como fundamento para as decisões de design no processo de criação de um modelo novo. O estudo resultou em um arquivo digital em PDF de uma amostra do texto bíblico, pronta para impressão.

**Palavras-chave:** Bíblia. Diagramação. Design editorial.

## **ABSTRACT**

This work consists of a redesign proposal for the pages of the Almeida Século 21 Bible (2013), based on the guidelines presented by five authors: Robert Bringhurst (2005), Ellen Lupton (2006), David Jury (2007), Jan Tschichold (2007) and Timothy Samara (2010), and using the methodology of Munari (2008). Based on a literature review, layout principles were collected, which later resulted in a list of requirements. That list served as a parameter for the evaluation of the Almeida Século 21 Bible, and as a basis for design decisions during the process of creating a new model. The study resulted in a PDF digital file with sample of the biblical text, ready for printing.

**Key-words:** Bible. Layout. Editorial design.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Bíblia Poliglota Complutense, 1514-1517	19
Figura 2 - Novo Testamento de Erasmo de Roterdã, 1516	20
Figura 3 - Páginas da Bibliotheca, 2014	22
Figura 4 - Páginas da ESV Reader's Bible, 2016	23
Figura 5 - Páginas da Bíblia O Livro Da Vida, 2016.	24
Figura 6 - Páginas da Bíblia Almeida Século 21	26
Figura 7 - Elementos textuais da Bíblia Almeida Século 21 destacados	27
Figura 8 - Metodologia de Munari	28
Figura 9 - Diagrama de uma coluna	38
Figura 10 - Diagrama de múltiplas colunas	39
Figura 11 - Diagrama modular	40
Figura 12 - Exemplos de hierarquia	41
Figura 13 - Exemplos de páginas de Jan Tschichold	44
Figura 14 - Anatomia do grid	50
Figura 15 - Relação entre corpo, entrelinha e grid	51
Figura 16 - Formas de hierarquia	52
Figura 17 - Régua tipográfica Westcott	57
Figura 18 - Exemplos do exercício com diagramas	64
Figura 19 - Representação do layout da Bíblia Almeida Século 21	65
Figura 20 - Layouts selecionados	65
Figura 21 - Adobe Minion Pro	67
Figura 22 - Exemplo de página dupla do Modelo 1	68
Figura 23 - Exemplo de página dupla do Modelo 2	69
Figura 24 - Exemplo de página dupla do Modelo 3	70
Figura 25 - Modelo impresso	73

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - Lista de requisitos, com base nas recomendações de Bringhurst (2005), Lupton (2006), Jury (2007), Tschichold (2007) e Samara (2010)	55
Tabela 2 - Avaliação de modelo: Bíblia Almeida Século 21	59
Tabela 3 - Avaliação de modelo: Modelos 1, 2 e 3	71

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	13
<b>2</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	15
<b>2.1</b>	<b>O design do livro impresso</b>	15
<b>2.2</b>	<b>A Bíblia e o design</b>	18
<b>2.3</b>	<b>A Bíblia Almeida Século 21</b>	25
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA</b>	28
<b>4</b>	<b>O PROBLEMA</b>	31
<b>4.1</b>	<b>Definição do problema</b>	31
<b>4.2</b>	<b>Componentes do problema</b>	32
<b>5</b>	<b>COLETA E ANÁLISE DE DADOS</b>	34
<b>5.1</b>	<b>Coleta de dados</b>	34
5.1.1	Bringhurst: Elementos do estilo tipográfico	34
5.1.2	Lupton: Pensar com Tipos	37
5.1.3	Tschichold: A forma do livro	43
5.1.4	Jury: O que é tipografia	45
5.1.5	Samara: Guia de estilo gráfico	49
<b>5.2</b>	<b>Análise de dados</b>	54
<b>5.3</b>	<b>Avaliação do modelo</b>	56
5.3.1	Descrição do modelo	57
5.3.2	Avaliação pelos requisitos	58
5.3.3	Considerações gerais	60
<b>6</b>	<b>CRIAÇÃO</b>	62
<b>6.1</b>	<b>Criatividade</b>	63
<b>6.2</b>	<b>Modelo</b>	65
<b>6.3</b>	<b>Verificação</b>	70
6.3.1	Considerações e escolha do modelo	72
<b>6.4</b>	<b>Desenho de construção</b>	73
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	74
	<b>REFERÊNCIAS</b>	75
	<b>APÊNDICE A - EXERCÍCIO COM DIAGRAMAS - EXEMPLOS</b>	78



## 1 INTRODUÇÃO

A Bíblia é um dos livros mais vendidos e lidos do mundo, sendo importante para religiões globais como o cristianismo e o judaísmo. Ao longo da história, diferentes cópias, traduções e edições da Bíblia tem sido veiculadas, o que implica também em diversidade na diagramação do livro. A variedade de gêneros literários, o volume de informação e as traduções em diferentes idiomas são fatores que influenciam diretamente na forma como as páginas da Bíblia foram e são organizadas até hoje. Embora o mais comum em nosso contexto seja o modelo tradicional com o texto em duas colunas e letras pequenas (assim como acontece outros livros de grande volume, como dicionários e enciclopédias), as possibilidades de diagramação são muitas.

É papel do designer explorar essas possibilidades e buscar soluções que proporcionem uma leitura eficiente e, caso haja oportunidade, inovação. Para tal empreendimento, é necessário, em primeiro lugar, conhecer o conteúdo a ser trabalhado, o que inclui os diferentes usos do livro sagrado (leitura pessoal, leitura em cultos, memorização etc.); a mensagem e valores carregados pelo texto sagrado; e uma noção do que já foi feito em termos de diagramação de Bíblias ao longo da história. Além do conhecimento relacionado ao objeto de design, é necessário o conhecimento técnico do design em si: metodologia, princípios e normas de diagramação propostos em literatura, e o uso de ferramentas e softwares adequados. Quando se trata de um texto sagrado e especial para os fiéis, o cuidado e atenção em um trabalho dessa natureza deve ser redobrado, de modo a evitar alterações no conteúdo ou associações indesejadas.

O emprego desses conhecimentos no projeto de diagramação de Bíblia é o interesse do presente trabalho, tendo como objeto de estudo um modelo específico de Bíblia existente no atual mercado: a Bíblia Almeida Século 21, publicada por Edições Vida Nova (2013). O objetivo geral é redesenhar a diagramação da Bíblia Almeida Século 21, de modo a adequar o design da página a princípios de design adotados com base em literatura. Os objetivos específicos a serem buscados para a realização do objetivo geral são:

- a) Definir uma lista de requisitos de diagramação a serem adotados com base em literatura;
- b) Avaliar o modelo em questão com base nos requisitos estabelecidos;

c) Aplicar os requisitos estabelecidos na criação de um novo modelo.

Os capítulos do presente trabalho apresentam a pesquisa realizada, bem como o desenvolvimento do projeto e as conclusões obtidas. O capítulo 2 (Fundamentação Teórica) traz informações gerais sobre o design de livros impressos, o design de Bíblias e uma apresentação do modelo de Bíblia escolhido como objeto de estudo, a Bíblia Almeida Século 21 (2013). O capítulo 3 (Metodologia) apresenta o método de Bruno Munari (2008), utilizado neste projeto, bem como considerações sobre as adaptações do método às necessidades e interesses específicos do trabalho. Os capítulos 4 a 6 (O problema; Coleta e Análise de dados; Criação) tratam do desenvolvimento do projeto propriamente dito, de acordo com as etapas da metodologia utilizada. O capítulo 7 (Considerações finais) discorre brevemente sobre os problemas identificados e as soluções propostas no projeto, bem como áreas de possível aprofundamento futuro.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 O design do livro impresso

O design de livros - ou de texto, de maneira mais geral - é uma importante área dentro do design gráfico. Ellen Lupton, em seu livro “Pensar com Tipos”, afirmou que “organizar letras em uma página - ou tela - em branco é o desafio mais básico de um designer” (LUPTON, 2006, p. 7). De fato, trata-se de uma atividade presente direta ou indiretamente nos mais variados projetos: publicações, periódicos, websites, pôsteres, manuais, aplicativos e outros. A tarefa aparentemente simples de “escrever em uma folha em branco” pode se configurar em uma atividade complexa de design, envolvendo uma série de aspectos e detalhes, sendo alguns citados por Tschichold:

Escolher uma fonte bem ajustada ao texto; projetar uma página primorosa, idealmente legível, com margens harmonicamente perfeitas, impecável espaçamento de palavras e letras; escolher corpos de tipo ritmicamente corretos para folhas de rosto e títulos, e compor as páginas em que há títulos de seção e de capítulos genuinamente belas e graciosas, no mesmo tom da página de texto. (TSCHICHOLD, 2007, p. 32).

Mais do que uma atividade do designer, porém, o texto e o uso da tipografia fazem parte do cotidiano do cidadão comum, chegando a ser “inevitável”, como aponta Jury (2007, p.8). Ao ler um jornal, navegar nas redes sociais, preencher um formulário ou ler uma lista de compras no supermercado, o indivíduo lida diretamente com o fruto de um trabalho de diagramação - seja este exercido por um leigo ou por um profissional. Questões como o corpo do texto, marcas de pontuação, alinhamento, quantidade de colunas de texto e hierarquia, mesmo que não percebidos pelo leitor em seu aspecto técnico, influenciam a leitura e compreensão do conteúdo. Aqui o costume e a familiaridade com certos padrões exerce papel importante. Richard Hendel (2006) aponta para a importância da tradição e convenções na tipografia de livros, de modo que as “regras para um bom design de livros não são absolutas, mas fornecem pontos de partida úteis” (HENDEL, 2006 apud CARDOSO, 2016).

Esse conjunto de convenções textuais e tipográficas que conhecemos hoje vem de um processo de evolução ao longo da história. Antes da imprensa, quando se utilizava e copiava documentos manuscritos, erros eram naturalmente mais comuns, e diferentes escribas

desenvolviam seus próprios sistemas e elementos de pontuação, espaçamento etc. Uma padronização maior só foi possível com o uso da impressão em tipos móveis, no século XV - embora, como lembra Bringhurst (2005, p. 133), tecnologia semelhante já era realidade na China por volta de 1040 -, com uma produção em massa e fácil reprodução de conteúdos idênticos. Como afirma Lupton, “As marcas de pontuação, que eram usadas de maneiras diferentes pelos diversos escribas, tornaram-se parte do aparato padronizado e regulamentado da página impressa” (LUPTON, 2006, p. 67).

Segundo Araújo (2008, p.49) as primeiras casas publicadoras datam do século XVI. Já no século XVIII, a especialização de funções (que mais tarde viria com maior força na Revolução Industrial) deu início à separação entre as atividades do publicador, do impressor ou tipógrafo, e do livreiro. Por consequência, o resultado final passava a exibir cada vez menos um caráter “pessoal”, já que havia mais pessoas envolvidas na produção de cada livro, e cada um respectivamente exercendo influência sobre partes menores da produção. Isso intensificou ainda mais a padronização e “impessoalidade” na produção de livros no ocidente, em contraste com o que havia nos séculos anteriores à tecnologia de impressão.

Nos primeiros séculos da imprensa, diferentes sistemas de colunas foram desenvolvidos para atender a demandas específicas. Textos multilíngues, por exemplo, apresentavam uma coluna para cada idioma, normalmente em paralelo. O leiaute de duas colunas da Bíblia de Gutenberg ganhou força, além de modelos mais complexos, “nos quais os trechos das escrituras eram cercados de comentários acadêmicos” (LUPTON, 2006, p.115). As margens passaram a dar espaço para comentários, notas, ornamentos e títulos correntes. Trata-se de um contraste evidente em relação ao padrão antigo dos manuscritos, em que páginas de um único bloco de texto eram mais comuns.

Já no século XIX em diante, “as páginas multicolunadas e multimidiáticas dos jornais desafiaram a supremacia do livro e de sua margem insular” (LUPTON, 2006, p.121). Cada vez mais se abriu espaço para a contestação e a experimentação. Lupton (2006) estabelece um contraste entre as ênfases no design de livro antigo e as dos séculos mais recentes:

A página tipográfica clássica enfatiza a completude da obra e sua autoridade como produto acabado. Já as estratégias alternativas de design nos séculos XX e XXI refletem a natureza contestada da autoria, revelando a abertura dos textos ao fluxo de informações e à corrosividade da história. (LUPTON, 2006, p. 65).

Cabe aqui mencionar o ideal da “invisibilidade do livro”, explanado por Camargo (2016). Trata-se de uma abordagem em que a disposição dos elementos do texto deve servir ao conteúdo de maneira que não chame atenção para a própria diagramação - diferindo do padrão antigo de composições mais adornadas e complexas. Como afirma Lupton: “uma das funções mais refinadas do design é de fato ajudar os leitores *a não precisar ler*.” (LUPTON, 2006, p.63). Em certo sentido, pode-se dizer que esse *framework* encontra-se em contraste tanto com os modelos antigos mais ornamentados, quanto com os modelos posteriores em que havia pouco interesse em seguir as tradições e estruturas convencionais rígidas.

Essa abordagem também tem forte relação com a padronização da produção, ocasionada pelo avanço das tecnologias empregadas na diagramação e impressão de livros. Como escreveu Cardoso (2016):

Pode-se inferir que a invisibilidade pode ter aberto o caminho para a padronização, pois se os livros são simples e não chamam a atenção para seu design podem ser padronizados, o que torna sua produção mais rápida e barata. (CARDOSO, 2016).

Diversos autores trabalham a partir de perspectiva semelhante. Jan Tschichold (2007), por exemplo, afirma que a tarefa do designer de livro é “criar um modo de apresentação cuja forma não ofusque o conteúdo e nem seja indulgente com ele” (p. 31) e “despojarem-se de todo anseio de auto-expressão” (p. 34). O tipógrafo britânico Stanley Morison, por sua vez, defendia que, em qualquer material impresso, uma interferência entre o autor e o leitor constituiria em um erro: “livros impressos são feitos para serem lidos e aqui resta pouco espaço para uma tipografia ‘brilhante’, ou seja, expressiva ou “inspirada” (MORISON, 1936, apud CARDOSO, 2016).

O ideal da invisibilidade do livro está em concordância, em muitos aspectos, com a proposta de design de Bíblia a ser trabalhada neste projeto. A ênfase em manter o conteúdo intacto ao máximo é bem-vinda quando se lida com um texto considerado sagrado pelos fiéis de uma ou mais tradições religiosas; e, como será visto à frente, o modelo de Bíblia aqui adotado como objeto de redesign está inserido em um projeto que intenciona a maior clareza e transparência quanto à compreensão do significado do texto, o que reforça a ideia de que o design deve chamar a atenção para o texto, e não tanto para si mesmo. Essa perspectiva também é favorável no que se refere à produção, já que o modelo em questão está inserido em um cenário de produção em massa e alta padronização visando custos mais baixos e

distribuição mais ampla.

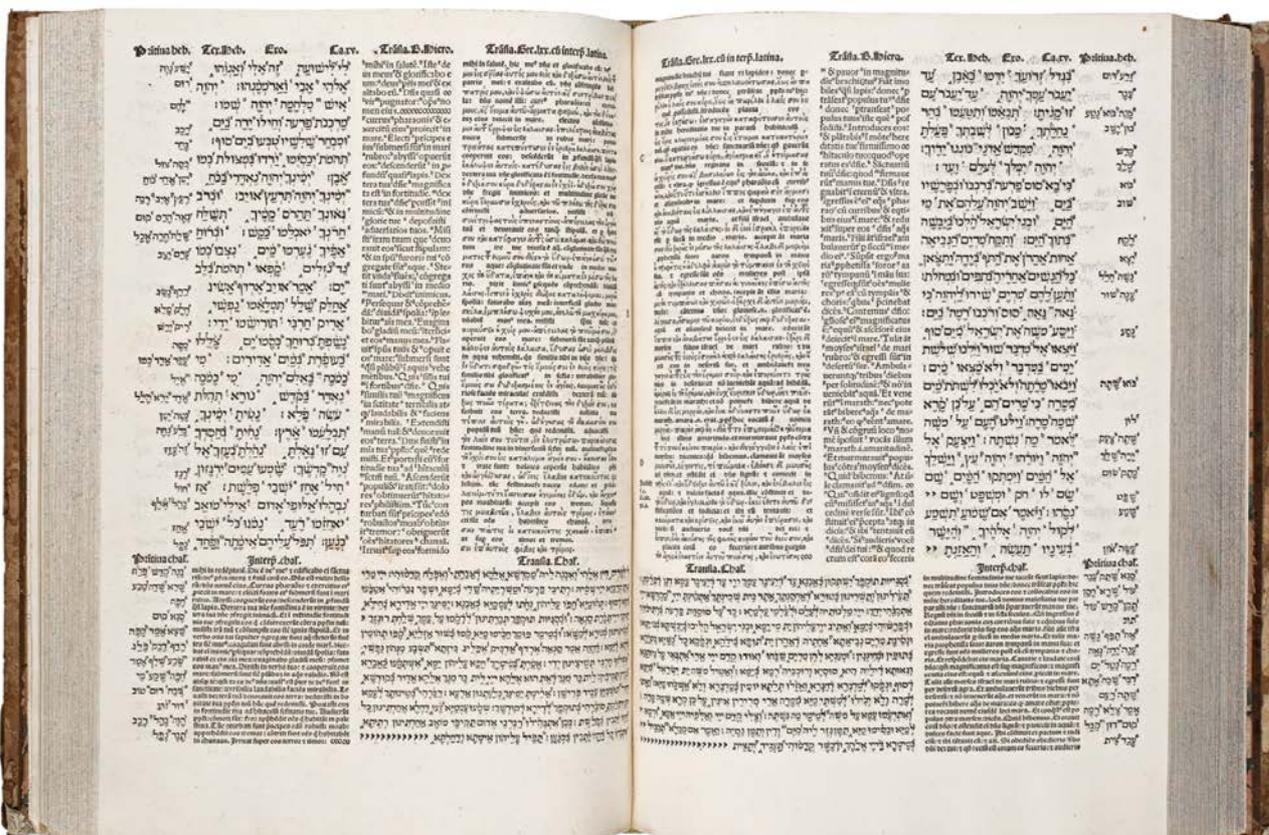
## **2.2 A Bíblia e o design**

A Bíblia é o livro sagrado de duas das maiores religiões globais existentes: o Cristianismo (Antigo e Novo Testamentos) e o Judaísmo (apenas o Antigo Testamento). Segundo o censo religioso do IBGE (2010, p.145), entre 190.755.199 brasileiros, 165.555.612 se identificaram com uma religião cristã (entre vertentes católicas e evangélicas), o que corresponde a aproximadamente 86,8% da população do país. Isso demonstra a relevância do livro para a cultura brasileira e como pertinente objeto de interesse acadêmico.

A importância histórica e cultural da Bíblia também é evidenciada pela sua ampla distribuição em todo o mundo. Segundo a Aliança Global Wycliffe (2016), hoje existem traduções da Bíblia disponíveis em mais de 3200 línguas, com traduções em desenvolvimento acontecendo em 2400 línguas em mais de 165 países. Isso inclui o português, que hoje conta com diversas versões.

Na Bíblia, assim como nos livros em geral, a questão linguística e a diversidade de traduções e manuscritos exerceu influência na disposição gráfica dos elementos na página, em especial quanto ao número de colunas de texto. Araújo (2008, p. 41-47) menciona o trabalho de Orígenes Adamâncio (c. 185-c. 255), que organizou o texto bíblico em seis colunas, contendo dois textos em hebraico e quatro traduções em grego. Já no século XV, com o uso de tipos móveis e o surgimento de novas traduções da Escritura por influência da Reforma Protestante, os modelos rapidamente foram se aproximando daqueles que temos hoje. Bíblias políglotas chegavam a ter seis idiomas contemplados em um sistema complexo de colunas, como pode ser visto no exemplo abaixo:

Figura 1: Bíblia Poliglota Complutense, 1514-1517.

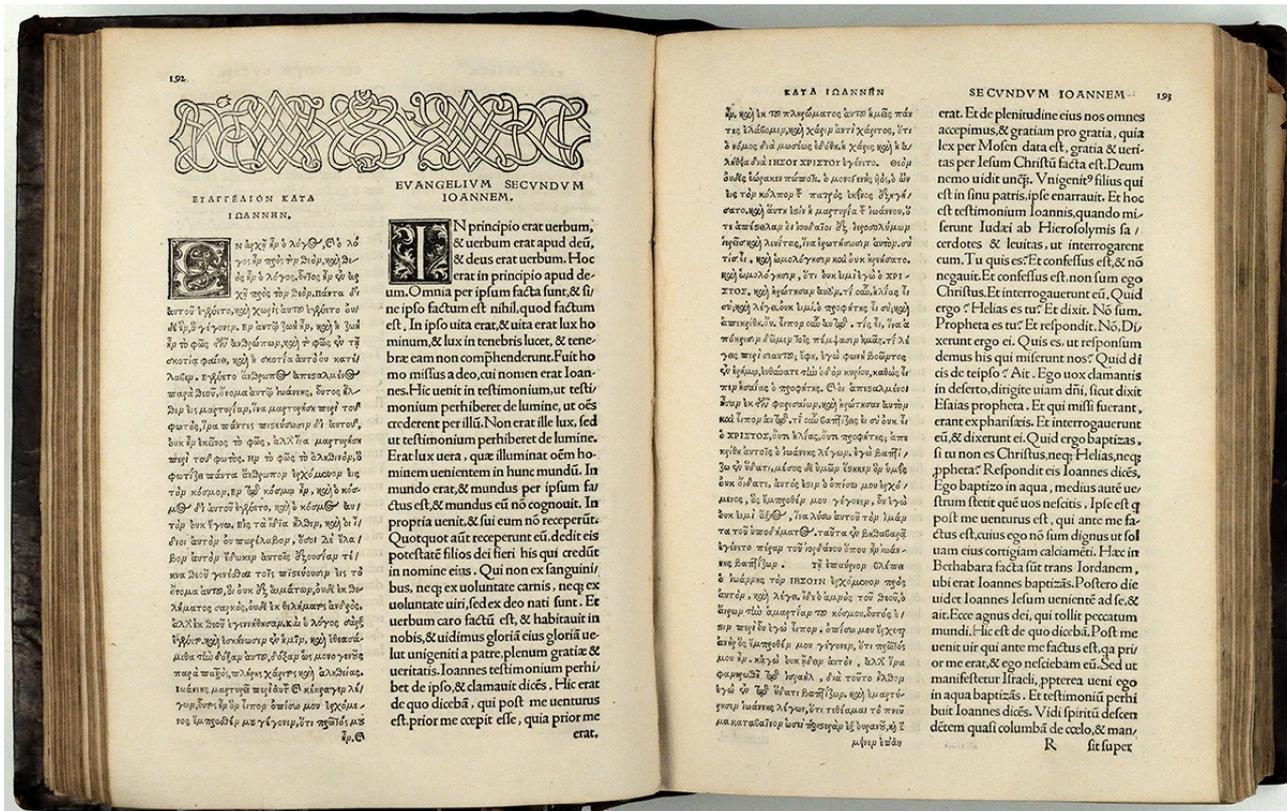


Fonte: Sotheby's Art Institute.

Disponível em: <<http://www.sothebys.com/en/auctions/ecatalogue/2016/bible-collection-of-charles-caldwell-ryrie-n09539/lot.148.html>>

Erasmus de Roterdã (1466-1536), por sua vez, desenvolveu uma edição bilingue do Novo Testamento, com duas colunas: uma para o texto em latim e uma para o texto em grego. Posteriormente, mesmo em modelos de uma única tradução, a diagramação em duas colunas ganhou popularidade devido à economia de espaço na página.

Figura 2: Novo Testamento de Erasmo de Roterdã, 1516



Fonte: Bridwell Library, Perkins School of Theology, Southern Methodist University.

Disponível em:

<<http://www.smu.edu/Bridwell/SpecialCollectionsandArchives/Exhibitions/BibleHighlights/Erasmus>>

A história da diagramação da Bíblia envolve também a adição de novos elementos ao texto, tais como a tradicional divisão em capítulos e versículos, que não era presente nos manuscritos originais. Glenn Paauw (apud REINKE, 2016), diretor executivo do *Biblica Institute for Bible Reading* (Instituto Bíblica para leitura da Bíblia) afirmou em entrevista que a origem do sistema de capítulos que conhecemos hoje está no século XIII, com Steven Langdon, um líder na Igreja da Inglaterra. Os versos, por sua vez, vieram no século XVI com o impressor francês Robert Essien, que necessitava de um sistema mais preciso do que a divisão em capítulos para que os textos pudessem ser organizados e localizados em uma concordância bíblica. Mais recentemente, especialmente em Bíblias de Estudo, outras informações foram acrescentadas, tais como subtítulos, notas de rodapé, comentários e referências cruzadas, sobre as quais Paauw comenta:

(...) quando transformamos a Bíblia em uma Bíblia com capítulos e versos, adicionando todos esses

outros aditivos modernos - referências cruzadas, títulos de seções, notas de rodapé, todas as outras coisas que colocamos em Bíblias - nós realmente tornamos difícil que as pessoas simplesmente leiam a Bíblia. (PAAUW, 2016 apud REINKE, 2016, tradução nossa).

Declarações como essa ecoam as prioridades e ênfases do ideal de invisibilidade do livro, explanado no tópico anterior. Nesse caso, porém, o contraste não é precisamente entre a simplicidade formal e o excesso de ornamentos, mas sim entre a clareza e o excesso de informação técnica. Partindo dessa perspectiva, edições de Bíblia mais recentes têm se afastado do excesso de informação, com o objetivo de oferecer uma leitura mais natural e fluida. Em geral, os modelos que seguem nessa linha não apresentam divisões em capítulos e versos, subtítulos, notas e divisão em colunas. Entre eles, pode-se citar o projeto *Bibliotheca*, do designer Adam Lewis Greene (2014) composto de quatro volumes; a *ESV Reader's Bible*, publicada pela editora Crossway (2016) em uma edição de seis volumes; e no Brasil o *Livro da Vida*, da editora Sextante (2016), em dois volumes.

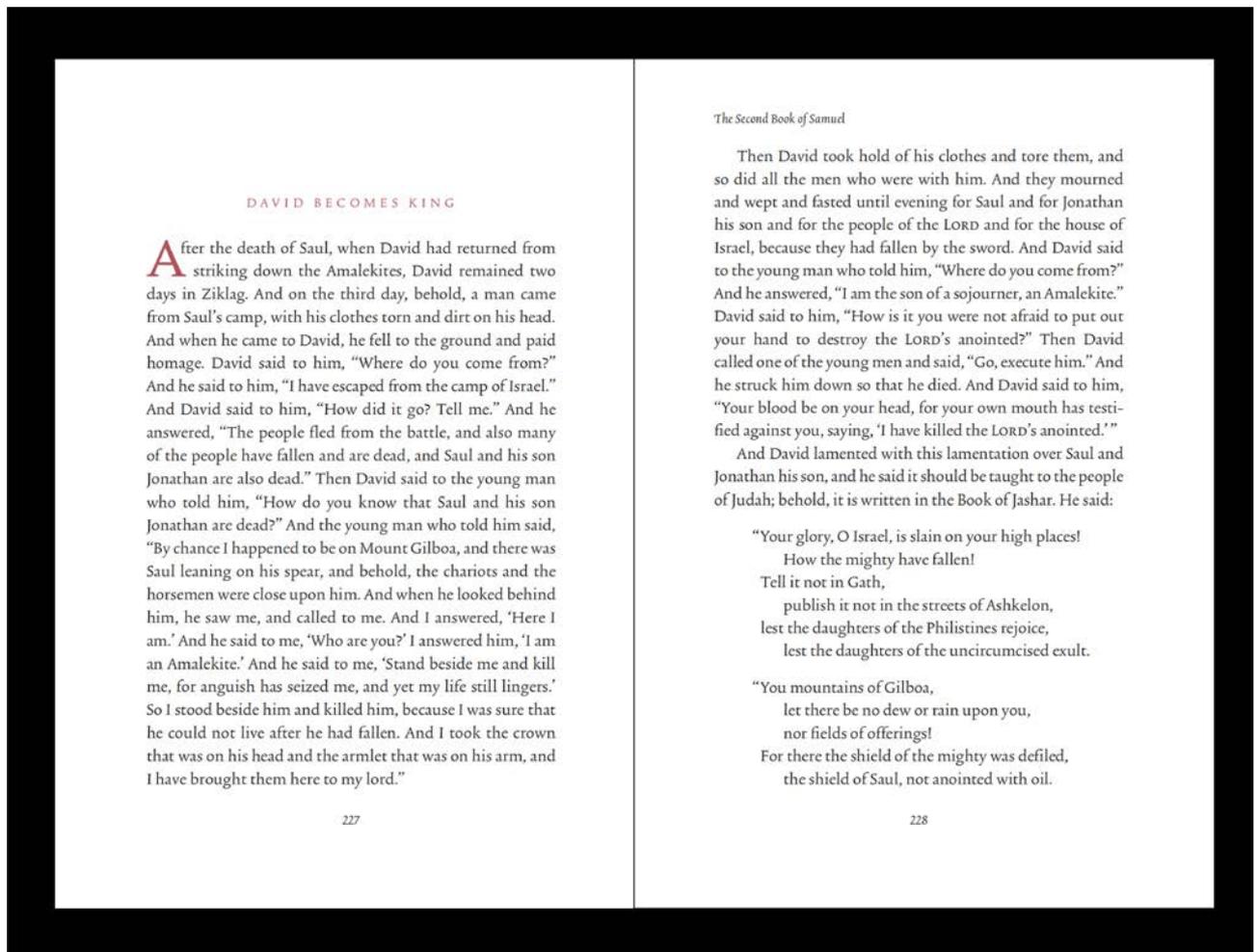
**Figura 3:** Páginas da Bibliotheca, 2014.



**Fonte:** GREENE, Adam Lewis. **The Biblical Library.** 2014.

Disponível em: < <http://www.bibliotheca.co/#about> >

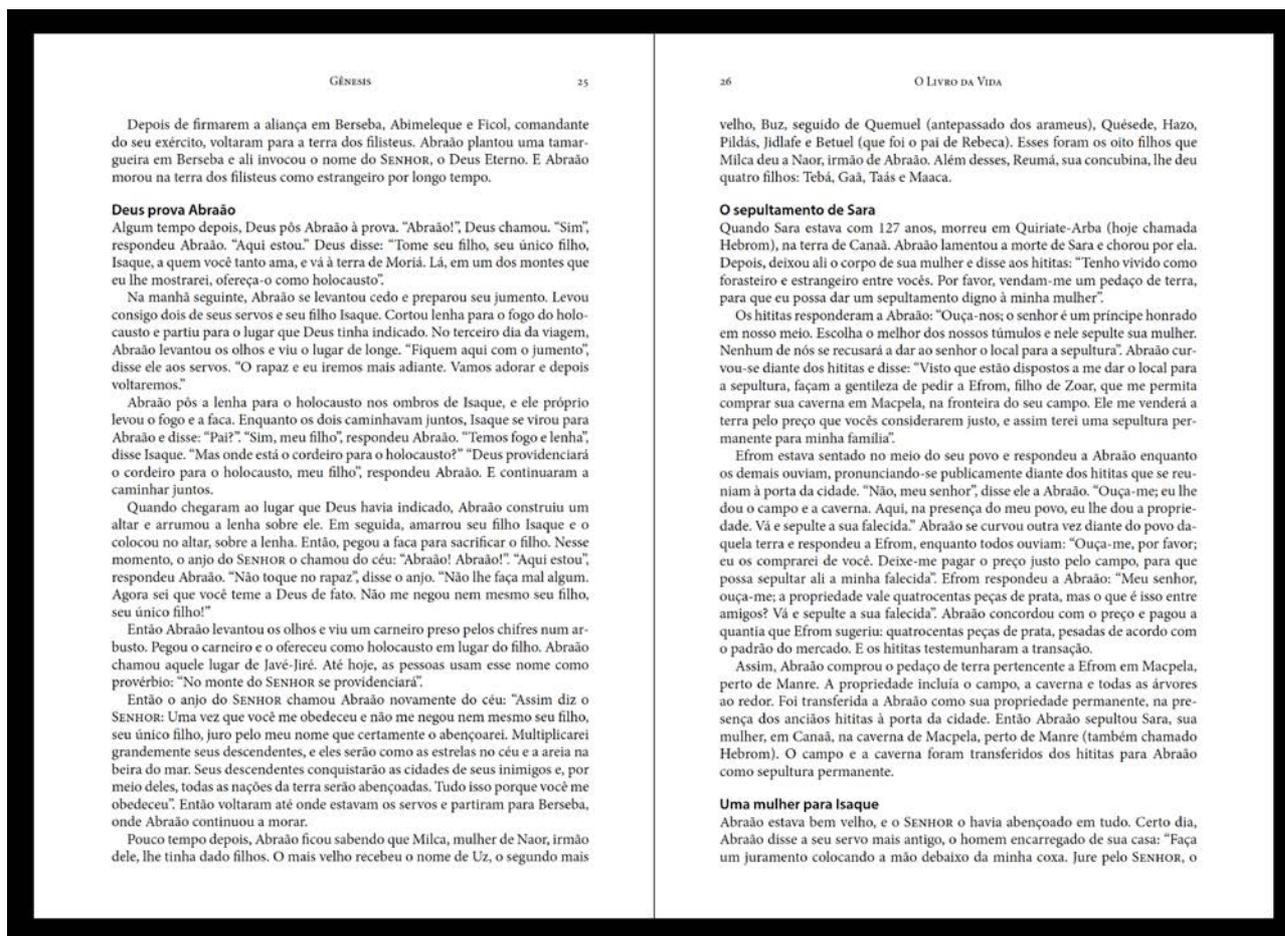
Figura 4: Páginas da ESV Reader's Bible, 2016



Fonte: CROSSWAY. *ESV Reader's Bible, Six-Volume Set*. 2016.

Disponível em: < <https://www.crossway.org/bibles/esv-readers-bible-six-volume-set-cob/> >.

Figura 5: Páginas da Bíblia O Livro Da Vida, 2016.



Fonte: SEXTANTE. O livro da vida. 2016.

Disponível em: < <http://www.esextante.com.br/livros/olivrodavida/> >

Tudo isso faz da Bíblia um objeto de design relevante, devido à riqueza de detalhes e de elementos envolvidos, entre os quais pode-se destacar:

- a) A variedade de gêneros literários presentes (narrativa, poesia, provérbios, epístolas, tratados e leis), que têm implicações diretas para as decisões de diagramação do texto (divisão por parágrafo ou em um verso por linha; quantidade de colunas etc.);
- b) A estrutura de divisão em capítulos, versículos e, em alguns casos, subtítulos, que demanda atenção à hierarquia entre as camadas ou níveis de informação;
- c) A presença de informações para além do texto propriamente dito, como notas explicativas de rodapé, e referências cruzadas.

### **2.3 A Bíblia Almeida Século 21**

Embora modelos como os exemplificados acima estejam ganhando popularidade, ainda há muito a ser explorado em termos de diagramação de Bíblias no Brasil, tendo em vista os modelos já disponíveis no mercado. Entre elas encontra-se a Bíblia Almeida Século 21, publicada por Edições Vida Nova (2013) e adotada como objeto de estudo deste trabalho. Trata-se de uma versão recente, sendo “uma revisão e atualização da *Bíblia Revisada de Acordo com os Melhores textos no Hebraico e no Grego*” (2013, p. II).

A primeira edição da Bíblia Almeida Século 21 foi publicada em 2008, com o objetivo de “buscar uma linguagem tradicional, porém, mais simples e acessível em comparação com outras versões” (VIDA NOVA, 2009). O seu público de interesse, segundo a editora, é composto por “leitores mais exigentes e críticos” e inclui “pessoas que usam as versões tradicionais antigas, menos fluentes, e que não aceitam as versões contemporâneas” (VIDA NOVA, 2009).

Figura 6: Páginas da Bíblia Almeida Século 21

# GÊNESIS

## A criação dos céus e da terra

**1** No princípio, Deus criou os céus e a terra.  
**2** A terra era sem forma e vazia, e havia trevas sobre a face do abismo, mas o Espírito de Deus pairava sobre a face das águas.  
**3** Disse Deus: Haja luz. E houve luz.  
**4** Deus viu que a luz era boa; e fez separação entre a luz e as trevas.

**5** E Deus chamou à luz dia, e às trevas, noite. E foram-se a tarde e a manhã, o primeiro dia.  
**6** E disse Deus: Haja um firmamento no meio das águas, que faça separação entre águas e águas.  
**7** E Deus fez o firmamento e separou as águas que estavam debaixo do firmamento das que estavam por cima dele. E assim foi.

**8** E ao firmamento Deus chamou céu. E foram-se a tarde e a manhã, o segundo dia.  
**9** E disse Deus: Ajuntem-se num só lugar as águas que estão debaixo do céu, e apareça o continente. E assim foi.  
**10** E ao continente Deus chamou terra, e ao ajuntamento das águas, mares. E Deus viu que isso era bom.

**11** E disse Deus: Produza a terra os vegetais: plantas que deem semente e árvores frutíferas que, segundo suas espécies, deem fruto que contenha a sua semente sobre a terra. E assim foi.

**12** E a terra produziu os vegetais: plantas que davam semente segundo suas espécies e árvores que davam fruto que continha a sua semente, segundo as suas espécies. E Deus viu que isso era bom.

**13** E foram-se a tarde e a manhã, o terceiro dia.  
**14** E disse Deus: Haja luminárias no firmamento celeste, para fazerem separação entre o dia e a noite; sirvam eles de sinais tanto das estações como dos dias e dos anos.  
**15** Sirvam eles de luminárias no firmamento celeste, para iluminar a terra. E assim foi.

**16** E Deus fez os dois grandes luminários: o luminar maior para governar o dia e o menor para governar a noite; fez também as estrelas.  
**17** E Deus os colocou no firmamento celeste para iluminar a terra,

CAPÍTULO 1 J 30 38-47; Sl 8:3; Is 42:5; Jo 1:1; Hb 1:10; Ap 4:11 2 Sl 33:6; 104:5-6; Jr 4:23 3 Sl 33:9; Jo 1:4,9; 3:19; 2Co 4:6 5 Sl 74:16; Is 45:7 4 Jo 37:18; Sl 136:5; Is 44:24; Jr 51:15 7 Sl 148:4; Pv 8:27-29 8 Sl 19:1; Jr 10:12; 2Pe 3:5 9 Jo 26:10; Sl 33:7; Jr 5:22 11 Sl 104:14; Lc 6:44; 1Co 15:38 14 Dt 4:19; Jr 10:2; Mt 24:29 16 Dt 4:19; Jo 38:7; Sl 74:16; 136:7-9 18 Jr 31:35; Ap 22:5 21 Sl 104:25-26; Is 27:1 22 Gn 1:17; 9:17 26 Sl 8:3-8; 1Co 11:7; Ef 4:24 27 Gn 5:2; Mt 2:15; Mt 19:4; Mc 10:6 28 Lv 26:9; Sl 127:3 29 Gn 9:2; Sl 104:15; 145:15-16; Mc 7:18-19; 1Tm 4:3-5 30 Jo 38:41; Sl 147:9

**18** para governar o dia e a noite, e para fazer separação entre a luz e as trevas. E Deus viu que isso era bom.

**19** E foram-se a tarde e a manhã, o quarto dia.  
**20** E disse Deus: Produzam as águas cardumes de seres vivos; e voem as aves sobre a terra, abaixo do firmamento do céu.

**21** E Deus criou os grandes animais aquáticos e todos os seres vivos que se movem, os quais as águas produziram segundo suas espécies; e toda ave com asas, segundo sua espécie. E Deus viu que isso era bom.

**22** Então Deus os abençoou, dizendo: Frutificai e multiplicai-vos; enchei as águas dos mares, multipliquem-se as aves sobre a terra.

**23** E foram-se a tarde e a manhã, o quinto dia.

**24** E disse Deus: Produza a terra seres vivos segundo suas espécies: gado, animais que rastejam e animais selvagens, segundo suas espécies. E assim foi.

**25** E Deus fez os animais selvagens, segundo suas espécies, e o gado, segundo suas espécies, e todos os animais da terra que rastejam, segundo suas espécies. E Deus viu que isso era bom.

**26** E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme nossa semelhança; domine ele sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre o gado, sobre os animais selvagens e sobre todo animal rastejante que se arrasta sobre a terra.

**27** E Deus criou o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.

**28** Então Deus os abençoou e lhes disse: Frutificai e multiplicai-vos; enchei a terra e sujeitai-a; dominaí sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que rastejam sobre a terra.

**29** Disse-lhes mais: Eu vos dou todos os vegetais que dão semente, os quais se acham sobre a face de toda a terra, bem como todas as árvores em que há fruto que dê semente; eles vos servirão de alimento.

**30** E a todos os animais selvagens, a todas as aves do céu e a todo ser vivo que rasteja sobre

\* 1.26 LIt., *dominem eles.* 1.26 Cf. a Versão Siríaca.

2

GÊNESIS 1-3

a terra dou toda planta verde como alimento. E assim foi.

**31** E Deus viu tudo quanto fizera, e era muito bom. E foram-se a tarde e a manhã, o sexto dia.

**2** Assim foram concluídos os céus e a terra, com todos os seus elementos.

**3** No sétimo dia, Deus já havia completado a obra que fizera; nesse dia ele descansou de toda a sua obra.

**4** E Deus abençoou e santificou o sétimo dia, porque nele descansou de toda a obra que havia criado e feito.

## A formação do jardim do Éden

**5** São essas as origens dos céus e da terra, na ocasião em que foram criados.

**6** Quando o SENHOR Deus fez a terra e os céus, ainda não havia nenhuma planta do campo na terra e nenhuma erva do campo havia brotado, pois o SENHOR Deus ainda não havia feito chover sobre a terra, nem havia homem para lavar a terra.

**7** Todavia, mananciais subiam da terra e regavam toda a superfície do solo.

**8** E o SENHOR Deus formou o homem do pó da terra e soprou-lhe nas narinas o fôlego da vida; e o homem tornou-se alma vivente.

**9** Então o SENHOR Deus plantou um jardim, para o lado do oriente, no Éden; e colocou ali o homem que havia formado.

**10** E o SENHOR Deus fez brotar do solo todo tipo de árvore agradável à vista e boa para alimento, bem como a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal.

**11** Do Éden saía um rio que regava o jardim; ele se dividia dali, formando quatro braços.

**12** O nome do primeiro é Píson: este é o que contorna toda a terra de Havila, onde há ouro;

**13** o ouro dessa terra é bom; ali existem o bédlio e a pedra de berilo.

**14** O nome do segundo rio é Giom: este é o que contorna toda a terra de Cuxe.

**15** O nome do terceiro rio é Tigre: este é o que corre pelo oriente da Assíria. E o quarto rio é o Eufrates.

\* 2.23 No hebr., há um jogo de palavras: *noat* (mulher) e *vuaat* (homem).

21 Sl 104:24; Ec 7:29; 1Tm 6:17 **CAPÍTULO 2** 1 Dt 4:19; 17:3; Sl 19:1; 33:6 2 Ex 20:8-11; Dt 5:12-14; Mc 2:27-28; Hb 4:4 3 Ex 20:8-11; Lv 23:3; Ne 9:14; Jr 17:22 4 Gn 1:1; Jo 1:1; Cl 1:15-16 5 Gn 1:11-12; 3:23; Jo 38:26-28; Jr 10:13 7 Gn 3:19; Jo 27:30 8 Sl 103:14; Is 2:22; 1Co 15:45,47 9 Gn 13:10; Is 51:3; Ez 28:13; Jl 2:3 9 Gn 2:17; 3:22; Ez 47:12; Ap 22:2,14 11 Gn 25:18; Is 15:7 12 Nm 11:7 14 Gn 15:18; Dn 10:4 15 Gn 1:28; 28 17 Gn 3:1-11; 17:5,5; Dt 30:15; 19-20; Rm 6:23; Tg 1:15 18 Pv 18:22; 1Co 11:9; 1Tm 2:13 19 Gn 1:24-25; 26; Sl 8:6 21 Gn 15:12; 15m 26:12 22 Pv 18:22; Mt 19:4-5; 1Co 11:8-9 23 Gn 29:14; Jr 9:2; 2Sm 5:1; 19:13; Ef 5:26-30 24 Sl 45:10; Mt 19:5; 1Co 6:16; 7:10-11; Ef 5:31 25 Gn 3:7,10-11; Ez 32:25; Lm 1:8 **CAPÍTULO 3** 1 Mt 10:16; 2Co 11:3; Ap 12:9,20,2

**15** E o SENHOR Deus tomou o homem e o colocou no jardim do Éden, para que o homem o cultivasse e guardasse.

**16** Então o SENHOR Deus ordenou ao homem: Podes comer livremente de qualquer árvore do jardim,

**17** mas não comerás da árvore do conhecimento do bem e do mal; porque no dia em que dela comeres, com certeza morrerás.

## Como Deus formou a mulher

**18** Disse mais o SENHOR Deus: Não é bom que o homem esteja só; eu lhe farei uma ajudadora que lhe seja adequada.

**19** E o SENHOR Deus formou da terra todos os animais do campo e todas as aves do céu, e os trouxe ao homem, para ver como lhes chamaria; e o nome que o homem desse a cada ser vivo, esse seria o nome deles.

**20** Assim o homem deu nomes a todo o gado, às aves do céu e a todos os animais do campo; mas não se achava uma ajudadora adequada para o homem.

**21** Então o SENHOR Deus fez cair um sono pesado sobre o homem, e este adormeceu; tomou-lhe, então, uma das costelas e fechou a carne em seu lugar;

**22** e da costela que o SENHOR Deus lhe havia tomado, formou a mulher e a trouxe ao homem.

**23** Então disse o homem: Esta é agora osso dos meus ossos e carne da minha carne; ela será chamada mulher\*, porquanto do homem foi tomada.

**24** Portanto, o homem deixará seu pai e sua mãe e se unirá à sua mulher, e eles serão uma só carne.

**25** E os dois estavam nus, o homem e sua mulher, e não se envergonhavam.

## A tentação e a queda

**3** Ora, a serpente era o mais astuto de todos os animais do campo que o SENHOR Deus havia feito. E ela disse à mulher: Foi assim que Deus disse: Não comeréis de nenhuma árvore do jardim?

**2** Respondeu a mulher à serpente: Do fruto das árvores do jardim podemos comer,

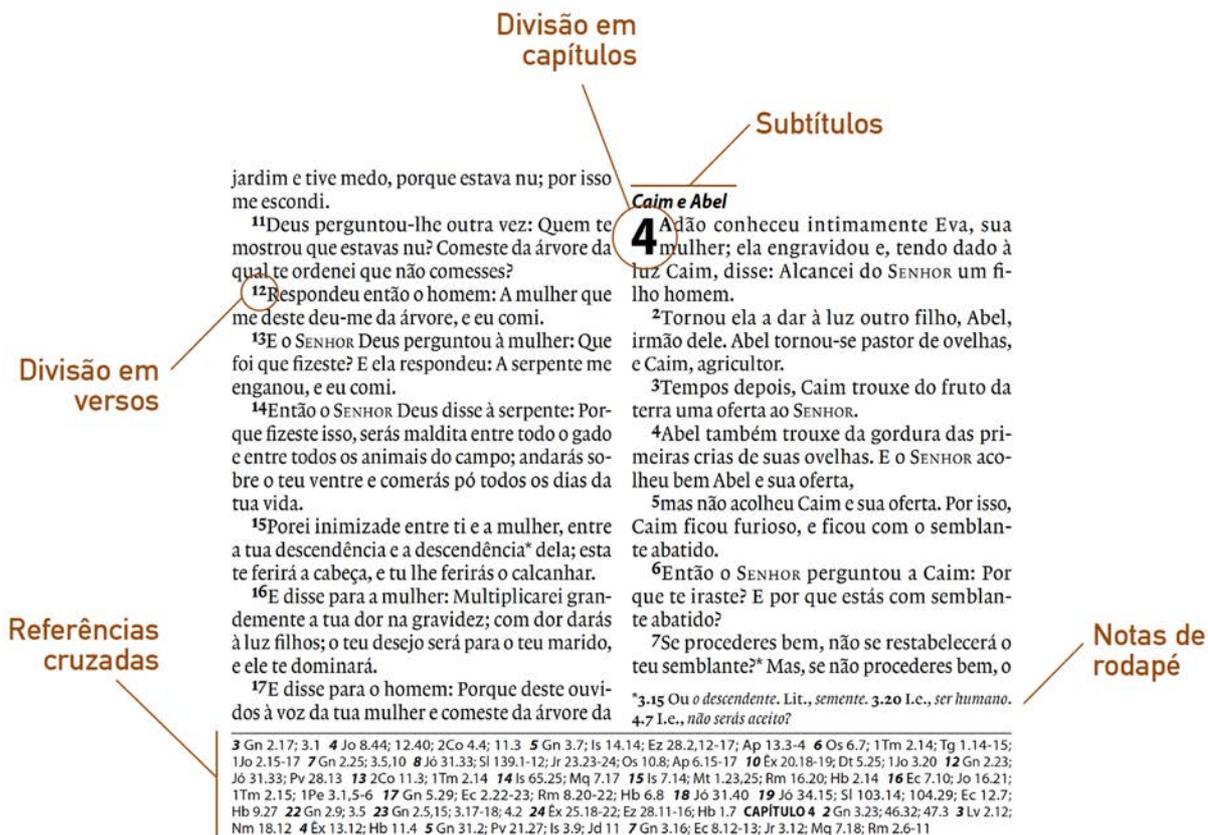
Fonte: Bíblia Sagrada Almeida Século 21: Antigo e Novo Testamentos. 3.ed. São Paulo: Vida Nova, 2013.

Disponível em: <[https://vidanova.com.br/img/cms/a21\\_china\\_2013\\_trecho\\_letra\\_normal\\_alterado%20\(1\).pdf](https://vidanova.com.br/img/cms/a21_china_2013_trecho_letra_normal_alterado%20(1).pdf)>

A Bíblia Almeida Século 21 está inserida na tradição protestante, composta por 66 livros, (diferente a Bíblia católica, que contém 73 livros). A edição em questão, impressa na China, possui 1075 páginas e conta com dois recursos para auxílio na leitura: as notas de rodapé e as referências cruzadas. As notas de rodapé, localizadas no final de cada coluna, trazem “informações explicativas que ajudam a esclarecer o texto bíblico, como definição de vocábulos, outras opções de tradução, sentidos literais e significado de termos originais” (2013, p. IX). Já as referências cruzadas, localizadas separadamente em uma área abaixo do texto bíblico, servem para “localizar passagens paralelas dos textos” e “comparar passagens que tratam dos mesmos temas ou termos e podem, assim, esclarecer umas às outras” (2013, p. IX). Além desses elementos, há também a tradicional divisão em capítulos e versículos; subtítulos para cada bloco narrativo; e acima, a numeração de página e um elemento de

navegação que informa o livro e capítulo(s) contidos na página.

Figura 7: Elementos textuais da Bíblia Almeida Século 21 destacados



Fonte: Adaptado de Bíblia Sagrada Almeida Século 21: Antigo e Novo Testamentos. 3.ed. São Paulo: Vida Nova, 2013.

Disponível em: <[https://vidanova.com.br/img/cms/a21\\_china\\_2013\\_trecho\\_letra\\_normal\\_alterado%20\(1\).pdf](https://vidanova.com.br/img/cms/a21_china_2013_trecho_letra_normal_alterado%20(1).pdf)>

Observa-se que a Bíblia Almeida Século 21 tem como uma de suas marcas a clareza de linguagem, em contraste com as traduções mais antigas, que trazem construções gramaticais mais complexas e por vezes um vocabulário distante do português contemporâneo. Essa ênfase em oferecer uma tradução acessível precisa ser acompanhada também de clareza na distribuição e organização dos elementos gráficos na página, visto que não apenas a linguagem verbal, mas a apresentação visual do conteúdo influenciam na sua compreensão. Sendo um modelo recente, enraizado na tradição, voltado para um público contemporâneo exigente, a Bíblia Almeida Século 21 é, portanto, um objeto de estudo adequado para um projeto de redesign.

### 3 METODOLOGIA

Para o desenvolvimento do projeto foi utilizada a metodologia proposta por Bruno Munari (2008), que consiste basicamente em traçar o caminho entre um problema (P) e uma solução (S), interpondo entre eles as operações que compõem o processo de resolução. O problema em questão é dividido em partes para então ser melhor compreendido e conduzido à sua solução final. Segundo Vasconcelos (2009, p. 54), o método de Munari consiste em uma proposta “para qualquer tipo de design”, e cujos passos “parecem vigentes ainda hoje, depois de quase trinta anos”. A versatilidade e objetividade deste método o tornam adequados para este projeto, ainda que eventuais alterações possam melhor adaptá-lo às necessidades específicas e ao escopo do presente trabalho, possibilitando uma maior flexibilidade entre as etapas. As etapas da metodologia de Munari são esquematizadas e exemplificadas na figura abaixo:

**Figura 8:** Metodologia de Munari



**Fonte:** Autor

Cada uma dessas etapas e seus respectivos desdobramentos serão explicados em maior detalhe nos tópicos referentes ao desenvolvimento do projeto. Cabe aqui uma explanação breve.

**Definição do problema:** o escopo do problema é delimitado e especificado. Neste caso, foram especificados quais aspectos do design de Bíblia seriam tratados.

**Componentes do problema:** o problema é dividido em partes, para que cada uma seja tratada individualmente e em conjunto. Neste caso, foram elencados elementos fundamentais de diagramação a serem avaliados e tratados.

**Coleta de dados:** pesquisa-se dados sobre o projeto em questão e o universo em que está inserido. Neste caso a coleta de dados se deu por meio de uma revisão de literatura, a partir de obras de design focadas em tipografia e diagramação.

**Análise de dados:** os dados coletados são analisados e sistematizados para que se chegue a conclusões concretas. Nesse caso, a revisão de literatura resultou em uma lista de requisitos de diagramação a ser usada para avaliar o modelo de Bíblia utilizado como base para o projeto.

**Criatividade:** são desenvolvidas possibilidades de solução com base no que foi avaliado na etapa anterior. No caso, algumas propostas de diagramação foram desenvolvidas, usando como base um trecho selecionado do texto bíblico.

**Materiais e tecnologias:** são avaliadas as possibilidades de materiais a serem aplicados, levando em conta os custos e objetivos do projeto.

**Experimentação:** os materiais verificados são testados de modo a selecionar o que funciona melhor para o projeto.

**Modelo:** são desenvolvidos um ou mais modelos com base na pesquisa e testes anteriores. Neste caso, foram desenvolvidos três modelos de página a partir das experimentações feitas.

**Verificação:** os modelos são avaliados para verificar falhas ou possíveis áreas de aperfeiçoamento. Neste caso, a própria lista de requisitos foi utilizada como parâmetro de avaliação e seleção.

**Desenho de construção:** o resultado final, além do modelo impresso, é um desenho de construção que servirá para que o modelo seja reproduzido. Neste caso, o resultado é um arquivo digital finalizado e pronto a ser impresso.

Embora a estrutura metodológica se mantenha, algumas das etapas não foram aplicadas neste projeto, devido ao seu escopo e objetivos. O próprio autor considera a possibilidade de adaptações e alterações no processo metodológico:

O esquema do método de projeto ilustrado nas páginas anteriores não é fixo, não é completo, não é único nem definitivo (...), o designer deverá estar sempre pronto a modificar seu pensamento diante da evidência objetiva. É dessa forma que todos podem dar contribuição criativa à estruturação de um trabalho que procura, como se sabe, obter o melhor resultado com o mínimo esforço. (MUNARI, 2008, p. 54).

Conforme visto a seguir, no tópico “4.1. Definição do problema”, as questões de materiais e custos não foram abordadas diretamente neste projeto. Portanto, as etapas “materiais e tecnologia” e “experimentação” não precisaram ser aplicadas, de modo que a etapa de criatividade é seguida diretamente pela composição de modelos. A supressão de etapas é justificada pela necessidade de se adaptar cada metodologia aos objetivos do projeto em questão, além do fato de que alguns dos próprios exemplos fornecidos por Munari incluem essa possibilidade (2008, p. 302).

Outra modificação pertinente se deu nas etapas de coleta e análise de dados. Ao lidar com essas etapas, Munari tende a focar na pesquisa de soluções existentes em produtos similares no mercado, de modo a buscar possibilidades de solução já experimentadas para o problema. Visto que o objetivo deste projeto é o *redesign para adequação aos princípios elencados em literatura*, decidiu-se por realizar a coleta e análise de dados por meio de uma revisão de literatura e da elaboração de uma lista de requisitos de diagramação. Novamente, a flexibilização da metodologia encontra fundamento nos exemplos fornecidos pelo próprio autor (p. 274). Embora reconheça-se que o levantamento e a observação de produtos similares sejam úteis para enriquecer o leque de possibilidades de solução, entende-se que a elaboração de uma lista de requisitos com base em literatura corresponde mais adequadamente ao escopo deste projeto. Isso não exclui, porém, a possibilidade de expandir esta pesquisa em trabalhos futuros, utilizando-se de análises de produtos similares, testes com usuários, estudos de público e de mercado e outros procedimentos.

## 4 O PROBLEMA

### 4.1 Definição do problema

Segundo Munari (2008, p.30), o projeto de design tem como ponto de partida um problema, que resulta de uma necessidade. Esse problema pode ser proposto pelo próprio designer e apresentado à indústria, ou o inverso. No caso deste trabalho, ocorre a primeira situação: objetiva-se o redesign de um objeto a partir de um estudo formal do mesmo. O problema, portanto, parte do designer e tem implicações para a indústria (a possibilidade de se publicar uma nova edição da Bíblia, por exemplo).

Ao apresentar a etapa inicial da metodologia, chamada “definição do problema”, Munari afirma sua utilidade em “definir os limites dentro dos quais o projetista deverá trabalhar” (2008, p. 32). A partir de um *problema* enunciado, especifica-se os limites e o escopo do projeto, delimitando o foco do trabalho e os elementos e aspectos a serem considerados.

No caso deste projeto, o problema em si se faz presente no próprio título: “o redesign de páginas da Bíblia Almeida Século 21” e no objetivo geral: “redesenhar a diagramação da Bíblia Almeida Século 21, de modo a adequar o design da página a princípios de design adotados com base em literatura.” Aqui já especifica-se qual é o modelo a ser redesenhado (a Bíblia Almeida Século 21), quais são os elementos a serem redesenhados (as páginas internas) e sob qual critério (a adequação a princípios de design encontrados em literatura). A literatura a ser utilizada está especificada no item “5.1 Coleta de dados: revisão de literatura”.

Há ainda a necessidade de delimitar o escopo do projeto em maior detalhe. A necessidade em questão, que dá origem ao problema, não está relacionada fundamentalmente ao aspecto econômico (economia quanto ao número de páginas ou os materiais utilizados), ao posicionamento de mercado (necessidade de alcançar um determinado público específico) ou ao aspecto conceitual (identificar o projeto gráfico com uma ideia, movimento ou mensagem específica), mas sim ao seu aspecto formal referente à diagramação: a disposição adequada dos elementos textuais na página de acordo com os princípios encontrados em literatura sobre tipografia e diagramação.

Por trabalhar no redesign de páginas, com foco na diagramação, o presente projeto não se propõe a modificar a capa da Bíblia Almeida Século 21, nem propõe alterações quanto ao tamanho e materiais utilizados no objeto. Quanto a esses aspectos, como não há a intenção de

realizar um estudo de mercado envolvendo questão de preço, custos com material e produção etc. tais aspectos foram mantidos o mais próximo possível do modelo original. O redesign neste projeto tem como base o mesmo tamanho de página; uma estimativa de quantidade de páginas próxima à do modelo original; e mesmo tipo e gramatura de papel.

Quanto ao conteúdo, também não houve a intenção de se alterar o conteúdo do texto bíblico, tanto pelo fato de que a mensagem do texto está fora do escopo deste projeto; como por questão de sensibilidade diante de um texto religioso, sendo este considerado sagrado pelos fiéis.

## 4.2 Componentes do problema

A etapa seguinte à definição do problema é a de dividir os componentes do problema. Essa operação “facilita o projeto, pois tende a pôr em evidência os pequenos problemas isolados que se ocultam nos subproblemas” (MUNARI, 2008, p. 36). Em outras palavras, o problema geral é dividido em subproblemas, de modo que a resolução destes conduzirá à solução do problema maior. Segundo o Munari, tal procedimento evita o impulso de abraçar de imediato uma ideia que supostamente resolveria o problema por completo, e proporciona um caminho mais seguro para se projetar.

O projeto de redesign de páginas da Bíblia Almeida Século 21 pode ter seu problema decomposto em uma série de elementos ou aspectos que fazem parte de um projeto de design de livro. O livro precisa ter um grid coerente sobre o qual os elementos textuais serão dispostos, tendo margens, colunas e unidades bem definidas. É necessário também um uso consistente da tipografia, combinando alfabetos de maneira adequada. Essa combinação deverá ressaltar com clareza os elementos de divisão e hierarquia do texto, como títulos e subtítulos. Os parágrafos e blocos de texto em geral também devem ser ajustados de maneira correta em sua largura, alinhamento etc. Os espaços entre letras e entre linhas também deverão ser considerados. Também são objeto de estudo os elementos “extra-textuais” (indicações numéricas de capítulo e versículo, notas de rodapé e referências cruzadas).

Sendo assim, o projeto foi dividido nos seguintes componentes:

1. **Grid:** configuração do grid na página, suas margens, colunas;
2. **Alfabeto:** A escolha e uso do(s) alfabeto(s) na página;

3. **Parágrafo:** largura de parágrafo, alinhamento, justificação etc.;
4. **Espaços:** espaçamentos entre letras, entre palavras e entre linhas;
5. **Elementos extra-textuais:** uso das divisões numéricas, notas e referências cruzadas.

## 5 COLETA E ANÁLISE DE DADOS

### 5.1 Coleta de dados: revisão de literatura

A etapa que segue a divisão dos componentes do problema é a coleta de dados, que consiste em “recolher todos os dados necessários para estudar esses componentes um a um” (MUNARI, 2008, p. 41). Neste caso, a coleta se deu por meio de uma revisão de literatura, identificando diretrizes e princípios referentes a cada um dos tópicos definidos na decomposição do problema. Como referencial teórico, foram utilizadas as obras de Bringhurst (2005), Lupton (2006), Jury (2007), Tschichold (2007) e Samara (2010). Cada um desses autores apresenta um corpo de diretrizes para um projeto editorial que envolve diversos elementos, tais como o uso de tipografia, entrelinhamento, composição e largura de parágrafo e notas de rodapé.

#### 5.1.1 Bringhurst: Elementos do estilo tipográfico

*Elementos do estilo tipográfico*, escrito pelo designer, tipógrafo e poeta norte-americano Robert Bringhurst, é uma obra completa que visa fornecer ao leitor fundamentos históricos e técnicos para o bom uso da tipografia. O livro foi publicado no Brasil pela editora Cosac Naify, e permanece como referencial de peso para designers, professores e cursos - ou como se lê na sua contracapa: “a bíblia dos tipógrafos”. O livro apresenta princípios e soluções para a composição do layout da página, o uso e combinação de tipos, configurações de parágrafo, espaçamentos e outros elementos.

Bringhurst considera as margens como parte fundamental de um projeto de diagramação, tendo a função de amarrar o bloco de texto à página, amarrar as duas páginas opostas uma à outra, emoldurar e proteger o bloco de texto para ajustá-lo ao desenho da página e facilitar a leitura e manuseio (com espaços para os polegares que seguram a página) (p. 181). As margens também podem ser utilizadas para abrigar notas e legendas, destacando-as do corpo de texto.

Segundo o autor, a largura da coluna de texto costuma ter 30 vezes o tamanho do tipo, mas podendo variar entre 20 e 40 vezes, abrigando em média 65 caracteres por linha (p. 34-

35). Se houver mais de 500 palavras em uma página, pode-se considerar a possibilidade de usar colunas múltiplas (p. 47). Deve-se levar em conta, porém, que esses padrões são baseados na língua inglesa, em que a maioria das palavras têm em média cinco caracteres e um espaço, sendo que no português essa média sobe para seis caracteres, resultando em menor quantidade de palavras por página ou por linha.

Para Bringhurst, a escolha e combinação de tipos para o texto precisa ser feita levando em consideração o meio para o qual o tipo foi originalmente projetado. De maneira prática, pode-se verificar que certas fontes foram criadas para impressão, outras para a projeção em tela, algumas para títulos e para serem lidas à distância, outras para compor o texto corrido de um livro, etc. (p. 107). Também devem ser considerados o tema do livro em questão e a associação histórica entre os tipos utilizados e o conteúdo. Bringhurst exemplifica: “o texto de um autor francês ou um texto sobre a França talvez possam ser mais bem compostos em uma fonte francesa” (p. 112). Na maioria dos casos, segundo o Bringhurst, as páginas podem ser bem compostas com apenas uma família tipográfica, a não ser em casos excepcionais que demandem muitos níveis de títulos, subtítulos, citações, notas, legendas, gráficos, mapas etc.

A combinação entre fontes serifadas e fontes sem serifa é bem-vinda: “quando o texto básico é composto com uma fonte serifada, é quase sempre útil usar uma sem serifa em outros elementos, tais como tabelas, legendas e notas” (p. 118). Quanto ao uso de variações bold de um tipo, o contraste deve ser claro o suficiente, do contrário, pode-se combinar o tipo romano de uma família com uma fonte bold de uma família diferente, de modo que se acentue o contraste, porém mantendo estruturas semelhantes entre as duas fontes combinadas. Essas variações de peso podem servir a propósitos diversos, tais como “destacar itens numa lista”, “compor títulos e subtítulos”, “ênfaticamente com eficiência números e palavras” e outros (p. 65).

A composição de títulos e subtítulos está diretamente ligada à hierarquia do conteúdo. Muitas vezes um bom título pode ser configurado com maiúsculas com o mesmo peso e tamanho do texto (p. 71). Os títulos podem ser simétricos (centralizados) ou assimétricos (normalmente alinhados à esquerda). Também podem ser localizados na margem, dando proeminência em relação ao bloco de texto. Usar títulos predominantemente simétricos ou assimétricos é mais adequado do que alternar entre eles em um mesmo documento (p. 76).

Quanto à configuração do parágrafo, Bringhurst recomenda que o comprimento de linha deve conter entre 45 e 75 caracteres (contando letras e espaços), ou no caso de uma página

com colunas múltiplas, entre 40 e 50 caracteres (p. 34). Larguras muito estreitas podem dificultar a justificação do texto, sendo preferível usar o alinhamento à esquerda nesses casos (p. 35).

Embora haja várias maneiras de indicar as quebras de parágrafos - ornamentos, marcas, quebras de linha etc. - os recuos são a forma mais simples e prática de fazê-lo. A medida do recuo varia com o comprimento da linha e o corpo do texto, mas em geral segue as seguintes recomendações: “se o seu texto for composto em 11/13, o recuo será ou de 11pt (um eme) ou de 13pt (uma entrelinha). Um ene (meio eme) é o mínimo praticável” (p. 49). Linhas mais longas que o comum demandam recuos maiores, de até 2 emes. Em todos os casos citados acima, apenas a primeira linha dos parágrafos iniciais não deve ser recuada (p. 48).

Ao inserir citações no texto, pode-se alterar o tipo (usando itálicos, por exemplo), o tamanho (de 11 para 9pt, por exemplo) e/ou abrir um recuo lateral para o trecho em questão. A entrelinha pode ser mantida a mesma do corpo de texto, ou pode ser levemente reduzida caso o corpo do tipo também seja reduzido. Deve ser adicionada uma entrelinha antes e depois do parágrafo de citação, com uma medida que o harmonize com o conjunto do texto, para que este volte ao alinhamento original. O autor exemplifica: em um corpo de 11/13 e uma citação de 5 linhas em 10/12, a soma das duas entrelinhas e o bloco de citação deve resultar em um múltiplo de 13 (a entrelinha original do parágrafo). Nesse caso, a melhor medida de entrelinha seria 9pt, já que  $60\text{pt}$  (o tamanho do bloco de citação) + 18 (o tamanho da soma das duas entrelinhas) = 78, um múltiplo de 13.

Títulos e subtítulos, especialmente quando compostos em versais ou maiúsculas, em geral precisam de um espaçamento extra entre os caracteres. Textos em letra minúscula, por outro lado, raramente precisam de espaçamento a mais. O ajuste de kerning (espaçamento entre pares de letra específicos) é útil em combinações de caracteres específicos cujo formato requer um cuidado especial. Geralmente o espaço é diminuído nos pares “Av”, “Aw”, “Ay”, e pares começando com “T”, “V”, “W” e “Y”. Porém o kerning raramente é usado em tipos em tamanho de texto (p. 40-41).

A entrelinha consiste na distância entre a base de uma linha e a base da linha abaixo, sendo na maioria das vezes maior que o corpo do texto. “A maior parte dos textos requer uma entrelinha positiva. Especificações como 9/11, 10/12, 11/13 e 12/15 são rotineiras” (p. 45). Quanto mais larga a coluna de texto, e quanto maior for o corpo e peso do tipo, maior deverá

ser a entrelinha. Fontes sem serifa também requerem mais entrelinha do que fontes serifadas semelhantes. A entrelinha adicionada antes e depois de títulos e subtítulos devem somar um múltiplo da entrelinha básica. Por exemplo, num texto em 11/13, pode-se acrescentar entrelinha de 13 pt acima e abaixo, ou 8 pt acima e 5pt abaixo (8+5=13) (p. 47).

Se houver notas informativas, elas podem devem compostas em tamanho menor que o texto principal. Elas podem ser localizadas ao pé da página ou ao fim do livro, mas é preferível que se movam ao longo das margens, de modo que apareçam no local preciso onde são necessárias (p. 76). Se as notas forem localizadas no rodapé, devem ser curtas e jamais se estender à página seguinte. Se estiverem localizadas ao fim do livro, a sua composição será mais fácil e a página ficará mais limpa, mas o leitor precisará ter mais trabalho para encontrá-las e lê-las paralelamente ao texto principal. Notas de rodapé costumam ter até 8 ou 9 pt, enquanto notas finais podem chegar a 9 ou 10 pt (p. 77).

Notas laterais nas margens, se não forem muito frequentes, poderão ser utilizadas sem algarismos sobrescritos, ou com um único símbolo indicando todas. Para notas finais e de rodapé, é mais adequado utilizar algarismos sobrescritos. Os sobrescritos devem ser menores que o corpo de texto principal, de modo a evitar a interrupção da leitura. Já na própria nota, o algarismo deve ter o mesmo corpo do texto ali utilizado. Apenas um espaço em branco é necessário entre o número e o texto da nota (p. 80).

Os fólhos (numeração das páginas) podem estar localizados em diferentes áreas da página: no canto inferior externo, no canto superior externo, centralizado ao pé da página, alinhados à borda externa do texto etc. Fólhos próximos aos cantos externos são mais facilmente localizados em um livro, enquanto fólhos na margem interna não são recomendados (p. 181-182).

### **5.1.2 Lupton: Pensar com Tipos**

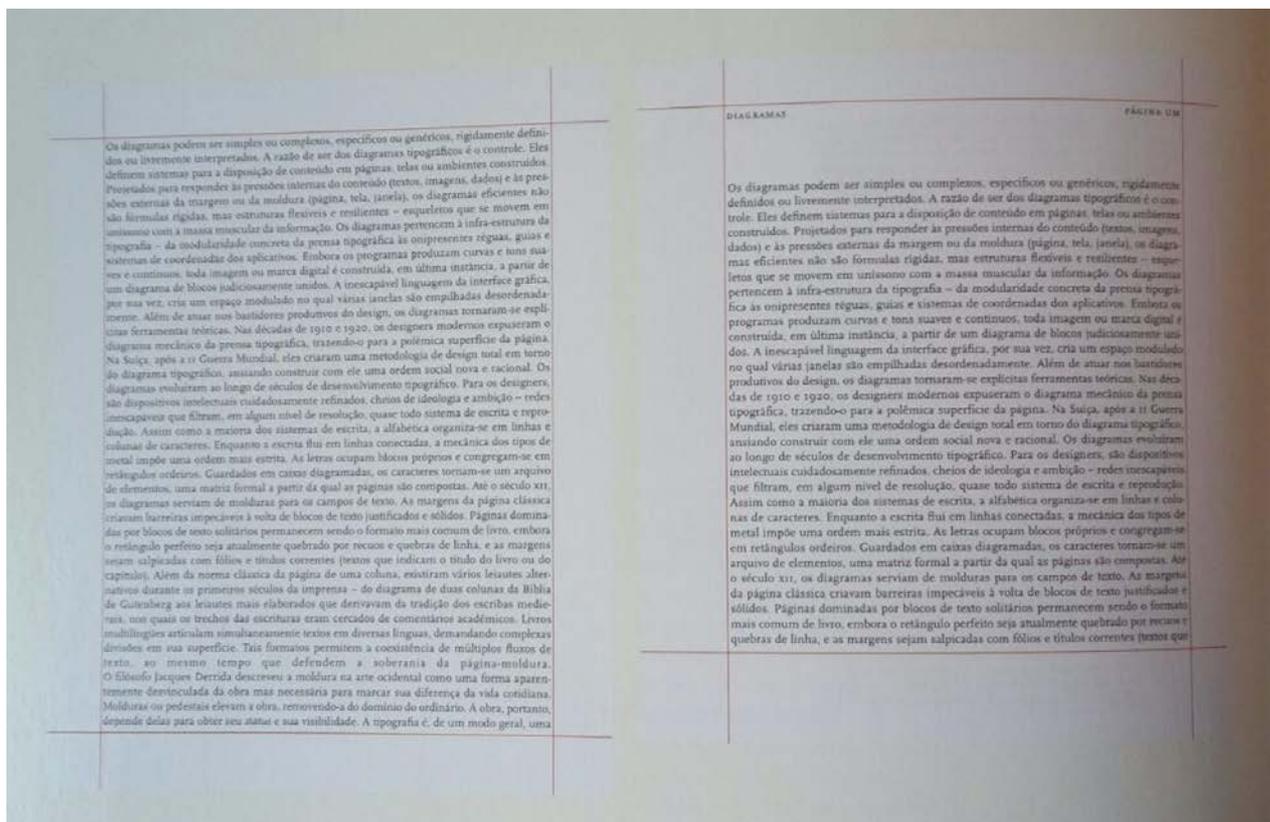
O livro *Pensar com Tipos*, de Ellen Lupton (2006), foi escrito para ser usado em um curso de tipografia da autora, no Maryland Institute College of Art, como manual para o uso da tipografia em diferentes meios de comunicação (p. 7). O livro é usado em vários cursos de design no mundo, e tem sua tradução brasileira publicada pela editora Cosac Naify.

Quanto à estrutura da página, Lupton recomenda que livros e revistas sejam projetados

como páginas duplas, visto que “são elas, e não a página individual, que constituem a unidade básica do projeto” (p. 141). Ela apresenta então três tipos de diagrama: o diagrama de uma coluna, o diagrama de múltiplas colunas, e o diagrama modular.

Os diagramas de uma única coluna são recomendados para documentos simples, requerindo apenas a configuração de margens interiores, exteriores, superiores e inferiores. Há modelos em que “as margens interiores são mais largas que as exteriores, abrindo um espaço maior perto da espinha do livro” (p. 141). Esse tipo de configuração tem o intuito de manter todo o bloco de texto acessível aos olhos, especialmente em livros mais grossos. Há também as páginas de leiaute assimétrico, em que a diferença entre a largura não está entre as margens interiores e as exteriores, mas entre a margem esquerda e a direita.

Figura 9: Diagrama de uma coluna

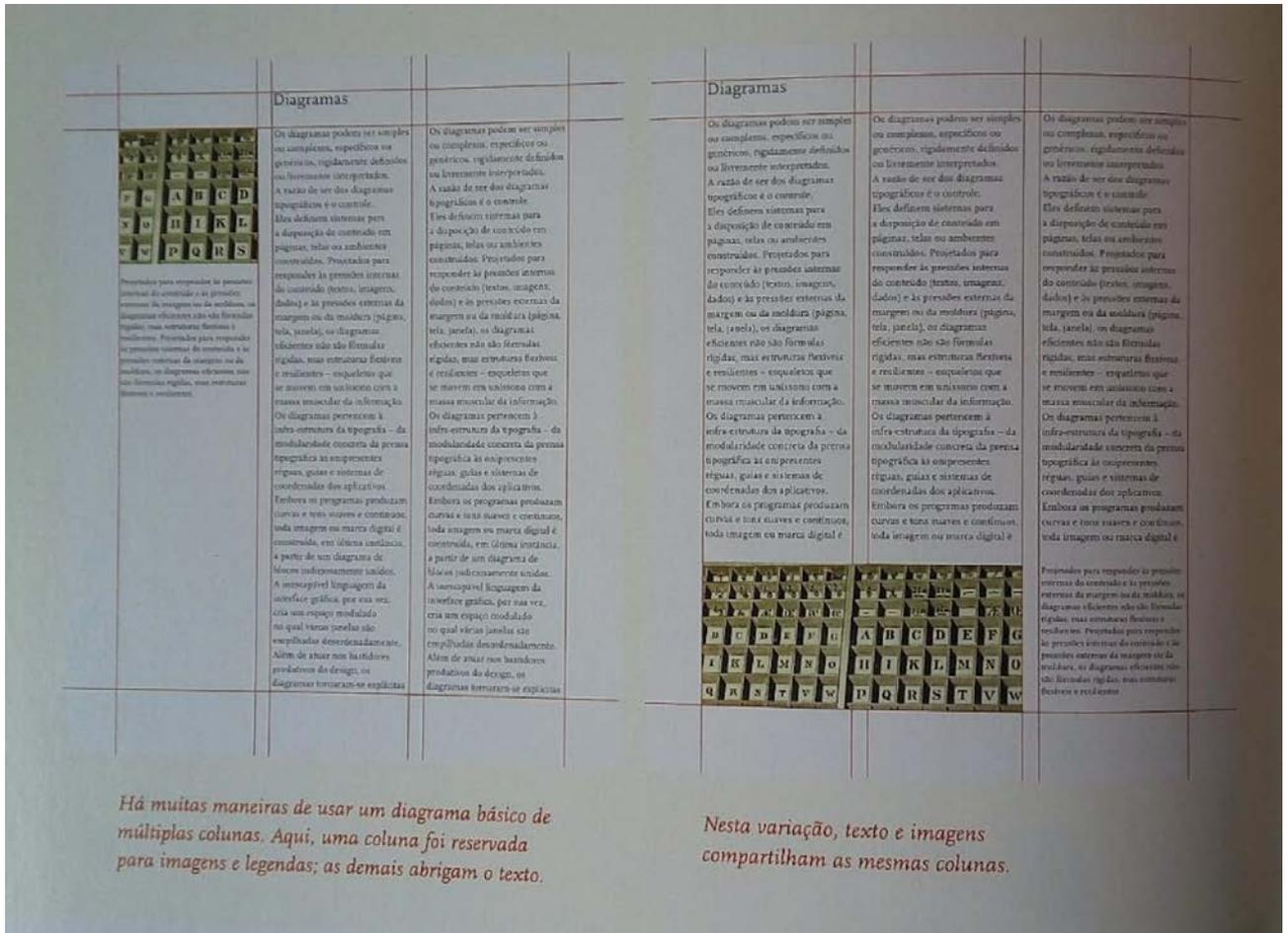


Fonte: LUPTON, 2006, p. 140

Diagramas de múltiplas colunas “fornecem formatos flexíveis para publicações que possuem hierarquias complexas ou que integram textos e ilustrações” (p. 142). Aqui há a possibilidade de definir zonas específicas para diferentes tipos de conteúdo, sem precisar

preencher todo o espaço.

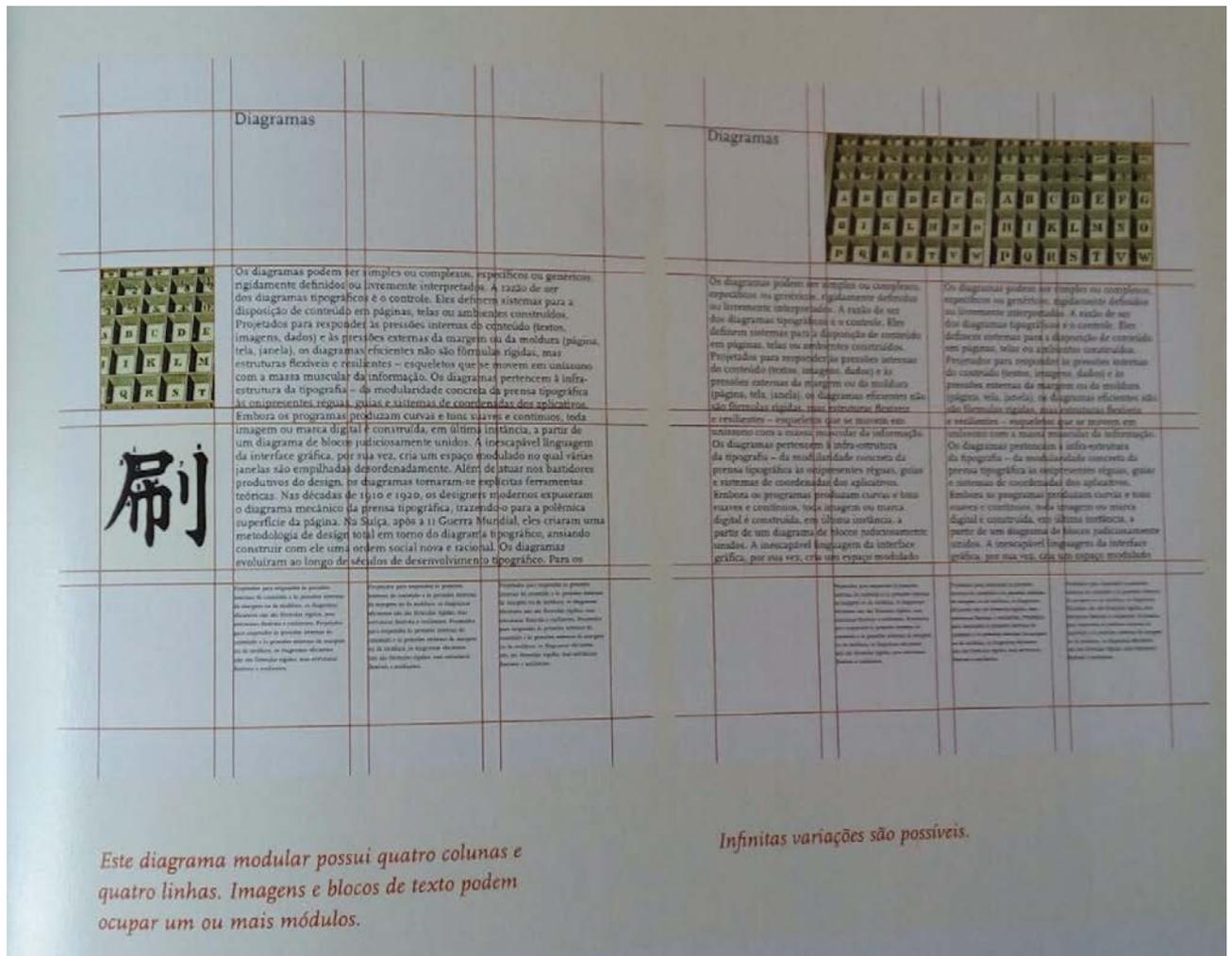
Figura 10: Diagrama de múltiplas colunas



Fonte: LUPTON, 2006, p. 142

O diagrama modular, diferente do diagrama de múltiplas colunas, possui divisões verticais e horizontais (colunas e linhas), que formam unidades básicas chamadas de módulos. O diagrama modular introduz ainda mais complexidade e possibilidade de segmentação da informação do que o diagrama de múltiplas colunas.

Figura 11: Diagrama modular



Fonte: LUPTON, 2006, p. 151

É comum que a composição do diagrama siga proporções fixas, tendo como exemplo bastante conhecido a seção áurea, ou proporção áurea. Essa proporção se dá da seguinte forma: “em um conjunto de dois elementos, o menor deles (...) relaciona-se com o maior da mesma forma que o maior relaciona-se com a combinação dos dois” (p. 138). Isso resulta na proporção numérica de 1:1,618. Essa tem sido uma referência para a construção de retângulos e de proporções entre determinadas áreas de página ou elementos gráficos em geral. Outras referências de proporção podem partir de tamanhos industriais padronizados ou divisões lógicas entre espaços, sem necessariamente seguir uma proporção fixa como a seção áurea.

Quanto ao uso da tipografia, Lupton afirma que a combinação adequada de letras deve levar em consideração “o estilo das letras, a situação social específica e a massa de conteúdo que definem o projeto” (p. 30). O uso das letras, portanto, deve ser coerente com o conteúdo e

a mensagem desejada. Tipos com corpo entre 9 e 11 pt são comuns em textos impressos, embora o tamanho padrão em muitos aplicativos seja o de 12 pt. Há ainda a possibilidade de duas fontes terem a mesma medida em pontos, mas aparentarem tamanhos diferentes, devido à diferença da altura-x, peso de linha e largura. O tamanho também não deve ser manipulado por meio de distorção na horizontal ou vertical: “ao invés de torturar uma letra, escolha um tipo com as proporções de que precisa” (p. 36).

Visto que, em muitos casos, o texto apresenta-se ao leitor em diferentes níveis, o uso adequado da hierarquia busca direcionar o olhar com clareza entre esses níveis, que são indicados por sinais. Esses sinais “podem ser espaciais (reco, entrelinha ou posição na página) ou gráfico (tamanho, estilo, cor ou fonte)” (p. 94). Itálicos, negritos, sublinhados e versaletes podem ser usados para enfatizar palavras ou trechos em textos corridos.

**Figura 12:** Exemplos de hierarquia

HIERARQUIA	Hierarquia	HIERARQUIA	HIERARQUIA
I Divisão dos anjos	Divisão dos anjos	DIVISÃO DOS ANJOS	
A. Anjo	Anjo	Anjo	
B. Arcanjo	Arcanjo	Arcanjo	DIVISÃO
C. Querubim	Querubim	Querubim	DOS ANJOS
D. Serafim	Serafim	Serafim	anjo
			arcanjo
			querubim
			serafim
II Alto comando do clero	Alto comando do clero	ALTO COMANDO DO CLERO	
A. Papa	Papa	Papa	
B. Cardeal	Cardeal	Cardeal	ALTO COMANDO
C. Arcebispo	Arcebispo	Arcebispo	DO CLERO
D. Bispo	Bispo	Bispo	papa
			cardeal
			arcebispo
			bispo
III Partes do texto	Partes do texto	PARTES DO TEXTO	
A. Obra	Obra	Obra	
B. Capítulo	Capítulo	Capítulo	
C. Seção	Seção	Seção	obra
D. Sub-seção	Sub-seção	Sub-seção	PARTES
			DO TEXTO
			capítulo
			seção
			sub-seção
SÍMBOLOS, RECUOS E QUEBRAS DE LINHA	RECUOS E QUEBRAS DE LINHA	CONTRASTE DE TIPOS, RECUOS E QUEBRAS DE LINHA	CONTRASTE DE TIPOS E ALINHAMENTOS COM QUEBRAS DE LINHA

**Fonte:** LUPTON, 2006, p. 94

Quanto à configuração de parágrafos, Lupton apresenta os tradicionais alinhamentos de texto, a saber: justificado; à esquerda; à direita; e centralizado (p. 84, 85). O alinhamento justificado possui bordas uniformes à esquerda e à direita, sendo recomendado para o uso eficiente do espaço em livros de texto longo e jornais. Esse tipo de alinhamento pode

apresentar espaços vazios muito grandes entre as palavras, quando a linha de texto não é larga o suficiente. Esse problema pode ser amenizado com colunas mais largas, resultando em linhas de texto maiores, ou com o uso de fontes menores, permitindo que mais tipos caibam na linha.

O alinhamento à esquerda, com uma margem regular à esquerda e irregular à direita, é comumente usado quando se quer “respeitar o fluxo orgânico da linguagem e evitar o espaçamento irregular” que pode aparecer nas colunas de texto justificado (p. 84). Um possível problema para esse tipo de alinhamento é o desalinhamento à direita, que pode apresentar linhas muito díspares umas das outras, demandando correções para gerar uma margem direita mais orgânica e suave. Como resultado, “um bom desalinhamento ostenta uma agradável inconstância, sem linhas muito longas ou curtas e com o menor número possível de hífen” (p. 84).

O alinhamento à direita, com uma margem irregular à esquerda e regular à direita, é recomendado para “legendas, barras laterais, citações e notas marginais, sendo raramente usado em textos mais longos. Aqui pode surgir um problema semelhante ao anterior, mas no lado oposto: o mau alinhamento nas margens à esquerda. Além disso, a pontuação presente no final de algumas linhas pode enfraquecer a regularidade da margem direita, dando a impressão de que essas linhas seriam ligeiramente mais curtas que as outras.

Já o alinhamento centralizado, com margens irregulares à esquerda e à direita, é comum em títulos e informações destacadas especialmente em situações formais como “convites, folhas de rosto, certificados e epitáfios” (p. 85). Esse tipo de alinhamento também não é muito comum em textos longos. O texto centralizado expressa elegância, tradição e formalidade, mas pode parecer tedioso se empregado sem cuidado.

A divisão entre os parágrafos pode ser indicada de diversas formas, seja com recuos, quebras de linha, entrelinha adicional, espaço adicional entre as palavras ou símbolos inseridos entre os parágrafos.

O espaço em branco entre letras e linhas tem função de proporcionar uma leitura eficaz e expressar as pausas e intervalos presentes no conteúdo. Lupton discorre sobre três tipos de espaço: o kerning, o espaçamento (ou tracking) e o entrelinhamento.

O kerning é o espaço ajustado entre um par de letras específico, de modo a preencher vazios grandes demais (especialmente em tipos maiores), ou evitar a sobreposição de parte das letras, tornando o espaço entre as letras mais harmônico e uniforme. Já o espaçamento

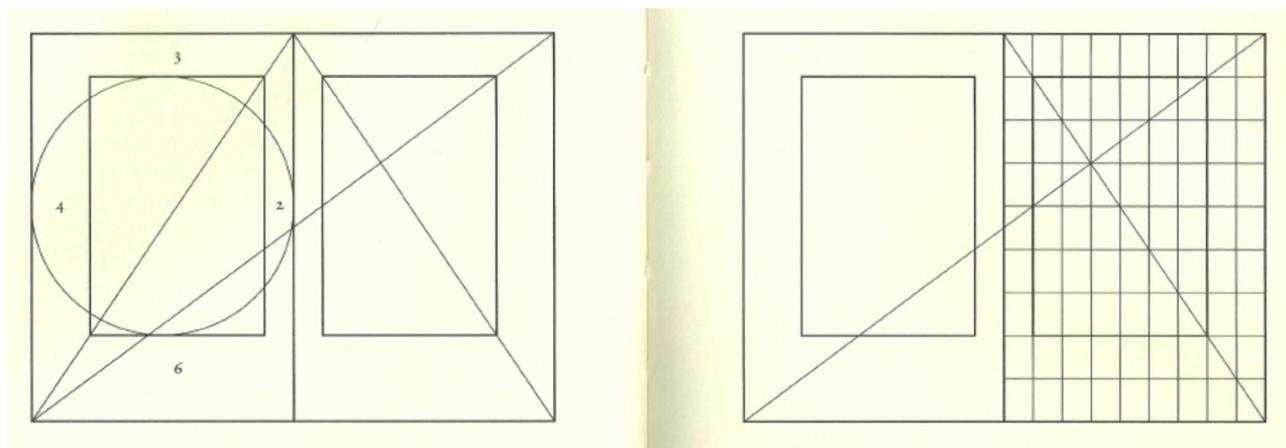
(ou tracking) se refere ao ajuste do espaço global entre as todas letras em um texto, não apenas de um par de letras. O espaçamento positivo é mais favorável em letras de caixa-alta ou versaletes, enquanto o espaçamento negativo é pouco recomendado. O entrelinhamento, por sua vez, consiste no espaço entre as linhas de um texto, tendo como padrão comum em programas de diagramação uma proporção de 120% em relação ao corpo de texto. Um entrelinhamento pequeno demais faz com que as ascendentes e descendentes se encostem ou sobreponham, produzindo um efeito desagradável, enquanto um entrelinhamento exagerado faz com que o bloco de texto não seja mais visto como uma unidade, mas como linhas nitidamente separadas.

### **5.1.3 Tschichold: A forma do livro**

O alemão Jan Tschichold (1902-1974) foi um importante designer e tipógrafo do século XX. Durante a década de 1920, Tschichold abraçou o movimento modernista e produziu sua primeira obra conhecida, *Die neue Typographie*. Anos depois, Tschichold abandonou o padrão modernista e fez um movimento em direção à tipografia clássica. Foi nesse contexto, que ele escreveu *A forma do livro*, que permanece como referência clássica em termos de tipografia e diagramação de livros. Nesse livro o autor fornece instruções e recomendações para uma boa composição tipográfica: página, mancha tipográfica, parágrafos, entrelinhamento, notas de rodapé e outros elementos.

Segundo Tschichold, “alcança-se harmonia entre o tamanho da página e o tamanho da mancha [de texto] quando ambos têm as mesmas proporções” (TSCHICHOLD, 2007, p. 68). Ele apresenta um modelo no qual se basearam manuscritos do fim da Idade Média, construído a partir das diagonais da página dupla aberta e da página individual. Esse modelo pode ser obtido também pela divisão da página em nove partes tanto na vertical como na horizontal. As margens interna e superior são de um nono, enquanto as margens externa e inferior são de dois nonos. Esse sistema pode ser aplicado a diferentes formatos de retângulo, e também com outro número como base para a divisão da página (uma página dividida em doze unidades resultará em uma mancha de texto maior).

**Figura 13:** Exemplos de páginas de Jan Tschichold



**Fonte:** TSCHICHOLD, 2007, p. 70-71

Quanto ao uso das letras, Tschichold afirma que “um tipo é tanto mais legível quanto menos sua forma básica difere daquela usada há muitas gerações” (p. 36). Ou seja, parte da legibilidade do texto tem a ver com a presença de formatos familiares e habituais ao leitor. Pequenas modificações quanto à media das serifas ou contraste entre partes mais pesadas e mais leves da letra são apropriados, mas dentro de um limite. “Letras com descendentes não têm de ser encurtadas, e a distância média entre as duas letras não precisa ser exorbitantemente comprimida” (p. 40). Quanto às linhas de texto, é recomendado que contenham de 8 a 12 palavras.

Os parágrafos devem ser iniciados com recuo, para melhor indicar aos olhos do leitor onde se situa o início de um novo parágrafo. Embora haja outras formas de indicar o início de um parágrafo (como aumentar o entrelinhamento ou inserir símbolos entre os parágrafos), Tschichold afirma ser o recuo a mais apropriada: “Só há na verdade um método claro, tecnicamente infalível, muito simples e econômico, de marcar o início de um parágrafo, que é o recuo” (p. 138). Recomenda-se para o recuo a medida de um quadratim, ou seja, o quadrado do corpo do tipo (10 pontos em uma fonte de 10 pontos, e assim por diante). Tschichold aponta também para uma excessão: o recuo não deve ser utilizado no primeiro parágrafo abaixo de um título centralizado. “O primeiro parágrafo deve começar sem recuo” (p. 138).

Quanto ao espaçamento, Tschichold indica que se adote o espaçamento entre palavras de um terço de quadratim (p. 41). O interespaçamento (espaçamento entre letras) jamais deve ser aplicado a palavras em caixa-baixa, mas é adequado em maiúsculas romanas,

usando-se no mínimo um sexto do corpo do tipo (p. 42). Esse espaço deve ser maior em composições em caixa-alta do que nos textos em caixa-baixa. Quanto ao entrelinhamento (espaçamento entre linhas), Tschichold afirma: “quanto mais linhas quebradas ou linhas de tamanhos diferentes, isto é, quanto mais turbulento é o bloco de texto, mais entrelinhamento se deve usar” (p. 151). Quando a composição é larga demais, ou quando o espaço entre palavras é grande, aumentar o entrelinhamento também pode conferir maior harmonia à página. Tipos diferentes também requerem um entrelinhamento diferente. Tipos antigos e romanos como Garamond demandam menos entrelinhamento do que tipos mais recentes como Bodoni e Didot.

Outros elementos da página também são abordados por Tschichold. O número da página, por exemplo, localiza-se fora do bloco de texto. Segundo o autor, a solução melhor e mais simples é colocá-lo centralizado abaixo do bloco de texto, ou, em alguns casos, debaixo do bloco de texto, perto da margem externa. Os algarismos elevados, para notas de rodapé, devem ser compostos com caracteres da fonte básica utilizada, e não devem ser colocados entre parênteses. As notas de rodapé devem ser separadas do bloco de texto por um espaço maior que o entrelinhamento geral do texto, ou por um fio fino (p. 125). O entrelinhamento dentro das notas de rodapé deve ser igual ou semelhante ao entrelinhamento geral do texto, do contrário gerará uma mancha mais densa (p. 157). Em caso de haver muitas notas de rodapé, pode-se colocá-las uma ao lado da outra (e não necessariamente uma abaixo da outra, como em uma lista), separando-as com o espaço de um quadratim.

#### **5.1.4 Jury: O que é tipografia**

David Jury, editor da revista *TypoGraphic* da Sociedade Internacional de Designers Tipográficos e diretor do curso de *Graphic Media* no Colchester Institute, é o autor de *O que é tipografia?* (2007). Em seu livro, Jury apresenta a tipografia em relação a diversos aspectos da experiência humana, como a leitura, comunicação oral e contextos rurais e urbanos. O autor apresenta também diretrizes para o uso adequado da tipografia em textos, que serão exemplificados a seguir.

Discorrendo sobre a configuração de página, Jury afirma o uso de grelhas (ou grids) como ferramenta que “fornece a base racional na qual se pode repetir uma série de arranjos reconhecíveis”, possibilitando que o leitor navegue entre as páginas com mais facilidade, e

que o projeto seja feito com colaboração de várias pessoas trabalhando a partir de um mesmo sistema visual (p. 130). A estrutura dessa grelha deve ser sempre concebida como uma página dupla, ou seja, um par de páginas opostas.

A tradicional proporção de 1:1618 (proporção áurea) tem sido tradicionalmente empregada na construção de páginas de livros, ajudando a definir as margens e zonas de texto a partir do formato das próprias páginas (p. 132). Com o tempo, a popularidade de revistas e tecnologia digital demandaram estruturas mais complexas de organização de conteúdo, o que favoreceu o uso de um tipo de estrutura que subdivide a página em módulos, cujo tamanho é definido pela natureza do texto e das imagens utilizados. Quanto maior o número de módulos, mais possibilidades de diagramação e posicionamento dos elementos. Porém, Jury ressalta que a grelha não surgiu com a tecnologia digital, mas “era uma componente fundamental de todos os documentos muito antes da imprensa ter sido inventada” (p. 133).

As margens constituem a diferença espacial entre a zona ocupada pelo texto e os limites da página. As margens também podem ser utilizadas como espaço destinado a títulos, subtítulos, ilustrações e legendas, distinguindo-os do corpo de texto principal. Segundo Jury, “nos livros, a relação entre a mancha de texto e a zona das margens é da ordem de 50%” (p. 142). O autor recomenda um padrão em que a altura da margem superior seja metade da altura da margem inferior, enquanto a largura da margem lateral interior (somando-se as duas páginas) deve ser igual à largura de cada margem lateral exterior (p. 142). Jury aponta ainda para uma relação entre as margens e o entrelinhamento do texto: um texto com espaço adicional entre linhas é adequado quando as margens forem relativamente pequenas, enquanto um texto de margens maiores é mais agradável quando o espaço entre as linhas for menor. Ele resume: “Em síntese, o espaço em branco abundante na mancha de texto compensa visualmente a escassez de espaço à volta do texto, e vice-versa” (p. 142).

Quanto ao uso da tipografia, recomenda-se um corpo de tipo de 10 a 12 pontos, considerando- porém, que pode haver alterações de acordo com a altura do x de cada fonte. Deve-se levar em conta tanto a legibilidade como a facilidade de leitura (ou leiturabilidade), que, apesar de serem diferentes, têm uma relação de interdependência: a legibilidade influencia na leiturabilidade, e vice-versa.

A leiturabilidade diz respeito à “nitidez que permite distinguir os caracteres individuais uns dos outros” (p. 82). Segundo Jury, uma tipografia legível costuma ter “ caracteres com

espaços interiores abertos ou fechados maiores, o que implica, inevitavelmente, uma grande altura do x” (p. 82). É preciso ter cuidado, porém, com o fato de que uma altura do x elevada faz com que as ascendentes e descendentes tendam a ser menores, o que pode causar confusão entre pares de caracteres como o “h” e o “n”, e também o “l” e o “i”. Esse espaço interno é importante para distinguir caracteres semelhantes como “e”, “a” e “s”, assim como “c” e “o”, que são utilizados com maior frequência. Além disso, há os caracteres que normalmente são confundidos uns com os outros, tais como “i”, “j” e “l”; e “f” e “t” (p. 82).

A facilidade de leitura (ou legibilidade) se refere a um aspecto mais amplo do que a legibilidade, a saber, a capacidade de identificar e compreender as palavras e frases. Jury afirma que os tipos antigos são de maior legibilidade (*Caslon*, por exemplo), enquanto os modernos são mais difíceis de ler (*Bodoni*), e as de transição estariam no meio-termo (*Baskerville*). As características de uma fonte legível, segundo o autor, normalmente são: “a forma aberta, ascendentes e descendentes muito visíveis, serifas modeladas e pujança direccional” (p. 85).

Quanto à configuração dos parágrafos, Jury discorre sobre a composição justificada e a composição alinhada à esquerda. A composição justificada confere uniformidade e neutralidade à aparência do texto: “a forma do texto varia tão pouco de página para página que o leitor encontra menos elementos que o desconcentrem do ato da leitura” (p. 100). Enquanto a composição justificada é “a norma para documentos associados à formalidade e perenidade”, a composição alinhada à esquerda é geralmente associada a “textos relativamente efêmeros e informais”, enquanto (p. 104). Esse tipo de configuração naturalmente gera uma margem irregular à direita, o que pode causar distrações ao leitor se uma determinada linha se destaca das demais por seu comprimento perceptivelmente maior ou menor que as outras. Por outro lado, se a margem direita for demasiado regular, pode-se ter a impressão de que se trata na verdade de um texto justificado com pouco cuidado.

Quanto ao espaçamento, Jury recomenda “uma composição pouco espaçada, espaçamento igual entre caracteres, espaçamento igual entre palavras (...) e um pouco mais de espaço entre as linhas para fontes tipográficas com maior altura do x” (p. 22). O espaço branco em uma página ajuda a dar sentido de organização e controle ao ritmo do texto, sendo importante, portanto, “assegurar que os espaços fiquem o mais uniformes possível nas partes em que é preciso apresentar uma sequência estável e ininterrupta de informação” (p. 94). Em

geral, raramente precisa-se ajustar o espaço entre letras em caixa baixa, com excessão de alguns pares de caracteres especialmente problemáticos quando usados como inicial maiúscula, como o “T” e o “W”. Quanto às caixas altas, é recomendado sempre verificar os espaços. Em geral, “os espaços entre os caracteres têm de estar equilibrados relativamente aos espaços internos das letras” (p. 95). Jury discorre mais especificamente a respeito do *kerning*, *tracking*, espaço entre palavras e espaço entre linhas. O *kerning* consiste no ajuste do espaço individual entre pares de caracteres, visando fluidez, ritmo e clareza. Uma composição mais espaçada ocasiona em maior lentidão na leitura, enquanto uma composição mais estreita permite a leitura prosseguir mais rapidamente (até o limite em que os caracteres se tocam ou se sobrepõem, o que não é desejado). As fontes de estilo antigo normalmente seguem um padrão de espaçamento que pode ser resumido na frase: “próximos, mas sem se tocarem” (p. 134). Já os tipos mais verticais e modernos demandam um pouco mais de espaço entre os caracteres.

O *tracking*, por sua vez, refere-se ao ajuste de todos os espaços entre caracteres de uma linha ou bloco de texto, devendo ser aplicado de maneira sutil para que não chame a atenção do leitor. Quando aumenta-se o tamanho da fonte, os espaços entre os caracteres tornam-se naturalmente maiores, perdendo a proximidade necessária para que cada palavra seja lida como uma unidade, e não como letras independentes. Nesse caso, é adequado reduzir o *tracking*, enquanto o caso inverso também é verdadeiro: a diminuição do corpo de tipo pode requerer um aumento dos espaços.

Quanto ao espaço entre palavras, recomenda-se que este corresponda aproximadamente ao espaço entre os traços verticais da letra “n” (p. 138). Porém, a diferença de estrutura entre letras pode demandar um ajuste específico em certos casos: o espaço entre um “d” e um “b” parecerá menor do que o espaço entre um “e” e um “o”. No caso dos textos justificados, é mais fácil obter um espaço regular entre palavras se as linhas de texto forem mais longas. Uma largura de coluna pequena demais, por outro lado, ocasionará em linhas visivelmente mais espaçadas que as outras.

O espaço entre linhas também tem papel importante, especialmente quanto ao movimento dos olhos do fim de uma linha ao início da linha seguinte. Um texto com entrelinhamento pequeno parecerá mais denso, e prejudicará o movimento do leitor de uma linha para a outra. Um espaço mais generoso entre as linhas ajuda a “evitar que o leitor salte

linhas inadvertidamente ou torne a ler linhas cuja leitura tinha acabado de concluir” (p. 139). No caso de linhas de texto muito compridas, convém aumentar o entrelinhamento, para que a passagem do fim de uma linha para o começo da linha seguinte não se dê em um ângulo agudo demais.

As características do tipo utilizado também influenciam o uso do entrelinhamento. Fontes com maior altura de x parecerão ter menos espaço entre as linhas, enquanto fontes com menor altura de x aparentam maior espaço, o que pode demandar ajustes em cada caso. Tipos sem serifa, que comumente têm um porte vertical, também pedem um entrelinhamento maior, assim como as versões mais densas de um tipo (*bold*, *black*, etc.).

### 5.1.5 Samara: Guia de estilo gráfico

O designer norte-americano Timothy Samara é membro da School of Visual Arts, NYU, da Purchase College e da Parsons School of Design. Seu livro *Elementos do design: Guia de estilo gráfico* (Bookman, 2010) trata dos fundamentos e exemplos de uso de imagem, texto, layout, espaço e cor no design gráfico. Nas sessões sobre texto, tipografia e grid, encontram-se diretrizes a respeito dos elementos elencados neste trabalho como componentes do problema.

Samara afirma que o uso de grids “introduz uma ordem sistemática em um layout, ajuda a distinguir vários tipos de informações e facilita a navegação de um usuário por elas” (p. 202). O grid é formado por alguns elementos fundamentais, que resultam em proporções consistentes entre o espaço preenchido pelo conteúdo e os espaços em branco. Tais elementos são:

**Margens:** o espaço entre as bordas e o conteúdo da página. As proporções das margens devem ser definidas com cuidado, podem servir como descanso aos olhos ou para abrigar informações adicionais;

**Colunas:** os alinhamentos verticais de texto, que criam divisões horizontais entre as margens. A quantidade e largura das colunas podem ser definidos visando o tipo de conteúdo a ser utilizado (imagens, texto, tabelas etc.), a quantidade de tipos diferentes de informação (notas, legendas, etc.) e a largura adequada para o parágrafo de texto;

**Linhas de fluxo:** são alinhamentos que dividem o espaço em faixas horizontais,

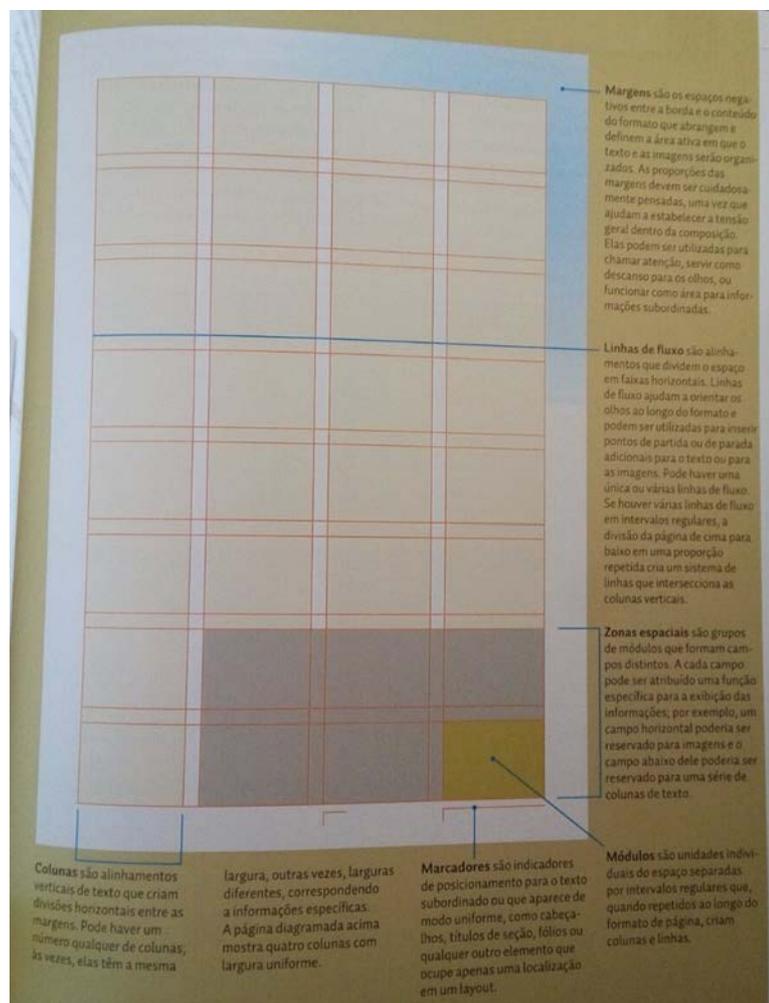
utilizadas para inserir pontos de partida ou de parada para o texto e imagens;

**Módulos:** são unidades individuais retangulares, formadas pela divisão de linhas e colunas;

**Zonas espaciais:** grupos de módulos agrupados para um certo tipo de conteúdo. Por exemplo, um grupo de módulos na parte inferior pode ser designado para abrigar as notas de rodapé, ou um grupo de módulos à esquerda pode ser designado para legendas, etc.;

**Marcadores:** indicadores de posição para elementos como cabeçalhos, numeração de página, elementos de navegação e outros.

**Figura 14:** Anatomia do grid



**Fonte:** SAMARA, 2010, p. 203

Em grids baseados em colunas as margens externas costumam ter o dobro da medida dos espaços entre colunas, como forma de direcionar o olhar para a parte interna da página (p.

205). Os entrelinhamentos e corpos de tipo também podem ser definidos com base no grid, utilizando medidas proporcionais, como no exemplo abaixo:

**Figura 15:** Relação entre corpo, entrelinha e grid



**Fonte:** SAMARA, 2010, p. 212

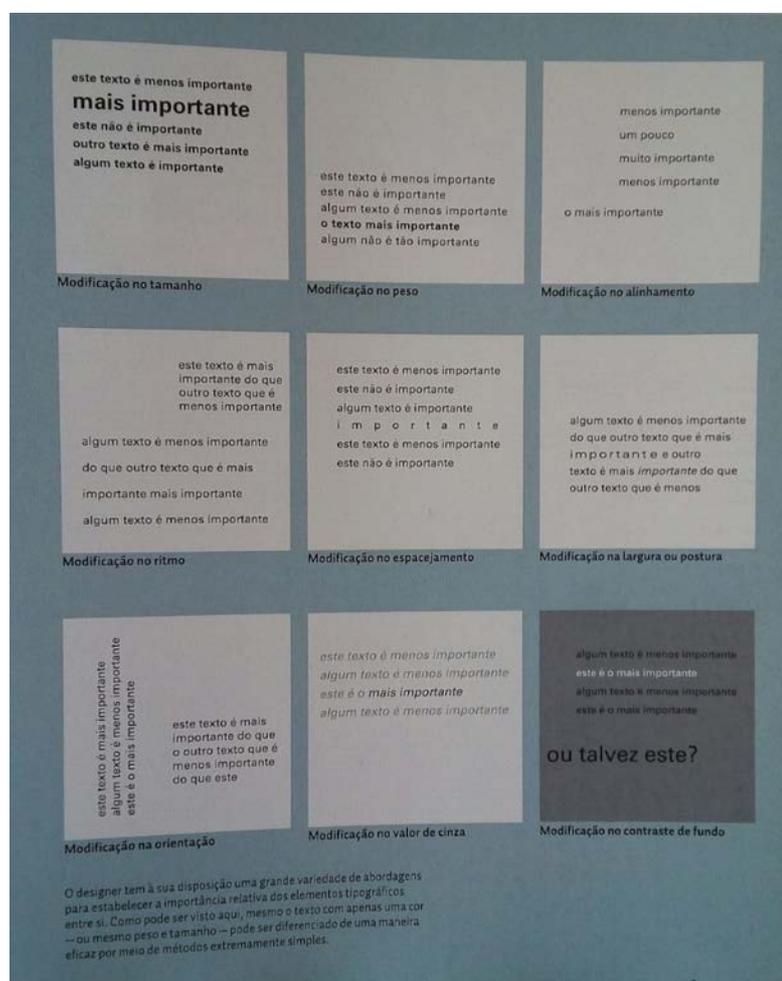
Além do grid, o uso adequado da tipografia também contribui para a organização e hierarquia da informação. A combinação de tipos deve ser feita levando em conta o contraste de peso, tamanho, largura, estilo etc. O contraste entre os tipos deve ser evidente, mas com alguma semelhança que dê coerência ao conjunto. Pode-se usar, por exemplo, uma fonte serifada combinada a uma fonte sem serifa, mas que tenham peso e largura semelhantes. Em muitos casos, a variação de versões presentes na mesma família tipográfica (bold, semibold, itálico etc.) já oferece contraste suficiente para um projeto. Em outros casos, é pertinente o uso de fontes de famílias diferentes, mas em geral sem variações demais:

O designer só deve empregar dois ou três estilos de tipografia em um projeto, e sempre que possível, combinar estilos que compartilham qualidades, como proporção, peso, forma de terminal, etc. (...) Limitar o grau da diferença estilística a apenas aquilo que é necessário para sinalizar uma modificação nas

informações permite ao leitor entender essas modificações e, ao mesmo tempo, mantém a unidade visual e cria inter-relações de forma mais clara no conteúdo. (SAMARA, 2010, p. 157).

A hierarquia serve para agrupar, ordenar distinguir informações, direcionando o leitor ao que é mais importante, e em seguida ao restante do conteúdo. Dessa forma, o observador “irá supor que elementos tipográficos com tratamento semelhante estão relacionados” (p. 157), e vice-versa - elementos tipográficos contrastantes serão vistos como categorias distintas. Essa ordenação pode ser enfatizada de diferentes maneiras, modificando peso, tamanho, alinhamento, cor etc.

**Figura 16:** Formas de hierarquia



Fonte: SAMARA, 2010, p. 155

Quanto à construção do parágrafo, Samara afirma que a largura da coluna de texto deve ser determinada a partir de uma quantidade ideal de caracteres por linha: entre 50 e 80 caracteres, resultando em cerca de 8 a 12 palavras (p. 132). Já o alinhamento pode ser configurado de quatro formas: à esquerda, à direita, centralizado ou justificado. Enquanto nos três primeiros o espaço entre palavras é uniforme, no alinhamento justificado há variações nos espaços, porque em algumas linhas as palavras precisam afastar-se umas das outras para alcançar a largura do bloco de texto. Isso pode dar origem ao que Samara chama de “caminhos de rato” que fazem com que o parágrafo perca sua coerência visual e prejudique a fluidez da leitura. O autor sugere a seguinte solução para esses casos: começar encontrando a largura ótima de parágrafo para o texto alinhado à esquerda, e ao justificá-lo, aumentar levemente a largura do parágrafo (p. 135).

Os alinhamentos à esquerda e à direita, embora não criem espaços irregulares entre palavras, podem ocasionar em problemas nas margens irregulares (no lado não alinhado), com linhas muito avançadas ou recuadas em comparação com as demais. “Se as linhas alternadas forem curtas e longas demais, a margem irregular torna-se ativa e chama atenção para si, distraindo o leitor da sequência do conteúdo do texto” (p. 137). O ideal é que a variação de largura entre as linhas esteja entre um quinto e um sétimo da largura do parágrafo (p. 136).

A separação entre parágrafos pode ser feita de diferentes formas, com destaque na(s) primeira(s) palavra(s) ou letra(s) da linha inicial, modificações no espaçamento ou entrelinha, uso de símbolos, ou uso de recuos - o mais comum em parágrafos justificados. Samara recomenda que o recuo não deve ser aplicado no primeiro parágrafo da página, ou no primeiro parágrafo abaixo de um título ou subtítulo (p. 145). Ao final de parágrafos, deve-se evitar o que se chama de “órfãs” (quando a última linha de um parágrafo começa no início de uma coluna, criando uma distração visual) e as “viúvas” (quando uma palavra sozinha compõe a última linha de um parágrafo).

O espaçamento, segundo Samara, é importante para “criar um valor de cinza uniforme que evite a distração do leitor”, de modo que haja “uma alternância padronizada entre o sólido e o vazio - dentro e entre as letras” (p. 118). Se os espaços entre as letras são maiores do que os espaços preenchidos as torna em unidades separadas, enquanto um espaço pequeno demais faz com que os traços externos das letras se toquem ou sobreponham.

Um texto em letras maiúsculas, por ter mais densidade e uniformidade nas suas formas, em geral precisa de um espaçamento maior do que o usado em textos de letras minúsculas (p.

119). Alguns pares de caracteres também merecem atenção especial, pois resultam em contraformas e espaços diferentes da maioria. Entre eles estão: “To”, “Ty”, “Tr”, “We”, “Wo”, “Ae”, “Pe” (p. 119). O corpo do tipo também influencia o espaçamento: “à medida em que o corpo da face é diminuído, o espaço entre as letras deve ser aumentado para permitir que os olhos separem as letras com clareza” (p. 121), e vice-versa.

A entrelinha (espaço entre as linhas) é configurada de acordo com a largura do parágrafo, o corpo do tipo e o seu espaçamento. “O espaço entre as linhas deve ser maior que a altura óptica das linhas, mas apenas o suficiente para que ele não permaneça visível” (p. 132). Recomenda-se que a entrelinha tenha um ou dois pontos a mais que a altura das caixas-baixas em um texto corrido (p. 133), o que significa que o entrelinhamento também varia de acordo com a altura-x.

Quanto aos elementos extra-textuais, Samara recomenda que elementos sobrescritos ou subscritos estejam levemente deslocados em relação à altura-x dada pelo corpo do texto. “Um caractere sobrescrito deve ser posicionado a partir da altura da caixa-alta e repousar marginalmente abaixo da linha média” (p. 143).

## **5.2 Análise de dados**

Terminada a coleta de dados, segue-se para a análise dos dados recolhidos. Essa etapa, segundo Munari (2008), “pode fornecer sugestões acerca do que não se deve fazer para projetar bem (...) e pode orientar o projeto de outros materiais” (p. 42). Os dados e diretrizes encontrados nas obras acima foram então sistematizados e organizados na forma de uma lista de requisitos. Essa lista serviu para identificar quais aspectos da Bíblia Almeida Século 21 precisariam ser melhorados e quais estão adequados; e também para fundamentar a resolução das falhas identificadas, assim como a posterior verificação dos modelos desenvolvidos na etapa de criatividade.

A avaliação e o desenvolvimento da proposta não foram realizadas sob a exigência rígida de que os requisitos fossem cumpridos com total exatidão, mas que a lista servisse como um guia confiável para estabelecer diretrizes, havendo assim certa flexibilidade ao determinar a adequação de cada item ao resultado esperado. Os requisitos levantados foram ordenados segundo os componentes do problema elencados anteriormente.

**Tabela 1:** Lista de requisitos, com base nas recomendações de Bringhurst (2005), Lupton (2006), Jury (2007), Tschichold (2007) e Samara (2010)

<b>LISTA DE REQUISITOS</b>	
<b>REQUISITOS DE GRID (G)</b>	<b>G1.</b> É recomendado que a margem inferior tenha o dobro da medida margem superior, e que a margem externa tenha o dobro da medida da margem interna.
	<b>G2.</b> É recomendado que o espaço entre as colunas tenha metade da medida das margens externas.
<b>REQUISITOS DE ALFABETO (A)</b>	<b>A1.</b> É recomendado que se use até 2 ou 3 estilos de tipografia na maioria dos casos.
	<b>A2.</b> É recomendado que o corpo de texto principal esteja entre 9 pt e 12 pt.
	<b>A3.</b> O contraste entre títulos, subtítulos, texto etc. deve ser claro.
	<b>A4.</b> A disposição dos títulos deve ser constantemente simétrica (alinhados à esquerda ou direita) ou assimétrica (centralizados), não alternando entre as duas.
<b>REQUISITOS DE PARÁGRAFO (P)</b>	<b>P1.</b> A linha de texto deve ter entre 45 e 75 caracteres; ou entre 40 e 50, no caso de colunas múltiplas.
	<b>P2.</b> Os parágrafos devem ser recuados na primeira linha (exceto no primeiro parágrafo).
	<b>P3.</b> A medida do recuo deve ser próxima de um “eme” (a medida do corpo do tipo) ou uma entrelinha.
	<b>P4.</b> Ao inserir citações no texto, deve-se alterar o tipo, tamanho e/ou recuo.
	<b>P5.</b> Em textos alinhados à esquerda, a largura das linhas à direita deve variar entre 1/5 e 1/7 da largura da coluna de texto.
	<b>P6.</b> Ao final de parágrafos, deve-se evitar as “órfãs” (quando a última linha de um parágrafo começa no início de uma coluna) e as “viúvas” (quando uma palavra sozinha compõe a última linha de um parágrafo).
	<b>E1.</b> A entrelinha deve ser 1 ou 2 pontos maior que a altura das caixas baixas.

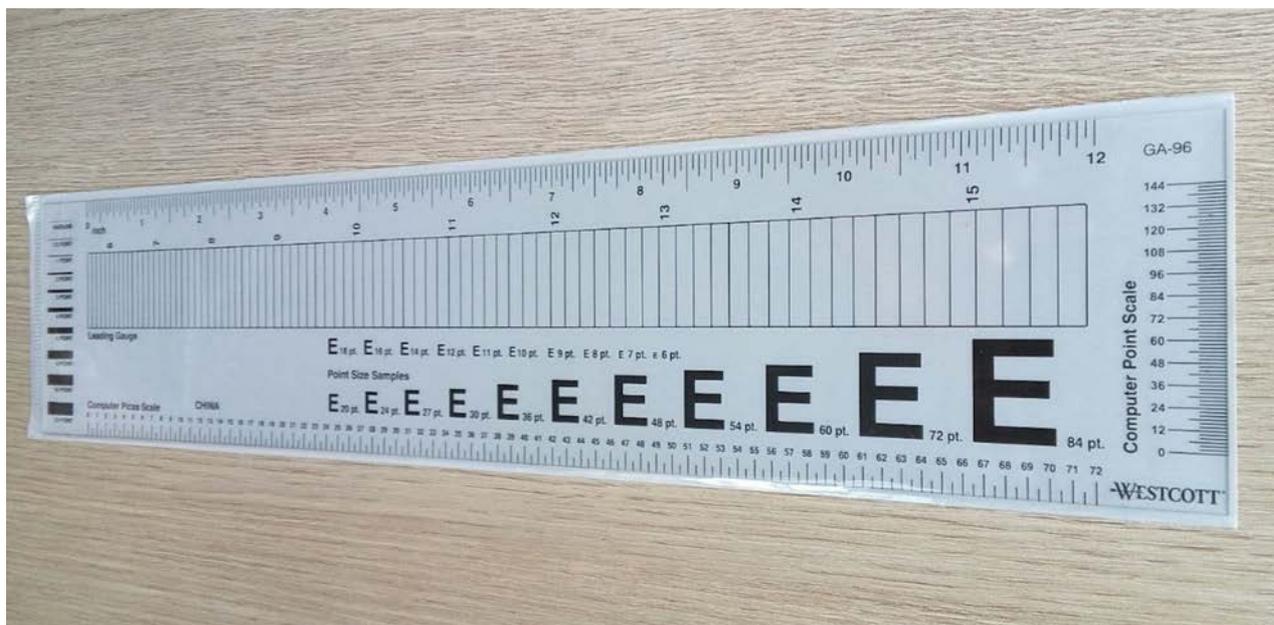
<b>REQUISITOS DE ESPAÇO (E)</b>	<b>E2.</b> A entrelinha acrescentada em citações ou títulos deve resultar em uma medida correspondente à entrelinha geral do texto, de modo que as linhas opostas estejam alinhadas.
	<b>E3.</b> Recomenda-se aumentar a entrelinha nos seguintes casos: linhas muito longas, linhas de tamanhos muito variados, tipos mais densos ou com altura-x maior (especialmente sem serifa), palavras mais espaçadas.
<b>REQUISITOS DE ELEMENTOS EXTRA-TEXTUAIS (X)</b>	<b>X1.</b> Elementos sobrescritos devem estar na mesma fonte que o texto principal, mas em corpo menor.
	<b>X2.</b> As notas informativas devem ser em corpo menor que o texto principal.
	<b>X3.</b> Notas de rodapé devem ter entrelinha com medida igual ou ligeiramente menor que a do texto principal.
	<b>X4.</b> Notas de rodapé devem ser separadas do texto principal por um espaço maior que a entrelinha geral do texto.
	<b>X5.</b> Recomenda-se que a numeração das páginas esteja próxima aos cantos externos.

**Fonte:** autor

### **5.3 Avaliação de modelo**

A avaliação do modelo de Bíblia Almeida Século 21 consistiu em duas etapas. A primeira foi uma descrição textual do produto, enquanto a segunda consistiu na avaliação de cada um dos requisitos da lista acima, indicando falhas e possíveis aperfeiçoamentos. Como não houve acesso aos arquivos digitais originais da Bíblia Almeida Século 21, as medidas de margens, espaços e textos foram obtidas manualmente com uma régua tipográfica.

**Figura 17:** Régua tipográfica Westcott



Fonte: autor

### 5.3.1 Descrição do modelo

A Bíblia Almeida Século 21 (2013) é construída em um diagrama de duas colunas de texto principal. A distância entre as duas colunas de cada página é de 3 mm. As margens internas e externas medem 9 mm cada. A margem inferior mede 11 mm e a margem superior mede 16 mm. O bloco de texto tem altura de 186 mm e largura de 118 mm. Acima do bloco de texto principal, a uma distância de 4 mm, há elementos de navegação indicando a numeração da página (alinhada à borda externa do bloco de texto) e o trecho bíblico (livro e capítulos, centralizado) presente na página (ver Figura 6).

O texto principal é composto por uma fonte serifada com corpo em 8 pt e entrelinha em 10 pt. Na composição do texto principal, cada versículo tem início em uma nova linha, com um recuo de 8 pt. A primeira letra de um novo parágrafo é sempre indicada em negrito (um recuo não seria adequado, visto que já é aplicado um recuo no início de cada versículo). Em citações, a primeira linha do versículo tem recuo de 18 pt, e as linhas seguintes têm recuo de 24 pt. Em trechos de poesia, a configuração do parágrafo é a mesma, porém as unidades (versos) dentro de um mesmo versículo são separados por ponto e vírgula (ver Figura 6).

As notas explicativas de rodapé são localizadas na parte inferior das colunas externas (a coluna da esquerda nas páginas pares e a coluna da direita nas páginas ímpares), compostas na

mesma fonte serifada, mas com corpo de 6 pt e entrelinha de 8 pt, e com uso de itálicos em trechos de traduções alternativas e *bold* nas referências numéricas correspondentes (ver Figura 7). No texto principal, essas notas são referenciadas por asteriscos sobrescritos. O texto abaixo, das referências cruzadas, tem configuração semelhante, mas com uma fonte sem serifa, e em versão *bold italic* nas referências numéricas de capítulo e versículo correspondentes. As referências cruzadas e as notas de rodapé são separadas por um fio de linha horizontal. O texto principal, as notas de rodapé e as referências cruzadas são compostas em alinhamento justificado.

A numeração de capítulos é indicada por um numeral na mesma fonte *bold* sem serifa, em corpo de 18 pt, ocupando o espaço de duas linhas. A numeração de versículos se dá por algarismos sobrescritos antes de cada verso (com exceção do primeiro verso de cada capítulo), compostos na mesma fonte e corpo do texto, mas em uma versão *bold* (ver Figura 7).

Os títulos em cada unidade textual são compostos em uma fonte sem serifa na versão *bold italic*, no mesmo corpo e entrelinha do texto principal (uma entrelinha completa é acrescentada antes de cada título), alinhados sempre à esquerda. Os elementos de navegação acima do bloco de texto principal estão na mesma configuração, mas na versão *bold* (sem itálico). Os títulos de livro são compostos na mesma fonte *bold* sem serifa, em corpo de 20 pt, alinhados à esquerda. Uma linha horizontal cinzenta de espessura de 1mm encontra-se entre o título do livro e o bloco de texto (ver Figura 6). Não há quebra de páginas entre um livro e outro, havendo apenas uma entrelinha de 24 pt (provavelmente a entrelinha da fonte de título) acrescentada entre o fim do bloco de texto de um livro e o título do livro seguinte.

### **5.3.2 Avaliação pelos requisitos**

A avaliação da Bíblia Almeida Século 21 a partir dos requisitos elencados anteriormente encontra-se na tabela abaixo:

**Tabela 2:** Avaliação de modelo: Bíblia Almeida Século 21

<b>AVALIAÇÃO DE MODELO: BÍBLIA ALMEIDA SÉCULO 21</b>	
<b>REQUISITOS</b>	<b>AVALIAÇÃO</b>
<b>G1.</b> É recomendado que a margem inferior tenha o dobro da medida margem superior, e que a margem externa tenha o dobro da medida da margem interna.	As margens não seguem a especificação da lista: as margens interna e externa têm a mesma medida (9 mm). Já a margem inferior (11 mm) é menor que a superior (16 mm).
<b>G2.</b> É recomendado que o espaço entre as colunas tenha metade da medida das margens externas.	O espaço entre as colunas (3 mm) não é metade, e sim um terço da medida da margem externa (9 mm).
<b>A1.</b> É recomendado que se use até 2 ou 3 estilos de tipografia na maioria dos casos.	O modelo segue a recomendação da lista, com uso de três estilos: uma fonte serifada regular, uma fonte sem serifa em bold, e a mesma fonte sem serifa em bold italic.
<b>A2.</b> É recomendado que o corpo de texto principal esteja entre 9 pt e 12 pt.	O corpo de tipo no texto principal (8 pt) está abaixo do padrão recomendado na lista (mínimo de 9 pt).
<b>A3.</b> O contraste entre títulos, subtítulos, texto etc. deve ser claro.	O contraste entre texto, títulos e subtítulos corresponde aos critérios levantados.
<b>A4.</b> A disposição dos títulos deve ser constantemente simétrica (alinhados à esquerda ou direita) ou assimétrica (centralizados), não alternando entre as duas.	Os títulos são consistentemente alinhados à esquerda.
<b>P1.</b> A linha de texto deve ter entre 45 e 75 caracteres; ou entre 40 e 50, no caso de colunas múltiplas.	Tomando por padrão o referencial de colunas múltiplas (40 a 50 caracteres por linha), as linhas que preenchem toda a largura da coluna estão adequadas (entre 42 e 46 caracteres). Mas a configuração de um verso por linha faz com que as linhas com recuo tenham, por vezes, menos de 40 caracteres. Essa configuração também faz com que menos linhas preencham toda a largura da coluna (e conseqüentemente tenham menos caracteres do que o recomendado), devido às constantes quebras de linha a cada mudança de verso.
<b>P2.</b> Os parágrafos devem ser recuados na primeira linha (exceto no primeiro parágrafo).	Devido à configuração de um versículo por linha, não há recuo, e sim iniciais em negrito, no início de cada parágrafo novo.
<b>P3.</b> A medida do recuo deve ser próxima de um “eme” (a medida do corpo do tipo) ou uma entrelinha.	Embora não seja um recuo de parágrafo, o recuo de cada verso é de 8 pt, equivalente ao corpo do texto.

<b>P4.</b> Ao inserir citações no texto, deve-se alterar o tipo, tamanho e/ou recuo.	As citações têm alterações no recuo, mas não no tipo ou no tamanho.
<b>P5.</b> Em textos alinhados à esquerda, a largura das linhas à direita deve variar entre 1/5 e 1/7 da largura da coluna de texto.	Não há variação de largura de linhas à direita, devido ao alinhamento justificado do texto.
<b>P6.</b> Ao final de parágrafos, deve-se evitar as “órfãs” (quando a última linha de um parágrafo começa no início de uma coluna) e as “viúvas” (quando uma palavra sozinha compõe a última linha de um parágrafo).	A configuração de um versículo por linha facilita a ocorrência de órfãs e viúvas (Juízes 9.33; Jeremias 31.30; Mateus 9.26; Lucas 17.19; Romanos 8.30).
<b>E1.</b> A entrelinha deve ser 1 ou 2 pontos maior que a altura das caixas baixas.	A entrelinha segue as medidas recomendadas pela lista (8 pt de corpo e 10 pt de entrelinha).
<b>E2.</b> A entrelinha acrescentada em citações ou títulos deve resultar em uma medida correspondente à entrelinha geral do texto, de modo que as linhas opostas estejam alinhadas.	Não há acréscimo de entrelinha nas citações. Há acréscimo de uma entrelinha antes de títulos, na mesma medida da entrelinha geral, o que corresponde aos critérios da lista.
<b>E3.</b> Recomenda-se aumentar a entrelinha nos seguintes casos: linhas muito longas, linhas de tamanhos muito variados, tipos mais densos ou com altura-x maior (especialmente sem serifa), palavras mais espaçadas.	Não há variações no texto principal quanto à largura das linhas ou corpo ou densidade do tipo.
<b>X1.</b> Elementos sobrescritos devem estar na mesma fonte que o texto principal, mas em corpo menor.	Os elementos sobrescritos (numeração de versículos) estão na mesma fonte, porém no mesmo tamanho.
<b>X2.</b> As notas informativas devem ser em corpo menor que o texto principal.	Tanto as notas explicativas como as referências cruzadas estão em corpo de texto menor que o texto principal.
<b>X3.</b> Notas de rodapé devem ter entrelinha com medida igual ou ligeiramente menor que a do texto principal.	A entrelinha das notas de rodapé e das referências cruzadas é de 8 pt, enquanto a entrelinha do texto geral é de 10 pt.
<b>X4.</b> Notas de rodapé devem ser separadas do texto principal por um espaço maior que a entrelinha geral do texto.	Há uma entrelinha acrescentada entre o texto principal e as notas de rodapé, correspondendo ao requisito.
<b>X5.</b> Recomenda-se que a numeração das páginas esteja próxima aos cantos externos.	A numeração de páginas está em lugar adequado, próximo aos cantos externos.

**Fonte:** autor

### 5.3.3 Considerações gerais

A avaliação da Bíblia Almeida Século 21 a partir da lista de requisitos resultou em algumas

constatações significativas a respeito de pontos a serem aperfeiçoados e problemas específicos a serem solucionados. O item A2, por exemplo, revela uma inadequação no corpo do texto principal, que, seguindo a orientação da lista, precisa ser aumentado em pelo menos um ponto. A distância entre colunas (G2), a entrelinha acrescentada em citações (E2), os numerais sobrescritos (X1) e a entrelinha das notas de rodapé (X3) também foram identificados como elementos a serem aprimorados para melhor adequação aos requisitos.

Já os itens P1 e P6 indicam uma frequência não desejada de linhas mais curtas que o recomendado, além de órfãs e viúvas. Diante disso, a possibilidade de trocar a configuração de um versículo por linha por uma configuração de parágrafos em linhas corridas (com quebras de linha somente ao fim de cada parágrafo) ganha força como alternativa viável.

Embora o item G1 também indique uma inadequação do modelo, as medidas de margens sugeridas podem ser relativizadas, devido à prioridade de economia de espaço (já que se trata de uma obra volumosa, e há a intenção de manter a estimativa de número de páginas próximo ao original), e à variedade de informações a serem acrescentadas ao texto principal (as notas explicativas de rodapé e as referências cruzadas, que poderão ocupar o espaço das margens).

## 6 CRIAÇÃO

As etapas que se seguem (criatividade, verificação, modelo e desenho de construção) foram desenvolvidas a partir dos dados coletados e analisados nas etapas anteriores. Aqui foi necessário delimitar um trecho do texto Bíblico para ser usado como base para as experimentações, dada a inviabilidade de diagramar o texto bíblico por completo neste trabalho. Sendo assim, foi selecionada a carta de Paulo aos Romanos, por algumas razões. Em primeiro lugar, trata-se de um livro que compreende boa parte dos gêneros literários presentes na Bíblia, por conter, além do texto de carta, diversas citações do Antigo Testamento e trechos poéticos. Dessa forma, a diagramação do livro de Romanos cobre de maneira extensa as diferentes configurações de parágrafo que a Bíblia pode requerer.

O livro também tem uma extensão conveniente para o foco deste projeto, sendo composto por 16 capítulos e ocupando 16 páginas na Bíblia Almeida Século 21. Não seria interessante trabalhar com livros curtos demais, que ocupassem apenas uma ou duas páginas, pois é necessário avaliar a fluidez da leitura ao longo das páginas. Por outro lado, não seria conveniente trabalhar com livros muito longos, com mais de 30 capítulos, pois o trabalho repetitivo de diagramação de dezenas de páginas demandaria muito tempo, que pode ser melhor investido na definição do modelo-base.

Soma-se a isso a importância histórica e teológica da carta, que a torna um representante adequado da mensagem bíblica como um todo:

Romanos é a explanação mais compreensível do apóstolo Paulo sobre o evangelho. João Crisóstomo, o maior pregador do século 5, lia o livro de Romanos em voz alta para si uma vez por semana. Agostinho e todos os reformadores consideravam essa carta como crucial para a compreensão do restante das Escrituras. (Bíblia de Estudo de Genebra, 2009, p. 1472).

Dessa forma, a riqueza literária, o conteúdo e a importância histórica da carta de Paulo aos Romanos a tornam um livro adequado para este projeto de redesign. Após a conclusão deste projeto modelo resultante poderá servir de base para a diagramação posterior do texto bíblico completo, se assim houver possibilidade e interesse.

## 6.1 Criatividade

Após a coleta e análise dos dados, segue-se para a etapa de criação, ou criatividade. Segundo Munari (2008, p. 44), “a criatividade leva em conta, antes de se decidir por uma solução, todas as operações necessárias que se seguem à análise de dados”, mantendo-se sempre dentro dos limites do problema. Essa etapa resultou no desenvolvimento de propostas de página a serem verificadas, até a seleção de um modelo final para ser executado.

Para gerar ideias e possíveis soluções de diagramação, foi realizado o “Exercício com Diagramas”, proposto por Lupton (2006, p. 154-155). O exercício consiste em utilizar um diagrama modular para dispôr um mesmo texto de diferentes maneiras. Eis o enunciado:

Use um diagrama modular para distribuir um texto com o maior número possível de alternativas. Empregando apenas um corpo de tipo alinhado à esquerda, construa hierarquias tipográficas exclusivamente por meio de arranjos espaciais. Para tornar o projeto mais complexo, varie o peso, o tamanho e o alinhamento. (LUPTON, 2006, p. 154).

Neste caso, acrescentou-se ao texto propriamente dito notas de rodapé, trechos de referências cruzadas e um título. Foi usada como base a tipografia Minion Pro Regular, e suas respectivas variações. O texto utilizado para este exercício é o primeiro parágrafo da carta de Paulo aos Romanos, que consiste do capítulo 1, versículos 1 a 7, contendo um título, uma nota de rodapé e referências cruzadas para cada um dos sete versículos. O exercício foi feito com uso do software Adobe Illustrator e teve duração de 60 minutos. Algumas das experimentações podem ser vistas abaixo. As demais ideias geradas neste exercício encontram-se no apêndice A.

**Figura 18:** Exemplos do exercício com diagramas

	<p><b>PREFÁCIO E SAUDAÇÃO</b></p>				<p><b>Prefácio e saudação</b></p>				
	<p>Paulo, servo de Jesus Cristo, chamado para ser apóstolo, separado para o evangelho de Deus, que ele antes havia prometido pelos seus profetas nas santas Escrituras, acerca de seu Filho, que, humanamente,* nasceu da descendência de Davi, e com poder foi declarado Filho de Deus segundo o Espírito de santidade, pela ressurreição dentre os mortos, Jesus Cristo, nosso Senhor. Por meio dele recebemos graça e apostolado, por causa do seu nome, a fim de conduzir todos os gentios para a obediência da fé, entre os quais também sois chamados para ser de Jesus Cristo. A todos os que estais em Roma, amados de Deus, chamados para serdes santos: Graça e paz a vós, da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo.</p>			<p><i>1,3 Lit., segundo a carne.</i></p>					<p><i>1,3 Lit., segundo a carne.</i></p>
	<p>1 1Co 1.1; Gl 1.10; 1Tm 1.11 2 Lc 1.70; Gl 3.8; Tt 1.2; 3 Mt 1.1,6; Lc 1.32; Gl 4.4 4 2Co 13.4; Ef 1.19,20; Fp 3.10 5 At 1.25</p>								
	<p><b>PREFÁCIO E SAUDAÇÃO</b></p>								
	<p>1 1Co 1.1; Gl 1.10; 1Tm 1.11 2 Lc 1.70; Gl 3.8; Tt 1.2; 3 Mt 1.1,6; Lc 1.32; Gl 4.4 4 2Co 13.4; Ef 1.19,20; Fp 3.10 5 At 1.25 6 Ap 7.14 7 1Co 1.2-3; 2Co 1.2; 1Tt 4.7</p>								
					<p><i>1,3 Lit., segundo a carne.</i></p>				

Fonte: autor

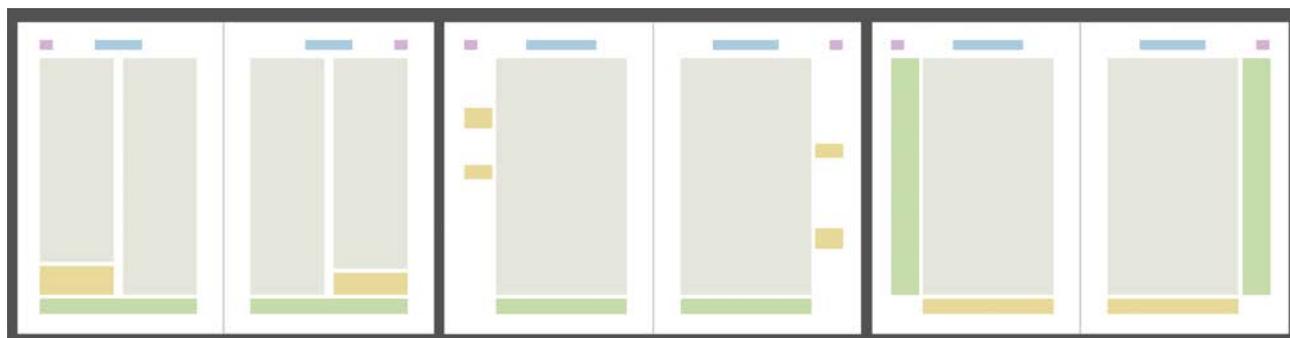
Um outro exercício colocado em prática foi o desenvolvimento de 40 variações de layout com base no modelo abaixo, representativo do modelo original. O exercício foi feito utilizando o software Adobe Illustrator e teve duração de 90 minutos. Os layouts desenvolvidos podem ser encontrados no Apêndice B. Entre eles, foram selecionados três para a etapa posterior (modelo), sendo um o próprio layout original em duas colunas, e os outros dois, variações em uma única coluna.

**Figura 19:** Representação do layout da Bíblia Almeida Século 21



Fonte: autor

**Figura 20:** Layouts selecionados



Fonte: autor

## 6.2 Modelo

A partir das informações e ideias obtidas nas etapas anteriores, foi iniciada a composição dos modelos. Decidiu-se por priorizar modelos de uma única coluna, por entender que essa configuração permitiria linhas mais largas, e conseqüentemente mais adequadas ao número de caracteres recomendado pela lista. Esse fator torna-se mais relevante ainda levando em conta a necessidade de aumentar o corpo do texto (cf. A2). Também pensou-se na possibilidade de usar uma coluna lateral para abrigar as notas explicativas ou as referências cruzadas. No modelo de duas colunas, o espaço entre as colunas seguiu o padrão indicado na lista (cf. G2),

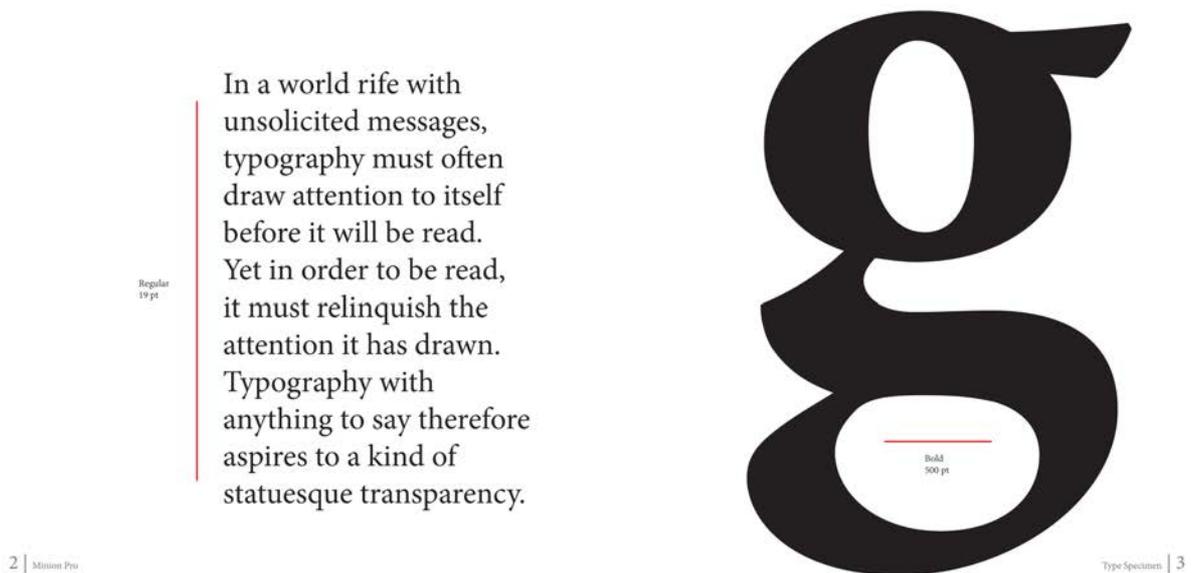
medindo 5 mm, a metade das margens externas (10 mm).

Quanto à configuração dos parágrafos, foi decidido abandonar a configuração de um versículo por linha, utilizando-se a configuração em parágrafo, com quebras de linha apenas no início de novos parágrafos (ou na ocasião de citações e trechos em poesia). Essa decisão se deu pelas seguintes razões:

- a) A configuração de um versículo por linha ocasionava em linhas menores, por vezes com menos caracteres do que o indicado (cf. P1).
- b) A configuração de um versículo por linha gerava muitas quebras de linha, o que ocasionava em maior ocorrência de órfãs e viúvas (cf. P6).
- c) A configuração adotada possibilita mais clareza na distinção entre trechos de gêneros literários diferentes. Trechos de poesia, por exemplo, ganham recuo diferenciado e quebras de linha não presentes no fluxo do texto em prosa.
- d) A configuração adotada permite a aplicação de recuos de início de parágrafo de maneira consistente com os requisitos da lista (cf. P2).
- e) A configuração adotada, por apresentar menos quebras de linha, possibilita maior aproveitamento do espaço, o que é de interesse para esse projeto.

A tipografia escolhida para o texto principal foi a *Minion Pro*, desenvolvida em 1990 por Robert Slimbach. A fonte apresenta “qualidades estéticas e funcionais que fazem o texto altamente legível”, sendo “ideal para usos desde livros de edição limitada a jornais e embalagens” (ADOBE SYSTEMS, 2000). As configurações de tipografia foram as mesmas para os três modelos. Para o texto principal, utilizou-se a fonte *Minion Pro Regular 9/11*, com os títulos em *Minion Pro Bold Italic 9/11*, segundo os requisitos da lista (A2, A3). As notas de rodapé e referências cruzadas foram compostas em *Minion Pro Regular 7/11*, seguindo as recomendações de manter a entrelinha semelhante, mas com corpo de texto reduzido (cf. X2, X3). Para os títulos de livro, usou-se *Minion Pro Bold*, em caixa alta e corpo de 20 pt. A numeração de páginas e a navegação indicando o livro e capítulos de cada página foram compostos em *Minion Pro Bold*, com corpo em 9 pt.

**Figura 21:** Adobe Minion Pro



**Fonte:** WATTS, Trevor. **Type Specimen.** Creative Juice. 2011.

Disponível em: <<http://trevorwatts.com/blog/wp-content/uploads/2011/12/MP-2.png>>

Acesso em: 06 jul 2017.

Os três modelos desenvolvidos a partir dos grids selecionados e das configurações de tipografia utilizadas podem ser vistos abaixo:

Figura 22: Exemplo de página dupla do Modelo 1

4	ROMANOS 3, 4	ROMANOS 4, 5	5
<p><sup>15</sup>Os seus pés se apressam para derramar sangue.  <sup>16</sup>Nos seus caminhos há destruição e miséria;  <sup>17</sup>e não conheceram o caminho da paz.  <sup>18</sup>Não possuem nenhum temor de Deus.*</p> <p><sup>19</sup>Ora, sabemos que tudo o que a lei diz é para os que estão debaixo da lei que ela diz, para que toda boca se cale e todo o mundo fique sujeito ao julgamento de Deus.<sup>20</sup>Porque ninguém será justificado diante dele pelas obras da lei; pois pela lei vem o pleno conhecimento do pecado.</p> <p><b>A justificação pela fé em Jesus Cristo</b>  <sup>21</sup>Mas agora a justiça de Deus se manifestou, sem a lei, atestada pela Lei e pelos Profetas;<sup>22</sup>isto é, a justiça de Deus por meio da fé em Jesus Cristo para todos os que creem; pois não há distinção.<sup>23</sup>Porque todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus,<sup>24</sup>sendo justificados gratuitamente pela sua graça, por meio da redenção que há em Cristo Jesus,<sup>25</sup>a quem Deus ofereceu como sacrifício propiciatório,* por meio da fé, pelo seu sangue, para demonstração da sua justiça. Na sua paciência, Deus deixou de punir os pecados anteriormente cometidos;<sup>26</sup>para demonstração da sua justiça no tempo presente, para que ele seja justo e também justificador daquele que tem fé em Jesus.<sup>27</sup>Assim, onde há motivo para orgulho? Foi excluído. Por</p> <p>3.18 Lit., <i>Não há amor de Deus diante dos seus olhos.</i>  3.25 Ou <i>ofereceu como propiciação</i>.  4.1 Diversos mss. antigos trazem <i>nosso antepassada</i>.  4.1 Lit., <i>segundo a carne</i>.</p> <p>15 Pv 1.16; Is 59.7.8 18 Sl 36.1 19 Jó 5.16; Ez 16.63; Jo 10.34 20 Sl 143.2; At 13.39; Gl 2.16 21 Jo 5.43; At 10.43 22 Rm 10.12; Cl 3.11 24 Mt 20.28; At 15.11; Ef 1.7; Cl 1.14 25 Lv 16.15; Ef 1.9; Cl 1.20 27 Rm 2.17.23; Ef 2.9 28 Gl 2.16; Tg 2.18 30 Gl 3.8.20 31. Gl 2.15-21</p> <p><b>CAPÍTULO 4</b> 1 Is 51.2; 2Co 11.22; 3 Gn 15.6; Gl 3.6; Tg 2.23 4 Dn 9.4.5 5 Js 24.2; Jo 6.29 7 Sl 32.1-2 8 Sl 32.1-2; 2Co 5.19 11 Gn 17.10.11; Lc 19.9</p>	<p>qual lei? Das obras? Não, mas pela lei da fé.<sup>28</sup>Concluimos, pois, que o homem é justificado pela fé sem as obras da lei.<sup>29</sup>Será que Deus é somente dos judeus? Não é também dos gentios? É também dos gentios,<sup>30</sup>visto que Deus é um só, o qual justificará por meio da fé os da circuncisão, e também por meio da fé os da incircuncisão.<sup>31</sup>Por acaso anulamos a lei pela fé? De modo nenhum; pelo contrário, confirmamos a lei.</p> <p><b>Abraão foi justificado pela fé</b>  <b>4</b> Que diremos sobre Abraão, nosso pai* humano? O que ele alcançou? Porque, se foi justificado pelas obras, Abraão tem do que se gloriar, mas não diante de Deus.<sup>3</sup>Que diz a Escritura? Abraão creu em Deus,<sup>4</sup>e isso lhe foi atribuído como justiça.<sup>5</sup>Ora, o salário daquele que trabalha não lhe é atribuído como favor, mas como dívida.<sup>6</sup>Contudo, ao que não trabalha, mas crê naquele que justifica o ímpio, sua fé lhe é atribuída como justiça.<sup>8</sup>Assim também Davi fala da bem-aventurança do homem a quem Deus atribui a justiça sem as obras, dizendo:</p> <p><sup>7</sup>Bem-aventurados aqueles cujas iniquidades são perdoadas, cujos pecados são cobertos.  <sup>8</sup>Bem-aventurado o homem a quem o Senhor nunca atribuirá o pecado.</p> <p><sup>9</sup>Essa bem-aventurança é somente para os da circuncisão, ou também para os da incircuncisão? Pois dizemos que, no caso de Abraão, a fé lhe foi atribuída como justiça.<sup>10</sup>Como lhe foi atribuída? Quando ele foi circuncidado ou quando era incircunciso? Não quando foi circuncidado, mas quando ainda era incircunciso.<sup>11</sup>E recebeu o sinal</p> <p>da circuncisão, como selo da justiça da fé que teve quando ainda não era circuncidado, para que fosse pai de todos os que creem, estando estes na incircuncisão, a fim de que a justiça seja atribuída em favor deles;<sup>12</sup>e ele é pai dos circuncisos, dos que não somente são da circuncisão, mas que também andam nas pisadas da fé que teve nosso pai Abraão, antes de ser circuncidado.<sup>13</sup>Porque não foi pela lei que Abraão, ou sua descendência, recebeu a promessa de que ele havia de ser herdeiro do mundo; ao contrário, foi pela justiça da fé.<sup>14</sup>Pois, se os que vivem pela lei são herdeiros, esvazia-se a fé, e anula-se a promessa.<sup>15</sup>Porque a lei produz a ira; mas onde não há lei também não há transgressão.<sup>16</sup>Por essa razão, a promessa procede da fé, para que seja segundo a graça, a fim de que a promessa seja confirmada a toda a descendência, não somente aos que são da lei, mas também aos que são da fé que Abraão teve. Ele é pai de todos nós<sup>17</sup>(como está escrito: Eu te constitui pai de muitas nações), perante aquele no qual ele creu, a saber, no Deus que dá vida aos mortos e chama à existência as coisas que não existem, como se já existissem.<sup>18</sup>Abraão, ao contrário do que se podia esperar, creu com esperança, para que se tornasse pai de muitas nações, conforme o que lhe havia sido dito: Assim será a tua descendência.<sup>19</sup>E, sem enfraquecer na fé, considerou que o seu corpo já não tinha vitalidade (pois já contava cem anos); e o ventre de Sara já não tinha vida.<sup>20</sup>Contudo, diante da promessa de Deus, não vacilou em incredulidade; pelo contrário, foi fortalecido na fé, dando glória a Deus,<sup>21</sup>plenamente certo de que ele era poderoso para realizar o que havia prometido.<sup>22</sup>Por essa razão, isso lhe foi atribuído como justiça.<sup>23</sup>Mas não é só</p> <p>por causa dele que está escrito que isso lhe foi atribuído,<sup>24</sup>mas também por nossa causa, a quem a justiça será atribuída, a nós que cremos naquele que ressuscitou dos mortos a Jesus, nosso Senhor.<sup>25</sup>Ele foi entregue à morte por causa das nossas transgressões e ressuscitado para a nossa justificação.</p> <p><b>A justificação pela fé e a paz com Deus</b>  <b>5</b> Portanto, justificados pela fé, temos* paz com Deus, por meio de nosso Senhor Jesus Cristo,<sup>2</sup>por intermédio de quem obtivemos também acesso pela fé a esta graça, na qual estamos firmes, e nos gloriamos na esperança da glória de Deus.<sup>3</sup>E não somente isso, mas também nos gloriamos nas tribulações; sabendo que a tribulação produz perseverança,<sup>4</sup>e a perseverança, a aprovação, e a aprovação, a esperança;<sup>5</sup>e a esperança não causa decepção, visto que o amor de Deus foi derramado em nosso coração pelo Espírito Santo que nos foi dado.<sup>6</sup>Ora, quando ainda éramos fracos, Cristo morreu pelos ímpios no tempo adequado.<sup>7</sup>Porque dificilmente haverá quem morra por um justo; pois talvez alguém até ouse morrer por quem faz o bem.<sup>8</sup>Mas Deus prova o seu amor para conosco ao ter Cristo morrido por nós quando ainda éramos pecadores.<sup>9</sup>Assim, agora justificados pelo seu sangue, muito mais ainda seremos por ele salvos da ira.<sup>10</sup>Porque se nós, quando éramos inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida.<sup>11</sup>E não somente isso, mas também nos gloriamos em Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo, pelo qual recebemos agora a reconciliação.</p> <p>5.1 Muitos mss. trazem <i>tenhamos</i>.</p> <p>13 Gn 17.4-6; At 13.32; Gl 3.16 14 Gl 3.17.18 15 1Co 15.36; Gl 3.10 16 Is 51.2; Gl 3.22 17 Gn 17.5; Jo 5.21; 1Co 1.28 18 Gn 15.5 19 Gn 17.17; Hb 11.12 21 Gn 18.14; Sl 115.3; Hb 11.19 23 1Co 10.6.11 24 At 2.24; 1Pe 1.21 25 Os 53.5-6; Mt 20.28; Gl 1.4; 1Co 15.17</p> <p><b>CAPÍTULO 5</b> 1 Is 32.17; Cl 1.20 2 Jo 10.9; Ef 2.18; 1Co 15.1 3 Mr 5.11-12; Lc 21.19; Tg 1.3; 2Co 12.10 4 Tg 1.12 5 Sl 119.116; 2Co 1.22 8 Jo 15.13; 1Pe 3.18; 1Jo 3.16 9 1Ts 1.10; Hb 9.14; 1Jo 1.7 10 Jo 5.26; Cl 1.20.21; Ef 2.16</p>		

Fonte: autor

Figura 23: Exemplo de página dupla do Modelo 2

<p>30</p> <p>ROMANOS 7, 8</p> <p><sup>7</sup>Que diremos? A lei é pecado? De modo nenhum. Contudo, eu não conheceria o pecado se não fosse pela lei; porque eu não conheceria a cobiça, se a lei não dissesse: Não cobiçarás.</p> <p><sup>8</sup>Mas o pecado, aproveitando-se da ocasião dada pelo mandamento, provocou em mim todo tipo de cobiça; porque, onde não há lei, o pecado está morto.<sup>9</sup> Antes eu vivia sem a lei; mas, quando veio o mandamento, o pecado reviveu, e eu morri;<sup>10</sup> e descobri que o mandamento, que era para vida, se tornou em morte para mim.<sup>11</sup> Porque o pecado, aproveitando-se da ocasião dada pelo mandamento, enganou-me e por meio dele me matou.<sup>12</sup> De modo que a lei é santa, e o mandamento, santo, justo e bom.<sup>13</sup> Então, o que era bom tornou-se em morte para mim? De modo nenhum. Mas o pecado, para que se mostrasse como pecado, produziu em mim a morte por meio do que era bom; a fim de que pelo mandamento o pecado se mostrasse extremamente pecaminoso.<sup>14</sup> Porque sabemos que a lei é espiritual; mas eu sou limitado pela carne, vendido como escravo do pecado.<sup>15</sup> Não entendo o que faço, pois não pratico o que quero, e sim o que odeio.<sup>16</sup> E, se faço o que não quero, concordo que a lei é boa.<sup>17</sup> Agora, porém, não sou mais eu quem faz isso, mas o pecado que habita em mim.<sup>18</sup> Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem algum; pois o querer o bem está em mim, mas não o realizo.<sup>19</sup> Pois não faço o bem que quero, mas o mal que não quero.<sup>20</sup> Portanto, se faço o que não quero, já não sou eu quem o faz, mas o pecado que habita em mim.</p> <p><sup>21</sup>Desse modo, descobri esta lei em mim: quando quero fazer o bem, o mal está presente em mim.<sup>22</sup> Porque, no que diz respeito ao homem interior, tenho prazer na lei de Deus;<sup>23</sup> mas vejo nos membros do meu corpo outra lei guerreando contra a lei da minha mente e me fazendo escravo da lei do pecado, que está nos membros do meu corpo.<sup>24</sup> Desgraçado homem que sou! Quem me livrará do corpo desta morte?<sup>25</sup> Graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor! Desse modo, com a mente eu mesmo sirvo à lei de Deus, mas com a carne, à lei do pecado.</p> <p><i>A nova vida abaixo da graça</i></p> <p><b>8</b> Portanto, agora já não há condenação alguma para os que estão em Cristo Jesus.<sup>2</sup> Porque a lei do Espírito da vida, em Cristo Jesus, te livrou da lei do pecado e da morte.<sup>3</sup> Pois o que para a lei era impossível, visto que se achava fraca por causa da carne, Deus o fez na carne, condenando o pecado e enviando o seu próprio Filho em semelhança da carne do pecado e como sacrifício pelo pecado,<sup>4</sup> para que a justa</p> <p>8.10 Ou o espírito vive.</p> <p>8 1Co 15.56 10 Lv 18.5; 2Co 3.7 12 Sl 19.8,9; 1Tm 1.8; 2Pe 2.21 14 2Rs 17.17; Is 50.1 15 Gl 5.17 16 1Tm 1.8 18 Gn 6.5; Jo 14.4; sl 51.5 22 Sl 1.2; 2Co 4.16; Ef 3.16 23 Gl 5.17; Tg 4.1 25 Gl 5.16-26 CAPÍTULO 8 2 Jo 8.36; 1Co 15.45; Gl 2.19 3 Jo 1.14; At 13.39; Gl 4.9; Hb 7.18 4 Gl 5.16,25</p>	<p>31</p> <p>ROMANOS 8</p> <p>exigência da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito.</p> <p><sup>5</sup>Os que vivem segundo a carne pensam nas coisas da carne; mas os que vivem segundo o Espírito, nas coisas do Espírito.<sup>6</sup> Pois a mentalidade da carne é morte; mas a mentalidade do Espírito é vida e paz.<sup>7</sup> A mentalidade da carne é inimiga de Deus, pois não está sujeita à lei de Deus, nem pode estar.<sup>8</sup> Os que vivem na carne não podem agradar a Deus.<sup>9</sup> Vós, porém, não estais sob o domínio da carne, mas do Espírito, se é que o Espírito de Deus habita em vós. (Mas, se alguém não tem o Espírito de Cristo, não pertence a Cristo.);<sup>10</sup> Se Cristo está em vós, embora o vosso corpo seja mortal por causa do pecado, o Espírito é vida* por causa da justiça.<sup>11</sup> E, se o Espírito daquele que ressuscitou Jesus dentre os mortos habita em vós, aquele que ressuscitou Cristo Jesus dentre os mortos há de dar vida também aos vossos corpos mortais, pelo seu Espírito, que em vós habita.</p> <p><sup>12</sup>Portanto, irmãos, somos devedores não à carne, para vivermos segundo a carne.<sup>13</sup> Porque, se viverdes segundo a carne, morrereis; mas, se pelo Espírito mortificardes as práticas do corpo, vivereis.<sup>14</sup> Pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus.<sup>15</sup> Porque não recebestes um espírito de escravidão para vos reconduzir ao temor, mas o Espírito de adoção, pelo qual clamamos: Aba, Pai!<sup>16</sup> O próprio Espírito dá testemunho ao nosso espírito de que somos filhos de Deus.<sup>17</sup> Se somos filhos, também somos herdeiros, herdeiros de Deus e coerdeiros de Cristo, se é certo que sofremos com ele, para que também com ele sejamos glorificados.</p> <p><i>Os primeiros frutos do Espírito</i> <i>Esperança, intercessão, eleição</i></p> <p><sup>18</sup>Considero que os sofrimentos do presente não se podem comparar com a glória que será revelada em nós.<sup>19</sup> Pois a criação aguarda ansiosamente a revelação dos filhos de Deus.<sup>20</sup> Porque a criação ficou sujeita à inutilidade, não por sua vontade, mas por causa daquele que a sujeitou.<sup>21</sup> Na esperança de que também a própria criação seja libertada do cativeiro da degeneração, para a liberdade da glória dos filhos de Deus.<sup>22</sup> Pois sabemos que toda a criação geme e agoniza até agora, como se sofresse dores de parto;<sup>23</sup> e não somente ela, mas também nós, que temos os primeiros frutos do Espírito, também gememos em nosso íntimo, aguardando ansiosamente nossa adoção, a redenção do nosso corpo.</p> <p><sup>24</sup>Porque fomos salvos na esperança. Mas a esperança que se vê não</p> <p>5 Jo 3.6; 1Co 2.14 6 Gl 6.8 7 1Co 2.14; Tg 4.4 9 Jo 3.34; At 16.7; 1Co 3.16; 2Co 6.16 11 At 2.24; 1Co 6.14; Ef 2.5 13 Ef 4.22; Cl 3.5 14 Dt 14.1; Jo 1.12; Gl 5.18 15 Is 56.5; Gl 4.5; Hb 2.15 16 2Co 1.22; 1Jo 3.24 17 At 14.22; Gl 3.29 18 2Co 4.17; 1Pe 1.6-7 19 1Pe 4.13; 1Jo 3.2 20 Gn 3.19; Ec 1.2 21 At 3.21 22 Mc 16.15; Jr 12.11 23 Is 25.9; Lc 20.36; 2Co 5.5; Tg 1.18 24 2Co 4.18; Hb 11.1</p>
--	---

Fonte: autor

Figura 24: Exemplo de página dupla do Modelo 3

48	ROMANOS 1, 2	ROMANOS 2, 3	49
19 Jo 1.9; At 14.17	dos homens, que impedem a verdade pela sua injustiça. <sup>19</sup> Pois o que se pode conhecer sobre Deus é manifesto entre eles, porque Deus lhes manifestou. <sup>20</sup> Pois os seus atributos invisíveis, seu eterno poder e divindade, são vistos claramente desde a criação do mundo e percebidos mediante as coisas criadas, de modo que esses homens são indesculpáveis; <sup>21</sup> porque, mesmo tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças; pelo contrário, tornaram-se fúteis nas suas especulações, e o seu coração insensato se obscureceu. <sup>22</sup> Dizendo-se sábios, tornaram-se loucos <sup>23</sup> e substituíram a glória do Deus incorruptível por imagens semelhantes ao homem corruptível, às aves, aos quadrúpedes e aos répteis.	que pratica o mal, primeiro ao judeu, depois ao grego; <sup>10</sup> mas glória, honra e paz a todo que pratica o bem, primeiro para o judeu, depois para o grego; <sup>11</sup> pois em Deus não há parcialidade. <sup>12</sup> Porque todos os que sem lei pecaram, sem lei também perecerão; e todos os que sob a lei pecaram, pela lei serão julgados. <sup>13</sup> Pois, diante de Deus, não são justos os que somente ouvem a lei, mas os que a praticam; estes serão justificados. <sup>14</sup> Porque, quando os gentios, que não têm lei, praticam as coisas da lei por natureza, embora não tenham lei, tornam-se lei para si mesmos, <sup>15</sup> demonstrando que o que a lei exige está escrito no coração deles, tendo ainda o testemunho da sua consciência e dos seus pensamentos, que ora os acusam, ora os defendem; <sup>16</sup> isso acontecerá no dia em que Deus julgar os pensamentos secretos dos homens, por Cristo Jesus, segundo o meu evangelho.	1Pe 4.17 10 Is 57.19; 1Pe 1.7 11 Dt 10.17; At 10.34 12 1Co 9.21 13 Mt 7.21; 1Jo 3.7
21 2Rs 17.15; Jr 2.5; Ef 4.17-18	E por isso que Deus os entregou à impureza sexual, ao desejo ardente de seus corações, para desonrarem seus corpos entre si; <sup>24</sup> pois substituíram a verdade de Deus pela mentira e adoraram e serviram à criatura em lugar do Criador, que é bendito eternamente. Amém.	<i>Os judeus e a Lei; a verdadeira circuncisão</i> <sup>17</sup> Mas se tu te chamas judeu, te apoias na lei e te glorias em Deus; <sup>18</sup> e conheces a vontade dele, aprovas as coisas excelentes, sendo instruído na lei, <sup>19</sup> e estás convencido de que és guia dos cegos, luz dos que estão nas trevas, <sup>20</sup> instrutor de ignorantes, mestre de crianças, que tens na lei a formulação do conhecimento e da verdade. <sup>21</sup> Tu, pois, que ensinas os outros, não ensinas a ti mesmo? Tu, que pregas que não se deve furtrar, furtas? <sup>22</sup> Tu, que dizes que não se deve cometer adultério, adulteras? Tu, que abominas os ídolos, rouba-lhes os templos? <sup>23</sup> Tu, que te glorias na lei, desonras a Deus pela transgressão da lei? <sup>24</sup> Pois, como está escrito, por vossa causa o nome de Deus é blasfemado entre as nações.	15 Jr 31.33 16 Ec 12.14; At 10.42; 1Co 4.5
22 Jr 10.14; 1Co 1.20	Por isso, Deus os entregou a paixões desonrosas. Porque até as suas mulheres substituíram as relações sexuais naturais pelo que é contrário à natureza. <sup>27</sup> Os homens, da mesma maneira, abandonando as relações naturais com a mulher, arderam em desejo sensual uns pelos outros, homem com homem, cometendo indecência e recebendo em si mesmos a devida recompensa do seu erro. <sup>28</sup> Assim, por haver rejeitado o conhecimento de Deus, foram entregues pelo próprio Deus a uma mentalidade condenável para fazerem coisas que não convêm; <sup>29</sup> cheios de toda forma de injustiça, malícia, cobiça, maldade, inveja, homicídio, discórdia, engano, depravação; sendo intronizados, <sup>30</sup> caluniadores, inimigos de Deus, insolentes, orgulhosos, arrogantes, inventores de males, desobedientes aos pais; <sup>31</sup> insensatos, indignos de confiança, sem afeto natural, sem misericórdia; <sup>32</sup> os quais, conhecendo bem o decreto de Deus, que declara dignos de morte os que praticam essas coisas, não somente as fazem, mas também aprovam os que as praticam.	<sup>25</sup> Porque, de fato, a circuncisão é proveitosa, se cumprires a lei; mas se és transgressor da lei, a tua circuncisão tornou-se incircuncisão. <sup>26</sup> Então, se os que são da incircuncisão cumprirem os preceitos da lei, não serão eles mesmos considerados circuncisos? <sup>27</sup> E, se cumprir a lei aquele que, por natureza, é da incircuncisão, ele julgará a ti, que és transgressor da lei com a letra e a circuncisão. <sup>28</sup> Porque judeu não é quem o é exteriormente, nem é circunciso quem o é apenas no exterior, na carne. <sup>29</sup> Mas judeu é quem o é no interior, e circuncisão é a do coração, realizada pelo Espírito, não pela letra, cujo louvor não provém dos homens, mas de Deus.	17 Is 45.25; Mq 3.11; Mt 3.9; 2Co 11.22 18 Dt 4.8 19 Jo 29.15; Mt 5.14 20 Lc 11.52; 2Tm 1.13 21 Sl 50.16; Mt 23.3,4 22 Mt 3.8; at 19.37 23 Mt 1.6 24 Sm 12.14; Is 52.5; 2Pe 2.2 25 Gl 5.3
23 Dt 4.16; Is 40.18,26; Jr 2.11	<i>O julgamento divino</i>	<i>A fidelidade de Deus</i> <sup>3</sup> Então, que vantagem tem o judeu, ou qual a utilidade da circuncisão? Muita, em todos os sentidos. Em primeiro lugar, porque as palavras de Deus foram confiadas aos judeus. <sup>4</sup> E então? Se alguns foram infiéis, a infidelidade deles anulará a fidelidade de Deus? De modo nenhum! Seja Deus verdadeiro, e todo homem, mentiroso. Como está escrito:	26 At 10.34-35; Ef 2.11 27 Mt 12.41-42; 2Co 3.6
24 Lv 18.22; At 7.42; 1Co 6.18; 1Ts 4.4	Portanto, quando julgas, és indesculpável, ó homem, sejas quem for, pois te condenas naquilo em que julgas o outro; pois tu, que julgas, praticas os mesmos atos. <sup>2</sup> Mas nós sabemos que o julgamento de Deus é de acordo com a verdade contra os que praticam tais atos. <sup>3</sup> E tu, ó homem, que julgas os que praticam tais coisas, mas fazes o mesmo, pensas que escaparás do julgamento de Deus? <sup>4</sup> Ou desprezas as riquezas da sua bondade, tolerância e paciência, ignorando que a graça de Deus te conduz ao arrependimento? <sup>5</sup> Mas, segundo tua teimosia e teu coração que não se arrepende, acumulas ira sobre ti no dia da ira e da revelação do justo julgamento de Deus, <sup>6</sup> que retribuirá a cada um segundo suas obras. <sup>7</sup> Assim, ele dará a vida eterna aos que, perseverando em fazer o bem, procuram glória, honra e imortalidade; <sup>8</sup> mas dará ira e indignação aos egoístas, aos que obedecem ao pecado em vez de obedecer à verdade. <sup>9</sup> Trará tribulação e angústia a todo ser humano	Para que sejas justificado em tuas palavras e venças quando fores julgado.	17 Is 45.25; Mq 3.11; Mt 3.9; 2Co 11.22 18 Dt 4.8 19 Jo 29.15; Mt 5.14 20 Lc 11.52; 2Tm 1.13 21 Sl 50.16; Mt 23.3,4 22 Mt 3.8; at 19.37 23 Mt 1.6 24 Sm 12.14; Is 52.5; 2Pe 2.2 25 Gl 5.3 26 At 10.34-35; Ef 2.11 27 Mt 12.41-42; 2Co 3.6 28 Mt 3.9; Rm 9.6-7; Ap 2.9 29 Dt 10.16; Jr 4.4; At 7.51; Cl 2.11 2 Dt 4.7-8; Sl 147.19-20; Jo 4.22 3 Nm 3.19; 2Tm 2.13; Hb 4.2 4 Jo 9.32; Sl 62.9; Jo 8.26
25 Lv 18.22-23; Jd 10; 1Ts 4.5			
26 Lv 18.22 27 Lv 18.22			
32 Sl 50.18; Lc 11.48; At 8.1; Rm 2.2			
1 2Sm 12.5-7; Mt 7.1; Lc 6.37			
4 Êx 34.6; Is 30.18; Ap 2.21			
5 Dt 32.34; Sl 110.5; Tg 5.3			
6 Jo 34.11; Jr 17.10; Mt 16.27			
7 Lc 8.15			
8 Jo 24.13; 2Ts 1.8			
9 Ez 18.20; Am 3.2.			

Fonte: autor

### 6.3 Verificação

Nesta etapa, os três modelos desenvolvidos foram submetidos à lista de requisitos, de modo a identificar possíveis áreas a serem ainda aperfeiçoadas, além de verificar qual dos três modelos se corresponde melhor aos requisitos adotados. Devido à configuração semelhante de tipografia, alinhamento e espaços, a avaliação dos três modelos é apresentada em uma mesma tabela, com especificações onde os modelos diferem (P1, P6).

**Tabela 3:** Avaliação de modelo: Modelos 1, 2 e 3

<b>AVALIAÇÃO DE MODELO: MODELOS 1, 2 E 3</b>	
<b>REQUISITOS</b>	<b>AVALIAÇÃO</b>
<b>G1.</b> É recomendado que a margem inferior tenha o dobro da medida margem superior, e que a margem externa tenha o dobro da medida da margem interna.	As margens não seguem a especificação da lista.
<b>G2.</b> É recomendado que o espaço entre as colunas tenha metade da medida das margens externas.	O espaço entre as colunas (5 mm) mede metade das margens externas (10 mm).
<b>A1.</b> É recomendado que se use até 2 ou 3 estilos de tipografia na maioria dos casos.	O modelo segue a recomendação da lista, com uso de variações da família Minion Pro: <i>regular</i> , <i>bold</i> e <i>italic</i> .
<b>A2.</b> É recomendado que o corpo de texto principal esteja entre 9 pt e 12 pt.	O corpo de tipo no texto principal é de 9 pt.
<b>A3.</b> O contraste entre títulos, subtítulos, texto etc. deve ser claro.	O contraste entre texto, títulos e subtítulos corresponde aos critérios levantados.
<b>A4.</b> A disposição dos títulos deve ser constantemente simétrica (alinhados à esquerda ou direita) ou assimétrica (centralizados), não alternando entre as duas.	Os títulos são consistentemente alinhados à esquerda.
<b>P1.</b> A linha de texto deve ter entre 45 e 75 caracteres; ou entre 40 e 50, no caso de colunas múltiplas.	No modelo 1 algumas linhas têm menos de 40 caracteres. Nos modelos 2 e 3 as linhas têm em média de 50 a 65 caracteres.
<b>P2.</b> Os parágrafos devem ser recuados na primeira linha (exceto no primeiro parágrafo).	Os parágrafos são recuados na primeira linha.
<b>P3.</b> A medida do recuo deve ser próxima de um “eme” (a medida do corpo do tipo) ou uma entrelinha.	O recuo de parágrafo mede 11 pt, correspondente à entrelinha do texto principal.
<b>P4.</b> Ao inserir citações no texto, deve-se alterar o tipo, tamanho e/ou recuo.	As citações têm alterações no recuo e têm uma entrelinha acrescentada antes e depois. Não há alteração no corpo ou no tipo.
<b>P5.</b> Em textos alinhados à esquerda, a largura das linhas à direita deve variar entre 1/5 e 1/7 da largura da coluna de texto.	Não há variação de largura de linhas à direita, devido ao alinhamento justificado do texto.
<b>P6.</b> Ao final de parágrafos, deve-se evitar as “órfãs” (quando a última linha de um parágrafo começa no início de uma coluna) e as “viúvas” (quando uma palavra sozinha compõe a última linha de um parágrafo).	Órfãs e viúvas não são frequentes no modelo. Durante o desenvolvimento, porém, o aparecimento de órfãs e viúvas foi mais frequente no modelo 1 do que nos modelos 2 e 3.

<b>E1.</b> A entrelinha deve ser 1 ou 2 pontos maior que a altura das caixas baixas.	A entrelinha no texto principal segue as medidas recomendadas pela lista: 9 pt de corpo e 11 pt de entrelinha.
<b>E2.</b> A entrelinha acrescentada em citações ou títulos deve resultar em uma medida correspondente à entrelinha geral do texto, de modo que as linhas opostas estejam alinhadas.	Há acréscimo de uma entrelinha antes de títulos, e antes e depois de citações, na mesma medida da entrelinha geral (11 pt).
<b>E3.</b> Recomenda-se aumentar a entrelinha nos seguintes casos: linhas muito longas, linhas de tamanhos muito variados, tipos mais densos ou com altura-x maior (especialmente sem serifa), palavras mais espaçadas.	Não há variações no texto principal quanto à largura das linhas ou corpo ou densidade do tipo.
<b>X1.</b> Elementos sobrescritos devem estar na mesma fonte que o texto principal, mas em corpo menor.	Os elementos sobrescritos (numeração de versículos) estão na mesma fonte, em versão bold e em tamanho reduzido.
<b>X2.</b> As notas informativas devem ser em corpo menor que o texto principal.	Tanto as notas explicativas como as referências cruzadas estão em corpo de texto menor (7 pt) que o texto principal (11 pt).
<b>X3.</b> Notas de rodapé devem ter entrelinha com medida igual ou ligeiramente menor que a do texto principal.	A entrelinha das notas de rodapé e das referências cruzadas é de 11 pt, correspondente à entrelinha do texto principal.
<b>X4.</b> Notas de rodapé devem ser separadas do texto principal por um espaço maior que a entrelinha geral do texto.	O espaço que separa o texto principal das notas de rodapé (ou das referências cruzadas) é maior que a entrelinha normal.
<b>X5.</b> Recomenda-se que a numeração das páginas esteja próxima aos cantos externos.	A numeração de páginas está em lugar adequado, próximo aos cantos externos.

**Fonte:** autor

### 6.3.1 Considerações e escolha do modelo

Os modelos desenvolvidos e avaliados correspondem à maior parte dos critérios da lista (com exceção do requisito G1, que, conforme explicado, não foi exigido com a mesma rigidez que os demais). As diferenças entre os modelos encontra-se nos itens P1 e P6: o modelo 1 mostra-se menos satisfatório que os modelos 2 e 3, devido às suas linhas curtas, que por vezes ficam abaixo do padrão recomendado (P1) e à maior possibilidade de órfãs e viúvas durante a diagramação.

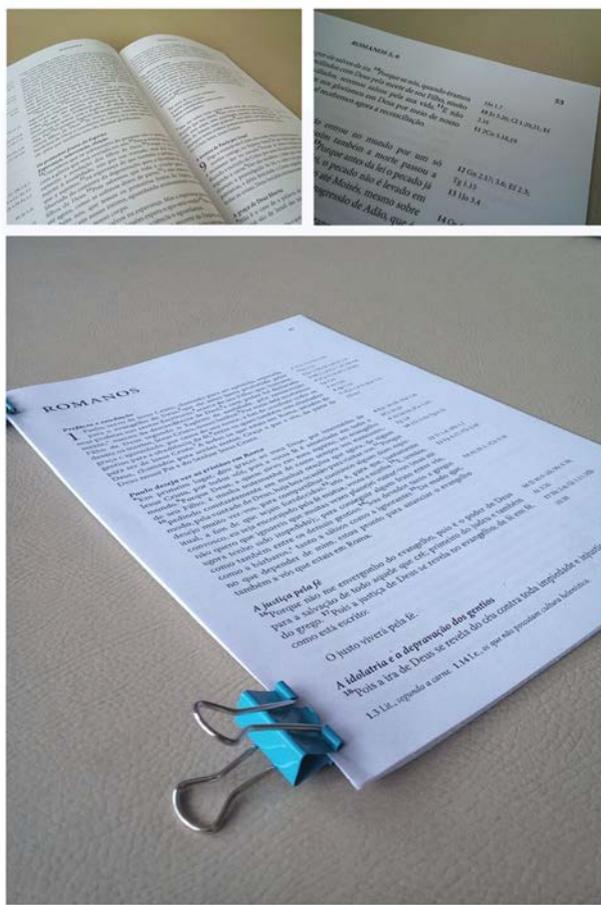
A escolha do modelo final foi reduzida então aos modelos 2 e 3. Visto não haver diferença entre eles em termos de avaliação, optou-se por utilizar os critérios citados no item “4.1 Definição do problema”. Foi mencionado que questões como materiais, número de

páginas e tamanho de páginas seriam mantidos o mais próximo possível do original. Com base nisso, o modelo 3 se mostrou mais satisfatório devido à economia de espaço, e consequentemente, um menor número de páginas. Enquanto na Bíblia Almeida Século 21 o livro de Romanos ocupa 16 páginas, o modelo 1 ocupa 18 páginas, o modelo 2 ocupa 25 páginas e o modelo 3 ocupa 22 páginas.

#### 6.4 Desenho de construção

Segundo Munari (2008, p. 54), “os desenhos de construção devem servir para comunicar todas as informações úteis à confecção de um protótipo”. Neste caso, o equivalente ao desenho de construção é o arquivo digital do texto bíblico pronto para ser impresso e encadernado. Além do arquivo digital, o modelo também foi impresso como um protótipo, que pode ser visto abaixo:

**Figura 25:** Modelo impresso



Fonte: autor

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A avaliação da Bíblia Almeida Século 21 a partir da lista de requisitos possibilitou identificar algumas deficiências no modelo e áreas que necessitavam de aperfeiçoamento. Esses pontos foram levados em consideração durante o processo criativo, que envolveu a execução de exercícios com grid e decisões específicas a respeito do uso da tipografia, da configuração dos parágrafos, da quantidade de colunas para o texto principal, etc. Foram desenvolvidos três modelos, entre os quais um foi selecionado a partir da avaliação dos mesmos com base na lista de requisitos.

Como resultado, foram encontradas soluções para as deficiências identificadas na Bíblia Almeida Século 21. O comprimento das linhas de texto, o corpo do texto principal, a configuração dos parágrafos e a relação entre o texto principal e os elementos extra-textuais foram aprimorados, resultando em um modelo que segue mais adequadamente as recomendações dos autores consultados.

A partir dos resultados obtidos, há a possibilidade de futuramente se aprofundar o estudo aqui apresentado e lidar com aspectos não abordados neste trabalho, tais como um estudo dos materiais empregados, testes com usuários, um estudo de mercado e do público em questão, etc. Há ainda a possibilidade de apresentar o modelo resultante para a editora Vida Nova, como uma possível nova edição da Bíblia Almeida Século 21.

Além do modelo em si, a lista de requisitos resultante da revisão de literatura desenvolvida neste trabalho poderá servir como parâmetro para projetos futuros de diagramação, otimizando o uso de tempo e esforço de designers que procurem um material de consulta rápida para avaliar publicações editoriais e direcionar a criação de novas publicações. Embora tal lista não seja inovadora, a reunião das recomendações dos autores consultados em uma única tabela resultou em uma ferramenta prática para esses fins.

## REFERÊNCIAS

ADOBE SYSTEMS. **Minion Pro: release notes**. 2000.

ALIANÇA GLOBAL WYCLIFFE. **Estatísticas das escrituras & línguas 2016**. 2016.

Disponível em: <<http://www.wycliffe.net/pt/resources/scripture-access-statistics>>. Acesso em: 11 dez. 2016.

ARAÚJO, Emanuel. **A construção do livro: princípios da técnica de editoração**. 2.ed. Rio de Janeiro: Lexicon Editora Digital, 2008.

**Bíblia de Estudo de Genebra**. 2. ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

**Bíblia Sagrada Almeida Século 21: Antigo e Novo Testamentos**. 3.ed. São Paulo: Vida Nova, 2013.

BRINGHURST, Robert. **Elementos do estilo tipográfico**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

CAMARGO, Iara Pierro de. **O paradigma do design do livro invisível**. 2016. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO EM DESIGN, 12., 2016, Belo Horizonte. Anais... São Paulo: Blucher Design Proceedings, 2016.

CROSSWAY. **ESV Reader's Bible, Six-Volume Set**. 2016. Disponível em: <<https://www.crossway.org/bibles/esv-readers-bible-six-volume-set-cob/>>. Acesso em: 13 jan. 2017.

GREENE, Adam Lewis. **The Biblical Library**. 2014. Disponível em: <<http://www.bibliotheca.co/#about>>. Acesso em: 13 jan. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico 2010: características gerais da população, religião e pessoas com deficiência**. Rio de Janeiro, 2012. 211 p. Disponível em:  
<[http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd\\_2010\\_religiao\\_deficiencia.pdf](http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf)>.  
Acesso em: 18 jan. 2017.

JURY, David. **O que é a tipografia?** Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2007.

LOURENÇO, Eduardo. **Qual seu método? Metodologia no design**. Mova Design, 2017.  
Disponível em: <<http://movadesign.com.br/qual-seu-metodo-metodlogia-no-design/>>  
Acesso em: 26 maio 2017.

LUPTON, Ellen. **Pensar com tipos: guia para designers, escritores, editores e estudantes**. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

MUNARI, Bruno. **Das coisas nascem coisas**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

REINKE, Tony. **A short history of bible clutter**. 2016. Disponível em:  
<<http://www.desiringgod.org/interviews/a-short-history-of-bible-clutter>>. Acesso em: 14 dez. 2016.

SAMARA, Timothy. **Elementos do design: guia de estilo gráfico**. Porto Alegre: Bookman, 2010.

SEXTANTE. **O livro da vida**. 2016. Disponível em: <  
<http://www.esextante.com.br/livros/olivrodavida/>>. Acesso em: 13 jan. 2017.

TSCHICHOLD, Jan. **A forma do livro: ensaios sobre tipografia e a estética do livro**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

VASCONCELOS, Luis Arthur Leite de. **Uma investigação em metodologias de design.** 2009. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Design) - Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco.

VIDA NOVA. **Almeida Século 21: descrição.** 2009. Disponível em: <<https://vidanova.com.br/editora/descricao>>. Acesso em: 09 dez. 2016.

VIDA NOVA. **Almeida Século 21: objetivos.** 2009. Disponível em: <<https://vidanova.com.br/editora/objetivos>>. Acesso em: 09 dez. 2016.

WATTS, Trevor. **Type Specimen.** Creative Juice. 2011.

Disponível em:<<http://trevorwatts.com/blog/wp-content/uploads/2011/12/MP-2.png>>

Acesso em: 06 jul. 2017.

## APÊNDICE A - EXERCÍCIO COM DIAGRAMAS - EXEMPLOS

<p style="text-align: center;"><b>Prefácio e saudação</b></p> <p>Paulo, servo de Jesus Cristo, chamado para ser apóstolo, separado para o evangelho de Deus, que ele antes havia prometido pelos seus profetas nas santas Escrituras, acerca de seu Filho, que, humanamente,* nasceu da descendência de Davi, e com poder foi declarado Filho de Deus segundo o Espírito de santidade, pela ressurreição dentre os mortos, Jesus Cristo, nosso Senhor. Por meio dele recebemos graça e apostolado, por causa do seu nome, a fim de conduzir todos os gentios para a obediência da fé, entre os quais também sois chamados para ser de Jesus Cristo. A todos os que estais em Roma, amados de Deus, chamados para serdes santos: Graça e paz a vós, da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo.</p> <p>1.3 <i>Lit., segundo a carne.</i></p> <p>1 1Co 1.1; Gl 1.10; 1Tm 1.11          2 Lc 1.70; Gl 3.8; Tt 1.2;          3 Mt 1.1.6; Lc 1.32; Gl 4.4          4 2Co 13.4; Ef 1.19.20; Fp 3.10          5 At 1.25          6 Ap 7.14          7 1Co 1.2-3; 2Co 1.2; 1Ts 4.7</p>	<p style="text-align: center;"><b>Prefácio e saudação</b></p> <p>Paulo, servo de Jesus Cristo, chamado para ser apóstolo, separado para o evangelho de Deus, que ele antes havia prometido pelos seus profetas nas santas Escrituras, acerca de seu Filho, que, humanamente,* nasceu da descendência de Davi, e com poder foi declarado Filho de Deus segundo o Espírito de santidade, pela ressurreição dentre os mortos, Jesus Cristo, nosso Senhor. Por meio dele recebemos graça e apostolado, por causa do seu nome, a fim de conduzir todos os gentios para a obediência da fé, entre os quais também sois chamados para ser de Jesus Cristo. A todos os que estais em Roma, amados de Deus, chamados para serdes santos: Graça e paz a vós, da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo.</p> <p>1.3 <i>Lit., segundo a carne.</i></p> <p>1 1Co 1.1; Gl 1.10; 1Tm 1.11          2 Lc 1.70; Gl 3.8; Tt 1.2;          3 Mt 1.1.6; Lc 1.32; Gl 4.4          4 2Co 13.4; Ef 1.19.20; Fp 3.10          5 At 1.25          6 Ap 7.14          7 1Co 1.2-3; 2Co 1.2; 1Ts 4.7</p>
<p style="text-align: center;"><b>Prefácio e saudação</b></p> <p>1 1Co 1.1; Gl 1.10; 1Tm 1.11          2 Lc 1.70; Gl 3.8; Tt 1.2;          3 Mt 1.1.6; Lc 1.32; Gl 4.4          4 2Co 13.4; Ef 1.19.20; Fp 3.10          5 At 1.25          6 Ap 7.14          7 1Co 1.2-3; 2Co 1.2; 1Ts 4.7</p> <p style="text-align: center;"><i>1.3 Lit., segundo a carne.</i></p> <p>Paulo, servo de Jesus Cristo, chamado para ser apóstolo, separado para o evangelho de Deus, que ele antes havia prometido pelos seus profetas nas santas Escrituras, acerca de seu Filho, que, humanamente,* nasceu da descendência de Davi, e com poder foi declarado Filho de Deus segundo o Espírito de santidade, pela ressurreição dentre os mortos, Jesus Cristo, nosso Senhor. Por meio dele recebemos graça e apostolado, por causa do seu nome, a fim de conduzir todos os gentios para a obediência da fé, entre os quais também sois chamados para ser de Jesus Cristo. A todos os que estais em Roma, amados de Deus, chamados para serdes santos: Graça e paz a vós, da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo.</p>	<p style="text-align: center;"><b>Prefácio e saudação</b></p> <p>1 1Co 1.1; Gl 1.10; 1Tm 1.11          2 Lc 1.70; Gl 3.8; Tt 1.2;          3 Mt 1.1.6; Lc 1.32; Gl 4.4          4 2Co 13.4; Ef 1.19.20; Fp 3.10          5 At 1.25          6 Ap 7.14          7 1Co 1.2-3; 2Co 1.2; 1Ts 4.7</p> <p style="text-align: center;"><i>1.3 Lit., segundo a carne.</i></p> <p>Paulo, servo de Jesus Cristo, chamado para ser apóstolo, separado para o evangelho de Deus, que ele antes havia prometido pelos seus profetas nas santas Escrituras, acerca de seu Filho, que, humanamente,* nasceu da descendência de Davi, e com poder foi declarado Filho de Deus segundo o Espírito de santidade, pela ressurreição dentre os mortos, Jesus Cristo, nosso Senhor. Por meio dele recebemos graça e apostolado, por causa do seu nome, a fim de conduzir todos os gentios para a obediência da fé, entre os quais também sois chamados para ser de Jesus Cristo. A todos os que estais em Roma, amados de Deus, chamados para serdes santos: Graça e paz a vós, da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo.</p>



**Prefácio e saudação**

Paulo, servo de Jesus Cristo, chamado para ser apóstolo, separado para o evangelho de Deus, que ele antes havia prometido pelos seus profetas nas santas Escrituras, acerca de seu Filho, que, humanamente,\* nasceu da descendência de Davi, e com poder foi declarado Filho de Deus segundo o Espírito de santidade, pela ressurreição dentre os mortos, Jesus Cristo, nosso Senhor. Por meio dele recebemos graça e apostolado, por causa do seu nome, a fim de conduzir todos os gentios para a obediência da fé, entre os quais também sois chamados para ser de Jesus Cristo. A todos os que estais em Roma, amados de Deus, chamados para serdes santos: Graça e paz a vós, da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo.

**1,3 Lit., segundo a carne.**

1 1Co 1.1; Gl 1.10; 1Tm 1.11 2Lc 1.70; Gl 3.8; Tr 1.2; 3 Mt 1.1.6;  
Lc 1.3.2; Gl 4.4 4 2Co 13.4; Ef 1.19.20; Fp 3.10 5 At 1.25  
6 Ap 7.14 7 1Co 1.2-3; 2Co 1.2; 1Ts 4.7

**PREFÁCIO E SAUDAÇÃO**

Paulo, servo de Jesus Cristo, chamado para ser apóstolo, separado para o evangelho de Deus, que ele antes havia prometido pelos seus profetas nas santas Escrituras, acerca de seu Filho, que, humanamente,\* nasceu da descendência de Davi, e com poder foi declarado Filho de Deus segundo o Espírito de santidade, pela ressurreição dentre os mortos,

Jesus Cristo, nosso Senhor. Por meio dele recebemos graça e apostolado, por causa do seu nome, a fim de conduzir todos os gentios para a obediência da fé, entre os quais também sois chamados para ser de Jesus Cristo. A todos os que estais em Roma, amados de Deus, chamados para serdes santos: Graça e paz a vós, da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo.

**1,3 Lit., segundo a carne.**

1 1Co 1.1; Gl 1.10; 1Tm 1.11  
2 Lc 1.70; Gl 3.8; Tr 1.2;  
3 Mt 1.1.6; Lc 1.3.2; Gl 4.4  
4 2Co 13.4; Ef 1.19.20; Fp 3.10  
5 At 1.25  
6 Ap 7.14  
7 1Co 1.2-3; 2Co 1.2; 1Ts 4.7

**PREFÁCIO E SAUDAÇÃO**

Paulo, servo de Jesus Cristo, chamado para ser apóstolo, separado para o evangelho de Deus, que ele antes havia prometido pelos seus profetas nas santas Escrituras, acerca de seu Filho, que, humanamente,\* nasceu da descendência de Davi, e com poder foi declarado Filho de Deus segundo o Espírito de santidade, pela ressurreição dentre os mortos, Jesus Cristo, nosso Senhor. Por meio dele recebemos graça e apostolado, por causa do seu nome, a fim de conduzir todos os gentios para a obediência da fé, entre os quais também sois chamados para ser de Jesus Cristo. A todos os que estais em Roma, amados de Deus, chamados para serdes santos: Graça e paz a vós, da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo.

**1,3 Lit., segundo a carne.**

1 1Co 1.1; Gl 1.10; 1Tm 1.11 2Lc 1.70; Gl 3.8; Tr 1.2; 3 Mt 1.1.6;  
Lc 1.3.2; Gl 4.4 4 2Co 13.4; Ef 1.19.20; Fp 3.10 5 At 1.25  
6 Ap 7.14 7 1Co 1.2-3; 2Co 1.2; 1Ts 4.7

**Prefácio e saudação**

Paulo, servo de Jesus Cristo, chamado para ser apóstolo, separado para o evangelho de Deus, que ele antes havia prometido pelos seus profetas nas santas Escrituras, acerca de seu Filho, que, humanamente,\* nasceu da descendência de Davi, e com poder foi declarado Filho de Deus segundo o Espírito de santidade, pela ressurreição dentre os mortos,

Jesus Cristo, nosso Senhor. Por meio dele recebemos graça e apostolado, por causa do seu nome, a fim de conduzir todos os gentios para a obediência da fé, entre os quais também sois chamados para ser de Jesus Cristo. A todos os que estais em Roma, amados de Deus, chamados para serdes santos: Graça e paz a vós, da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo.

**1,3 Lit., segundo a carne.**

1 1Co 1.1; Gl 1.10; 1Tm 1.11 2Lc 1.70; Gl 3.8; Tr 1.2; 3 Mt 1.1.6; Lc 1.3.2; Gl 4.4  
4 2Co 13.4; Ef 1.19.20; Fp 3.10 5 At 1.25 6 Ap 7.14 7 1Co 1.2-3; 2Co 1.2; 1Ts 4.7

**PREFÁCIO E SAUDAÇÃO**

Paulo, servo de Jesus Cristo, chamado para ser apóstolo, separado para o evangelho de Deus, que ele antes havia prometido pelos seus profetas nas santas Escrituras, acerca de seu Filho, que, humanamente,\* nasceu da descendência de Davi, e com poder foi declarado Filho de Deus segundo o Espírito de santidade, pela ressurreição dentre os mortos, Jesus Cristo, nosso Senhor. Por meio dele recebemos graça e apostolado, por causa do seu nome, a fim de conduzir todos os gentios para a obediência da fé, entre os quais também sois chamados para ser de Jesus Cristo. A todos os que estais em Roma, amados de Deus, chamados para serdes santos: Graça e paz a vós, da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo.

1.3 Lit., segundo a carne.

1 1Co 1.1; Gl 1.10; 1Tm 1.11  
2 Lc 1.70; Gl 3.8; Tt 1.2;  
3 Mt 1.1.6; Lc 1.32; Gl 4.4  
4 2Co 13.4; Ef 1.19,20; Fp 3.10  
5 At 1.25  
6 Ap 7.14  
7 1Co 1.2-3; 2Co 1.2; 1Ts 4.7

**PREFÁCIO E SAUDAÇÃO**

Paulo, servo de Jesus Cristo, chamado para ser apóstolo, separado para o evangelho de Deus, que ele antes havia prometido pelos seus profetas nas santas Escrituras, acerca de seu Filho, que, humanamente,\* nasceu da descendência de Davi, e com poder foi declarado Filho de Deus segundo o Espírito de santidade, pela ressurreição dentre os mortos, Jesus Cristo, nosso Senhor. Por meio dele recebemos graça e apostolado, por causa do seu nome, a fim de conduzir todos os gentios para a obediência da fé, entre os quais também sois chamados para ser de Jesus Cristo. A todos os que estais em Roma, amados de Deus, chamados para serdes santos: Graça e paz a vós, da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo.

1.3 Lit., segundo a carne.

1 1Co 1.1; Gl 1.10; 1Tm 1.11  
2 Lc 1.70; Gl 3.8; Tt 1.2;  
3 Mt 1.1.6; Lc 1.32; Gl 4.4  
4 2Co 13.4; Ef 1.19,20; Fp 3.10  
5 At 1.25  
6 Ap 7.14  
7 1Co 1.2-3; 2Co 1.2; 1Ts 4.7

**Prefácio e saudação**

Paulo, servo de Jesus Cristo, chamado para ser apóstolo, separado para o evangelho de Deus, que ele antes havia prometido pelos seus profetas nas santas Escrituras, acerca de seu Filho, que, humanamente,\* nasceu da descendência de Davi, e com poder foi declarado Filho de Deus segundo o Espírito de santidade, pela ressurreição dentre os mortos, Jesus Cristo, nosso Senhor. Por meio dele recebemos graça e apostolado, por causa do seu nome, a fim de conduzir todos os gentios para a obediência da fé, entre os quais também sois chamados para ser de Jesus Cristo. A todos os que estais em Roma, amados de Deus, chamados para serdes santos: Graça e paz a vós, da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo.

1.3 Lit., segundo a carne.

1 1Co 1.1; Gl 1.10;  
1Tm 1.11  
2 Lc 1.70; Gl 3.8; Tt  
1.2;  
3 Mt 1.1.6; Lc 1.32;  
Gl 4.4  
4 2Co 13.4; Ef  
1.19,20; Fp 3.10  
5 At 1.25  
6 Ap 7.14  
7 1Co 1.2-3; 2Co 1.2;  
1Ts 4.7

**PREFÁCIO E SAUDAÇÃO**

Paulo, servo de Jesus Cristo, chamado para ser apóstolo, separado para o evangelho de Deus, que ele antes havia prometido pelos seus profetas nas santas Escrituras, acerca de seu Filho, que, humanamente,\* nasceu da descendência de Davi, e com poder foi declarado Filho de Deus segundo o Espírito de santidade, pela ressurreição dentre os mortos, Jesus Cristo, nosso Senhor. Por meio dele recebemos graça e apostolado, por causa do seu nome, a fim de conduzir todos os gentios para a obediência da fé, entre os quais também sois chamados para ser de Jesus Cristo. A todos os que estais em Roma, amados de Deus, chamados para serdes santos: Graça e paz a vós, da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo.

1.3 Lit., segundo a carne.

1 1Co 1.1; Gl 1.10;  
1Tm 1.11  
2 Lc 1.70; Gl 3.8; Tt  
1.2;  
3 Mt 1.1.6; Lc 1.32;  
Gl 4.4  
4 2Co 13.4; Ef  
1.19,20; Fp 3.10  
5 At 1.25  
6 Ap 7.14  
7 1Co 1.2-3; 2Co 1.2;  
1Ts 4.7

**PREFÁCIO E SAUDAÇÃO**

Paulo, servo de Jesus Cristo, chamado para ser apóstolo, separado para o evangelho de Deus, que ele antes havia prometido pelos seus profetas nas santas Escrituras, acerca de seu Filho, que, humanamente,\* nasceu da descendência de Davi, e com poder foi declarado Filho de Deus segundo o Espírito de santidade, pela ressurreição dentre os mortos, Jesus Cristo, nosso Senhor. Por meio dele recebemos graça e apostolado, por causa do seu nome, a fim de conduzir todos os gentios para a obediência da fé, entre os quais também sois chamados para ser de Jesus Cristo. A todos os que estais em Roma, amados de Deus, chamados para serdes santos: Graça e paz a vós, da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo.

*1.3 Lit., segundo a carne.*

1 1Co 1.1; Gl 1.10; 1Tm 1.11 2 Lc 1.70; Gl 3.8; Tt 1.2; 3 Mt 1.1,6; Lc 1.32; Gl 4.4 4 2Co 13.4; Ef 1.19,20; Fp 3.10 5 At 1.25 6 Ap 7.14 7 1Co 1.2-3; 2Co 1.2; 1Ts 4.7

**Prefácio e saudação**

Paulo, servo de Jesus Cristo, chamado para ser apóstolo, separado para o evangelho de Deus, que ele antes havia prometido pelos seus profetas nas santas Escrituras, acerca de seu Filho, que, humanamente,\* nasceu da descendência de Davi, e com poder foi declarado Filho de Deus segundo o Espírito de santidade, pela ressurreição dentre os mortos, Jesus Cristo, nosso Senhor. Por meio dele recebemos graça e apostolado, por causa do seu nome, a fim de conduzir todos os gentios para a obediência da fé, entre os quais também sois chamados para ser de Jesus Cristo. A todos os que estais em Roma, amados de Deus, chamados para serdes santos: Graça e paz a vós, da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo.

*1.3 Lit., segundo a carne.*

1 1Co 1.1; Gl 1.10; 1Tm 1.11 2 Lc 1.70; Gl 3.8; Tt 1.2; 3 Mt 1.1,6; Lc 1.32; Gl 4.4 4 2Co 13.4; Ef 1.19,20; Fp 3.10 5 At 1.25 6 Ap 7.14 7 1Co 1.2-3; 2Co 1.2; 1Ts 4.7

**PREFÁCIO E SAUDAÇÃO**

1 1Co 1.1; Gl 1.10; 1Tm 1.11 Paulo, servo de Jesus Cristo, chamado para ser apóstolo, separado para o evangelho de Deus, que ele antes havia prometido pelos seus profetas nas santas Escrituras, acerca de seu Filho, que, humanamente,\* nasceu da descendência de Davi, e com poder foi declarado Filho de Deus segundo o Espírito de santidade, pela ressurreição dentre os mortos, Jesus Cristo, nosso Senhor. Por meio dele recebemos graça e apostolado, por causa do seu nome, a fim de conduzir todos os gentios para a obediência da fé, entre os quais também sois chamados para ser de Jesus Cristo. A todos os que estais em Roma, amados de Deus, chamados para serdes santos: Graça e paz a vós, da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo.

*1.3 Lit., segundo a carne.*

2 Lc 1.70; Gl 3.8; Tt 1.2; 3 Mt 1.1,6; Lc 1.32; Gl 4.4 4 2Co 13.4; Ef 1.19,20; Fp 3.10 5 At 1.25 6 Ap 7.14 7 1Co 1.2-3; 2Co 1.2; 1Ts 4.7

**PREFÁCIO E SAUDAÇÃO**

Paulo, servo de Jesus Cristo, chamado para ser apóstolo, separado para o evangelho de Deus, que ele antes havia prometido pelos seus profetas nas santas Escrituras, acerca de seu Filho, que, humanamente,\* nasceu da descendência de Davi, e com poder foi declarado Filho de Deus segundo o Espírito de santidade, pela ressurreição dentre os mortos, Jesus Cristo, nosso Senhor. Por meio dele recebemos graça e apostolado, por causa do seu nome, a fim de conduzir todos os gentios para a obediência da fé, entre os quais também sois chamados para ser de Jesus Cristo. A todos os que estais em Roma, amados de Deus, chamados para serdes santos: Graça e paz a vós, da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo.

*1.3 Lit., segundo a carne.*

1 1Co 1.1; Gl 1.10; 1Tm 1.11 2 Lc 1.70; Gl 3.8; Tt 1.2; 3 Mt 1.1,6; Lc 1.32; Gl 4.4 4 2Co 13.4; Ef 1.19,20; Fp 3.10 5 At 1.25 6 Ap 7.14 7 1Co 1.2-3; 2Co 1.2; 1Ts 4.7

1 1Co 1.1; Gl 1.10; 1Tm 1.11 2 Lc 1.70; Gl 3.8; Tt 1.2; 3 Mt 1.1,6; Lc 1.32; Gl 4.4 4 2Co 13.4; Ef 1.19,20; Fp 3.10 5 At 1.25 6 Ap 7.14 7 1Co 1.2-3; 2Co 1.2; 1Ts 4.7

## APÊNDICE B - EXERCÍCIO DE LAYOUT - EXEMPLOS



